

**UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ**

**Leandro Vieira Morgado**

**UM GENOCÍDIO CONTRA A HUMANIDADE**

**As causas que contribuíram para o extermínio do povo armênio no  
território otomano**

**TAUBATÉ- SP**

**2019**

**SIBi - Sistema integrado de Bibliotecas – UNITAU**

M847u Morgado, Leandro Vieira

Um genocídio contra a humanidade: as causas que  
contribuíram para o extermínio do povo armênio no território  
otomano / Leandro Vieira Morgado . -- 2019.

108 f.: il.

Monografia (graduação) - Universidade de Taubaté,  
Departamento de Ciências Sociais e Letras, 2019.

Orientação: Prof. Me. Armino Boll, Departamento de Ciências  
Sociais e Letras.

1. Genocídio armênio. 2. Império Otomano. 3. Armênia.  
I. Título

CDD – 907

**LEANDRO VIEIRA MORGADO**

**UM GENOCÍDIO CONTRA A HUMANIDADE**

**As causas que contribuíram para o extermínio do povo armênio no  
território otomano**

Monografia apresentada para obtenção da  
graduação pelo curso de História do De-  
partamento de Ciências Sociais e Letras  
da Universidade de Taubaté.

Orientador: Prof. Me. Armindo Boll

**TAUBATÉ- SP**

**2019**

**LEANDRO VIEIRA MORGADO**

**UM GENOCÍDIO CONTRA A HUMANIDADE**

**As causas que contribuíram para o extermínio do povo armênio no  
território otomano**

Monografia apresentada para obtenção da  
graduação pelo curso de História do De-  
partamento de Ciências Sociais e Letras  
da Universidade de Taubaté.

Taubaté, 18 de dezembro de 2019.

**BANCA EXAMINADORA**

Prof. Me. Armino Boll

Universidade de Taubaté

Prof. Dr. André Luiz da Silva

Universidade de Taubaté

Prof. Dr. Isnard de Albuquerque Câmara Neto

Universidade de Taubaté

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiro a Deus por ter me fornecido saúde, força e sabedoria para chegar até o final deste projeto.

Ao professor Me. Armindo Boll, por me incentivar a debruçar sobre este tema com total dedicação, por aceitar este desafio de trabalhar junto a mim e me orientar nesse estudo.

Aos meus pais, Luís Carlos Morgado e Maria Madalena Vieira Morgado, por me incentivarem e me darem forças para a elaboração deste trabalho.

Aos meus familiares, que sempre estiveram ao meu lado me incentivando e fornecendo suporte sempre que precisei.

Aos meus colegas de curso, Murilo, Vinícius, Luciano, Guilherme, Antônio, Thomas, Anna Cláudia, Isabela, José, Letícia Brandão, entre outros que pude conviver, compartilhar conhecimentos e experiências durante todo o curso.

Aos meus supervisores de estágio, Marcelo, Francisco, Ludmilla e Sandra, que me proporcionaram conhecimento e admiração pela educação.

Aos meus colegas do projeto Escola da Família, com quem trabalhei durante os meus três anos de formação.

Ao Prof. Dr. Isnard e ao Prof. Dr. André Luiz, por terem aceito avaliar e participar da banca avaliadora.

A todos os professores que passaram pela minha formação acadêmica e me serviram de exemplo.

Aos meus amigos, Ana Paula, Erika, Leonardo, Tamires e Thayna Pelli, por terem me incentivado a persistir na minha formação acadêmica.

Por último, quero agradecer também à Universidade de Taubaté, seu corpo docente, direção e administração, por me fornecerem o suporte adequado para trilhar este caminho.

“A História está repleta de pessoas que, como resultado do medo, ou por ignorância, ou por cobiça de poder, destruíram conhecimentos de imensurável valor que, em verdade, pertenciam a todos nós. Nós não devemos deixar isso acontecer de novo.”

(Carl Sagan)

## **RESUMO**

O presente estudo busca analisar os crimes cometidos contra a população armênia em território otomano entre o fim do século XIX e o início do século XX, com enfoque maior nos crimes ocorridos durante a Primeira Guerra Mundial, destacando o planejamento adotado pelos governantes otomanos a fim de retirar toda a população armênia do território otomano. Abordaremos a história dos povos envolvidos, com o objetivo de facilitar a inserção no tema. Esta pesquisa desenvolveu-se a partir do método exploratório, a fim de fornecer informações sobre o tema para que o leitor possa ter uma ciência dos eventos ocorridos. Esta pesquisa buscou, através de uma revisão bibliográfica, explorar os fatores que levaram à prática do genocídio das cidades e vilas armênias em solo otomano, verificou-se a importância de apresentar de forma clara e objetiva os diversos conflitos, externos e internos, que abalaram sistematicamente o governo otomano. Procuramos, ainda, apresentar detalhadamente os atos que foram cometidos contra a população armênia, com relatos dos crimes, das leis adotadas pelo governo otomano e a posição dos líderes otomanos e mundiais com relação aos acontecimentos.

**Palavras Chave:** Genocídio Armênio; Império Otomano; Armênia

## **ABSTRACT**

The present study seeks to analyze the crimes committed against the Armenian population in Ottoman territory between the late nineteenth and early twentieth centuries, by focussing on crimes during World War I, highlighting the planning adopted by the Ottoman rulers to remove the entire Armenian population from Ottoman territory. We will approach the history of the people involved, with the aim of facilitating the insertion in the theme. This research was developed from the exploratory method in order to provide information about the subject so that the reader can be aware of the events that occurred. This research, through a literature review, aimed to explore the factors that led to the genocide practice of Armenian cities and towns on Ottoman soil and found the importance of presenting clearly and objectively the several, external and internal conflicts that shook systematically Ottoman government. We also seek to present in detail the acts that were committed against the Armenian population, with reports of the crimes, the laws adopted by the Ottoman government and the position of their Ottoman and world leaders about the events.

**Keywords:** Armenian Genocide; Ottoman Empire; Armenia



## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Imagem 1: Reino de Urartu (860 – 590 a.C.) .....	15
Imagem 2: Mapa do Oriente Médio por volta de 60 d.C. ....	17
Imagem 3: Reino da Armênia entre os anos 95-50 a.C. ....	18
Imagem 4: Armênia governada pela Dinastia Arsácida no início do século IV .....	19
Imagem 5: Divisão da Armênia entre Império Romano Bizantino e Império Sassânida século VI .....	20
Imagem 6: Conquistas árabes entre os anos 622-750 d.C. ....	22
Imagem 7: Reino da Armênia sob domínio da Dinastia Bragátida .....	23
Imagem 8: Mapa da Armênia desde Tigranes até os dias atuais .....	24
Imagem 9: Expansão do Império Árabe durante a Dinastia Omíada .....	28
Imagem 10: Mapa de Mediterrâneo Oriental no ano 1450 .....	36
Imagem 11: A extensão do Império Otomano entre 1300 – 1683 .....	40
Imagem 12: Cáucaso, área de disputa durante a guerra russo-persa .....	43
Imagem 13: Mapa da Turquia no ano de 1992 .....	49
Imagem 14: Assassinato dos líderes armênios em Constantinopla .....	68
Imagem 15: Refugiados armênios em transporte .....	72
Imagem 16: Mulher armênia marcada como escrava para ser leiloadada .....	74
Imagem 17: Ferrovia Berlim-Bagdá .....	76
Imagem 18: Deportação da população através da ferrovia Berlim- Bagdá .....	78
Imagem 19: Refugiados armênios marchando nos terrenos acidentados .....	80
Imagem 20: Órfãos refugiados em Vagharshapat, atual Armênia.....	85
Imagem 21: Fumaça provocada pelo grande incêndio na cidade de Esmirna em 1922.....	100

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	10
1. HISTÓRIA POLÍTICO-GEOGRÁFICA DA ARMÊNIA.....	13
1.1 Introdução à História da Armênia.....	13
1.2 A breve História do Oriente Médio.....	24
1.3 A formação do Império Otomano.....	31
2. PRIMEIROS CONFLITOS.....	42
2.1 A divisão da Armênia.....	43
2.2 Os massacres hamidianos.....	46
2.3 Governo do Comitê de União e Progresso.....	56
3. O PROCESSO GENOCIDA.....	66
3.1 Planos de extradição e desocupação das comunidades armênias.....	66
3.2 O posicionamento das autoridades.....	85
3.3 O fim da guerra e o fim do Império Otomano.....	92
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	103
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	107

## INTRODUÇÃO

O século XX ficou marcado por ter sido um período em que ocorreram inúmeros eventos de grande importância econômica, geográfica, cultural e política na história mundial. Além da violência, dos milhões de mortos, feridos e refugiados das Primeira e Segunda Guerras Mundiais, o século XX também ficou marcado por crimes contra a humanidade, dentre os mais terríveis e mais conhecidos no século XX está o Holocausto, a perseguição e massacre contra o povo judeu, durante a Segunda Guerra Mundial. Entretanto, houve também, diversos crimes contra a humanidade, não menos importantes, mas que permanecem até hoje desconhecidos por muitos de nós. Esta pesquisa tem como objetivo abordar um destes crimes contra a humanidade a fim de buscar compreender os motivos que levaram os líderes políticos a realizarem tal fato.

Trataremos do genocídio realizado pelo Império Otomano contra o povo armênio durante a Primeira Guerra Mundial, o qual vivia nas terras da Anatólia. Sabe-se, devido às fontes documentais utilizadas nesta pesquisa, que milhares de armênios foram mortos entre 1870 a 1930, sendo aproximadamente 1,5 milhões de pessoas assassinadas. Nesse caso, há um agravante que impede o conhecimento sobre o genocídio armênio, pois até hoje o crime não foi reconhecido por alguns países e, inclusive pela própria Turquia, autora do genocídio. Buscaremos nesta pesquisa conhecer a história dos povos e da região em que ocorreram os crimes, destacando as crises políticas e sociais que motivaram a realização do genocídio, a fim de identificar quais foram os personagens principais e discutir as consequências desse processo, buscando, compreender os fatores que resultaram em um dos grandes crimes contra a humanidade.

Percebendo a falta de conhecimento e de pesquisas acerca dos crimes ocorridos contra as populações armênias no século XX, esta pesquisa tem como proposta atrair a atenção para o tema a fim de expor os motivos que levaram a realização dos crimes. Outro fator que me chamou a atenção, em particular, é que após um século dos acontecimentos, o povo armênio permanece lutando pelo reconhecimento total dos crimes ocorridos, através de manifestações e plebiscitos. A falta do reconhecimento do genocídio, por parte de alguns países, ainda ocasiona diversos debates no exterior, principalmente nos Estados Unidos, onde há uma grande concentração de

armênios. Tendo em vista estes fatores, este trabalho tem também como proposta incentivar as futuras gerações de alunos a realizarem pesquisas sobre temas desconhecidos pelo público a fim de apresentar para a sociedade novos olhares e novos temas da História do mundo.

Esta pesquisa desenvolveu-se a partir do método exploratório, a fim de fornecer informações sobre o tema para que o leitor possa ter uma ciência dos eventos ocorridos. Esta pesquisa buscou, através de uma revisão bibliográfica, explorar os fatores que levaram à prática do genocídio das cidades e vilas armênias em solo otomano. Para compreender as questões políticas, sociais e econômicas nós utilizamos de algumas obras destacando “Declínio e Queda do Império Otomano”, do historiador Alan Palmer (1992), na qual o autor evidencia todos os processos que levaram à ascensão e à queda do Império Otomano. Para compreendermos a formação e a história da Armênia, foi utilizada a obra, “Passagem para Ararat”, de Michael John Arlen (1978). A fim de ilustrar os eventos e as questões políticas por detrás dos acontecimentos utilizamos duas obras, “Atrocidades Turcas na Armênia”, dos historiadores Arnold Toynbee e Lord James Bryce (2003), além de “A história do embaixador Morgenthau”, de Henry Morgenthau (2010), na qual são relatados crimes promovidos pelo governo turco contra as populações armênias, como também os diálogos do embaixador americano Henry Morgenthau Jr. com os membros do governo turco e alemão.

No primeiro capítulo desta pesquisa buscamos analisar a história dos armênios, com um breve estudo sobre sua origem, formação e estabelecimento na região como sociedade, procurar entender as transformações políticas, sociais e territoriais deste povo até a sua dominação pelo Império Otomano. Neste capítulo também fizemos um breve relato sobre a história do Oriente Médio a fim de compreender a história, a formação e a expansão dos povos da região, com grande influência da religião islâmica. Por fim, tratamos dos fatores que permitiram aos turcos criarem e organizarem em um longo e vasto império após a conquista de Constantinopla.

No segundo capítulo são apresentados ao leitor os fatores que deram início a um desentendimento entre turcos e armênios após a divisão da Armênia entre o Império Otomano e Império Russo. Posteriormente à essa divisão e com menor representação política e social para os armênios do lado russo da fronteira, deu-se início a uma movimentação política armênia que não foi bem recebida pelos otomanos. Considerando estes acontecimentos, destacamos os motivos que levaram à prática dos

primeiros crimes contra as populações armênias que viviam em solo otomano. Além dos conflitos nas aldeias e cidades armênias, outras tensões tomavam conta do império decadente e prestes a ruir e, por isso, descrevemos, ainda, neste capítulo os inúmeros conflitos internos e externos que levaram a ascensão de um grupo revolucionário a fim de conter o declínio do Império Otomano.

Por fim, no terceiro e último capítulo, refletimos sobre o processo que o governo otomano teve com relação à política adotada contra a população armênia, destacando os pontos principais que serviram de base para arquitetar os crimes de forma organizada e sigilosa. Discorreremos, ainda, sobre os fatores que levaram à entrada do Império otomano na Primeira Guerra Mundial tendo, como peça fundamental, a participação da Alemanha. Ademais, relatamos nesta pesquisa a forma com que os líderes otomanos e alemães reagiam aos seus atos e como se comportavam quando confrontados sobre os crimes que estavam sendo realizados diante de seus olhos. Por fim, ressaltamos os problemas que foram acumulados no pós-guerra e que ocasionaram o fim do Império Otomano.

## 1.HISTÓRIA POLÍTICO-GEOGRÁFICA DA ARMÊNIA

Vemos, através da história, inúmeras civilizações que aparecem e desaparecem ao longo dos séculos, algumas passam por fases de expansão e retração e outras se mantêm até os dias de hoje. Com o povo armênio não é diferente, sendo um dos povos mais antigos do mundo, os armênios passaram por diversos períodos críticos. A região onde a Armênia está situada foi diversas vezes invadida por povos que exploravam estes territórios, dentre eles persas, gregos, romanos, mongóis, árabes e povos turcos; mas também viveu momentos de paz e prosperidade que resultaram em um dos grandes reinos e centros urbanos que existiram no mundo, onde foi possível preservar sua identidade cultural e religiosa, mesmo com grandes perturbações em seus territórios.

### 1.1 Introdução à História da Armênia

Estima-se que a vida na região onde está localizada atualmente a Armênia, tenha surgido por volta de 3000 – 2500 a.C., habitada por diversas tribos e impérios, entre eles os Império Hitita<sup>1</sup>, Império Hurrita<sup>2</sup>, povos de Urartu e Hayasa-Azzi<sup>3</sup>. Com o passar dos anos, os Impérios Hitita e Hurrita foram se enfraquecendo e se fragmentando e surgiram, então, povos que passaram a ser dominantes nestas terras altas da Armênia que ficaram conhecidos como povos Nairi, um conglomerado de vilas e cidades que se opunham aos assírios. Calcula-se que a região, onde estavam localizados estes povos, se estendia desde as montanhas de Tur-Abdin até o Lago Van.

Os povos Nairi permaneceram estabelecidos nesta região por aproximadamente trezentos anos, muito possivelmente, a ameaça dos assírios fez com que os reinos Nairi se unissem ao reino Urartu<sup>4</sup>, um povo que ficava localizado acima do Lago

---

<sup>1</sup> Os hititas, povo de origem Indo-europeu, desenvolveu-se nas terras da Anatólia, onde está localizada hoje a Turquia. Este povo permaneceu por volta de 800 anos nesta região, ficaram conhecidos pela força, diplomacia e sabedoria.

<sup>2</sup> O povo Hurrita se estabeleceu na Mesopotâmia juntamente com outros povos, tendo como maior obra a fundação de um grande reino denominado Reino e Mitani. Este povo ficou conhecido por serem grandes criadores de cavalos a ponto de serem um dos primeiros a introduzi-los como armas em batalhas. O povo hurrita teve seu fim após serem derrotados pelos Hititas.

<sup>3</sup> Hayasa-Azzi foi um pequeno povoado que viveu onde hoje está situada a Armênia durante a Idade do Bronze (3000 a.C. – 1200 a.C.). O nome Armênia é um exônimo, já que o nome do país em armênio é Hayastan que significa Terra de Haico, patriarca e fundador da Nação Armênia.

<sup>4</sup> Urartu ou Reino de Van (860 a.C. - 590 a.C.) foi um agrupamento de pequenos reinos que estavam localizados nas terras armênias, leste da Turquia e noroeste do Irã. O nome Urartu, tem como significado “lugar alto” em assírio, possivelmente relacionado ao ambiente em que viviam.

Van nas proximidades do monte Ararate<sup>5</sup>, o que resultou num conglomerado de reinos que posteriormente ficou conhecido como Reino de Van, o qual se notabilizou por ameaçar o poderio assírio através de seu grande desenvolvimento cultural e bélico.

Os urartianos se desenvolveram na agricultura devido às planícies férteis às margens dos rios que cortavam o reino, na cerâmica, na escrita cuneiforme assíria incorporando e expandindo sua própria língua. Além disso, construíram grandes fortalezas, desenvolveram a criação de animais como ovelhas, gado e cabras. Usavam grandes rotas comerciais e avançaram tecnologicamente nos armamentos de guerra, principalmente nos carros de guerra e armaduras.

A disputa entre assírios e urartianos do reino de Van durou aproximadamente trezentos anos e devido à quantidade de guerras, seu governo ficou insustentável. O reino de Van acabou se dividindo em várias tribos, fazendo com que houvesse enfraquecimento militar, pois, estes povos acabaram sofrendo invasões e foram dominados em suas terras, especialmente pelos Medos<sup>6</sup>.

---

<sup>5</sup> O Monte Ararate, hoje localizado na Turquia, é um dos maiores símbolos para os armênios, possui seu ponto mais alto chegando a 5.165 metros do nível do mar. Segundo o livro do Gênesis, localizado na bíblia sagrada, foi no Monte Ararate que a Arca de Noé atracou após o fim do dilúvio.

<sup>6</sup> Os Medos foram um povo que habitou a região da Média (região onde fica localizado o Irã), que ficava ao noroeste da Pérsia, ao sul e sudoeste do mar Cáspio, ao oriente da Armênia e da Assíria. Os medos dominaram a região do planalto iraniano e, com um hábil e organizado exército, submeteram vários povos que viviam na região, entre esses povos estavam os persas que. Com a chegada de Ciro, o Grande, ao trono persa, este liderou um exército e conquistou os Medos, transformando-se no imperador único dos povos que viviam no território iraniano.

**Imagem 1:** Reino de Urartu (860 – 590 a.C.)



Fonte: Armenica.org. Disponível em: <<http://www.armenica.org/history/maps/13-Urartu-9-6mta.gif>> Acesso 22/05/2019

Após ser fragmentado, os urartianos foram incorporados ao Império Aquemênida de Ciro, o Grande, e governados pela Dinastia Oronita (570-200 a.C.). Esta dinastia governava a região da Armênia através de sátrapas que nada mais eram do que governadores escolhidos pelo imperador e que tinham, como obrigação, seguir as ordens do império. Coletavam tributos, coordenavam a defesa nas cidades, eram o juiz das províncias e controlavam os exércitos locais contra invasões. A primeira aparição do nome Armênia foi registrada por Dario I após uma onda de revoltas, depois de sua ascensão ao trono em 522 a.C.:

“Diz Dario, o Rei: - Enquanto eu estava na Babilônia, essas nações revoltaram-se contra mim: Pérsia, Susa, Média, Assíria, Arminaya, Pártia, Margiana, Satagídia e Sácia.

Diz Dario, o Rei: Então mandei à Arminaya um de meus servos, um arminiano, de nome Dardasus.

Disse a ele: Minhas saudações. Se um estado rebelde não puder me obedecer, proste-o. Dardasus então marchou. Quando alcançou Arminia, os rebeldes vieram ao seu encontro, e lá travou-se a batalha. Zuzza por nome, uma aldeia de Arminia, eles ocuparam. O Deus Ahuramazda me trouxe auxílio. Minhas forças derrotaram inteiramente o exército rebelde.” (ARLEN, 1978, p. 17)



A resistência armênia aos persas não obteve êxito e estes permaneceram sob domínio de Dario. Para os persas a região da Armênia era proveitosa, além de possuir uma grande proteção contra invasões devido ao terreno elevado, a região era boa para o cultivo de alimentos, criação de animais, para o fornecimento de homens para o exército e pagamentos de tributos. Com o passar dos séculos a cultura persa foi se fundindo com as antigas culturas que ainda permaneciam com os descendentes do urartianos. A conquista de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, não alterou a forma de governo na Armênia, que continuou sendo responsável pelos persas, estes permaneceram governando após a morte de Alexandre durante o Império Selêucida<sup>7</sup>, que governou a Armênia de 321 a.C até 260 a.C.

A partir de 260 a.C. houve uma ruptura entre selêucidas e orontidas, então os orontidas iniciaram seu próprio governo, fundaram cidades, cunharam sua própria moeda e desenvolveram-se pela região. Com passar dos anos, o ressurgimento dos persas foi afetando a região e obrigou os reis orontidas a lutarem pelas terras contra o Império Parta<sup>8</sup>. Em 190 a.C., a Dinastia Oronita foi substituída agora pela Dinastia Artaxíada<sup>9</sup> que foi fundada pelo rei Artaxias I, rei da Armênia, o qual reinou por mais de vinte anos, e que teve como principal feito a construção da cidade de Artaxata, que foi projetada pelo general cartaginês Aníbal<sup>10</sup>.

Neste período o império romano já havia chegado na região que compunha as terras da Armênia. Neste período, o relacionamento entre romanos e armênios foram amistosos, sem conflitos entre eles. Havia uma atenção especial dada pelos romanos às terras armênias, pois essa região servia como uma divisão entre o Império Romano e Império parta, além de ser uma terra onde havia boa possibilidade de comércio com a Índia.

---

<sup>7</sup> Foi um Estado helenístico governado pela dinastia selêucida fundada por Seleuco I Nicátor após a divisão do império criado por Alexandre, o Grande. No auge de seu poder, o Império Selêucida incluía o território do que hoje são a Turquia, Síria, Líbano, Iraque, Kuwait, Irã, Afeganistão, Armênia, Tadjiquistão, Uzbequistão, Turquemenistão, Paquistão, Israel e os territórios palestinos.

<sup>8</sup> O Império Parta (247 a.C. - 224 d.C.) ou também conhecido como Arsácida, devido rei Arsáces I, fundador da Pártia. Foi uma das principais potências político-culturais iranianas da Pérsia Antiga.

<sup>9</sup> Fundada por Artaxias I da Armênia, foi uma dinastia que governou o Reino da Armênia de 189 a.C. até sua derrubada pelos romanos em 12 d.C., teve como principais rivais os romanos, o Império Selêucida e o Império Parta, contra os quais os armênios conduziram várias guerras.

<sup>10</sup> Aníbal Barca (247 a.C.- 183 a.C.) foi um importante estadista e general cartaginês, considerado um dos principais militares da antiguidade. Aníbal destacou-se pela sua qualidade como estrategista militar durante a Segunda Guerra Púnica, entre Roma e Cartago.

**Imagem 2:** Mapa do Oriente Médio por volta de 60 d.C.



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra\\_romano-parta\\_de\\_216%E2%80%9393217#/media/File:Roman\\_East\\_50-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Guerra_romano-parta_de_216%E2%80%9393217#/media/File:Roman_East_50-pt.svg)> Acesso em 25/05/2019

Na história da Armênia um dos seus maiores reis foi Tigranes II, que governou e expandiu as terras durante seus quarenta anos no poder e se tornou um dos reis mais poderosos da Ásia ocidental, além de conquistar a maior quantidade territorial que a Armênia já possuiu até hoje. Seu território se estendia desde o Mar Negro até o Mar Mediterrâneo e ocupou a Capadócia, resgatou terras armênias que foram conquistadas pelos Partas e se casou com a filha de Mitridates, rei de Ponto<sup>11</sup>. Esse casamento fez com que os romanos ficassem atentos à união do rei armênio com o rei dos partos, que era inimigo feroz de Roma. Em resposta a essa união Lúculo atacou (Mitridates) e (Tigranes) devastando a cidade de Tigranocerta, fazendo com que o rei Tigranes cedesse algumas de suas conquistas. Após vários ataques, o reino da Armênia foi integrado ao império romano e foi concedido a Tigranes a administração de um pequeno espaço que lhe havia sobrado, que governou as terras concedidas como súdito de Roma até a sua morte, em 55 a.C.

Após a morte de Tigranes, o pequeno reino da Armênia continuou a ser governado através de uma aliança com o Império Romano. Nesse período houve inúmeras

<sup>11</sup> O Reino do Ponto (281 a.C.- 62 a.C.) foi um antigo Estado helenístico, estava localizado ao norte da península do Mar Negro.

guerras entre romanos e partos. Entre essas guerras, uma contou com a invasão de Vologases I<sup>12</sup> às terras armênias, que rompia um pacto antigo entre romanos e partos, no qual a armênia teria governantes coroados apenas pelo Império Romano. Após uma década de confrontos, os romanos e partos entraram em um acordo que estabeleceu que Parta iria indicar o governante, porém, somente o imperador romano poderia coroá-lo. Este acordo foi mantido entre os anos 63-114 d.C. quando Trajano declarou guerra à Partia e anexou os territórios armênios aos do Império Romano definitivamente.

**Imagem 3:** Reino da Armênia entre os anos 95-50 a.C.



Fonte: [www.armenica.org](http://www.armenica.org). Disponível em: <[https://en.wikipedia.org/wiki/Kingdom\\_of\\_Armenia\\_\(antiquity\)#/media/File:Maps\\_of\\_the\\_Armenian\\_Empire\\_of\\_Tigranes.gif](https://en.wikipedia.org/wiki/Kingdom_of_Armenia_(antiquity)#/media/File:Maps_of_the_Armenian_Empire_of_Tigranes.gif)> Acesso em 28/05/2019

<sup>12</sup> Considerado Rei dos reis, Vologases I governou a Pártia entre os anos 51 d.C.–78 d.C.

Com a saída de Trajano e a ascensão de Adriano ao trono, a Armênia deixou de ser uma parte do império romano e passou a ser administrada por locais, admitindo assim sua Independência. Cem anos após a independência das terras armênias houve a ascensão do Império Sassânida<sup>13</sup>, governado pela Dinastia sassânida que veio após a queda da Dinastia Arsácida. Os sassânidas procuraram invadir de forma fervorosa porque lá haviam governantes da linhagem dos arsácidas que representavam um sério problema para os sassânidas.

A fragilidade do Império Romano durante a crise do século III fizeram com que os Sassânidas conseguissem inúmeras vitórias sobre os armênios e romanos. Quando Roma se restabeleceu e conseguiu controlar seus problemas internos, a Armênia havia sido separada e agora, possuía dois lados, o lado oriental, governado pelos Sassânidas e o lado ocidental governada pelos armênios e romanos. Com a chegada do imperador romano Diocleciano, que governou entre 284 e 305, a Armênia foi outra vez reunificada e passou a ser governada por Tiridates IV, da Dinastia Arsácida.

**Imagem 4:** Armênia governada pela Dinastia Arsácida no início do século IV



Fonte: armenica.org. Disponível em <<http://www.armenica.org/cgi-bin/armenica.cgi?1=3==Armenia>>

Acesso em 30/05/2019

<sup>13</sup> O Império Sassânida (224 d.C. - 651), que sucedeu ao Império Parta, foi governado pela Dinastia Sassânida antes da chegada do islamismo na região. Foi reconhecido como uma das principais potências da Ásia Ocidental e Central, juntamente com o Império Romano/Bizantino.

Tiridates ficou sendo um dos mais famosos e mais importantes reis da Armênia. Além de reorganizar as províncias que estavam abaladas pelas guerras sucessivas no fim do século III. Em 301, Tiridates se converteu ao cristianismo e declarou-o como religião oficial do seu reino, fazendo com que a Armênia se tornasse o primeiro país a se tornar cristão. Novas incursões sassânidas foram dirigidas às terras armênias e, no fim do século IV, a Armênia foi dividida novamente entre Império Sassânida e Império Bizantino.

**Imagem 5:** Divisão da Armênia entre Império Romano Bizantino e Império Sassânida no século VI



Fonte: Renato de Carvalho Ferreira. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Arm%C3%A2nia\\_bizantina#/media/File:ArmeniaBizantina-565-pt.svg](https://pt.wikipedia.org/wiki/Arm%C3%A2nia_bizantina#/media/File:ArmeniaBizantina-565-pt.svg)> Acesso em 24/05/2019

Durante o período que os armênios ficaram sob domínio do Império Sassânida houve, por parte do rei persa, a tentativa de unificar a língua, política e religião em todo seu vasto império, inclusive na Armênia católica, os armênios estavam dispostos a aceitar todas as leis e ordens promovidas pelo rei. Porém, se negavam a aderir o

Zoroastrismo<sup>14</sup> e abandonar a fé cristã. O rei persa, não satisfeito com essa posição dos armênios, declarou guerra aos cristãos armênios. Em 451, os armênios travaram uma famosa batalha, a Batalha Avarair, que abriu caminho para a liberdade religiosa na Armênia. Tendo um número de soldados inferior aos persas, o exército armênio lutou bravamente em nome de suas terras e em nome da sua religião. Mesmo com a derrota, o exército armênio surpreendeu o rei persa que percebeu a dificuldade que seria converter os cristãos ao zoroastrismo. Essa batalha ficou marcada pela luta dos armênios na busca pela liberdade religiosa que, anos mais tarde, conquistou o Tratado de Nvarsak que garantia a liberdade religiosa na Armênia.

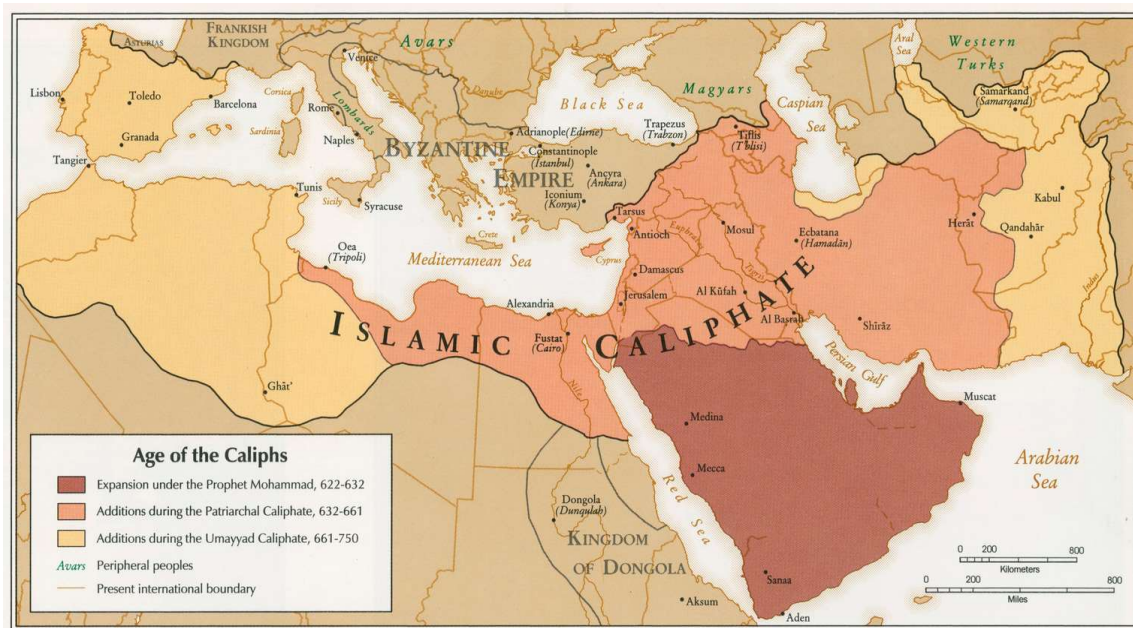
A Armênia ficou sob domínio do Império Sassânida até o século VII, quando houve ataques vindo dos primeiros árabes muçulmanos, que assassinaram o Rei Isdirgides III e invadiram a Pérsia entre os anos de 630- 650. Após o domínio total da Pérsia, os árabes conquistaram as terras armênias do lado oriental e também boa parte das terras do Império Bizantino onde estavam localizadas as terras da Armênia Ocidental.

Com as conquistas árabes, armênios assinaram um decreto que previa a contribuição de homens para o exército muçulmano e o pagamento de tributos que lhe garantiam um governante armênio reconhecido pelo califa muçulmano e pelo Imperador bizantino. Este sistema de governo durou até o ano de 884, separou a Armênia em quatro províncias e ficou conhecido como Emirado da Armênia.

---

<sup>14</sup> Zoroastrismo, também chamada e Masdeísmo ou Parsismo, é uma religião monoteísta fundada na antiga Pérsia pelo profeta Zaratrusta, a quem os gregos chamavam de Zoroastro. É considerada a 1ª religião monoteísta de um monoteísmo ético. Conforme alguns historiadores algumas de suas ideias influenciaram o judaísmo, o cristianismo e o islamismo.

**Imagem 6:** Conquistas árabes entre os anos 622-750 d.C.



Fonte: Governo Federal dos Estados Unidos da América, Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/20/Age\\_of\\_Caliphs.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/2/20/Age_of_Caliphs.png)> Acesso em: 25/05/2019

Durante os anos de 830 ressurgiu na Armênia a Dinastia Bragátida, grandes detentores de terras que serviram à Dinastia Artaxíada, no século II. Os Bragátidas subiram ao poder em 861, com Asócio I, que aproveitando o enfraquecimento dos árabes, provocou uma guerra em busca da independência da Armênia.

Após vencer a guerra, ganhou reconhecimento do imperador bizantino e se tornou rei de uma Armênia Independente. Longe do domínio árabe e bizantino o povo armênio desfrutou de tranquilidade além de uma evolução comercial, cultural e religiosa.

**Imagem 7:** Reino da Armênia sob domínio da Dinastia Bragátida



Fonte: George A. Bournoutian, Disponível em: <[https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bagratuni\\_Armenia\\_1000-en.svg](https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Bagratuni_Armenia_1000-en.svg)> Acesso em 25/05/2019

No fim do século XI, a invasão do Império Seljúcida<sup>15</sup> na Armênia e a queda da Dinastia Bragátida resultou em um número significativo de refugiados para as áreas da Cilícia, onde foi fundada por Ruben I, da Dinastia Rubenida, um principado que, anos depois, se tornaria Reino Armênio da Cilícia, governado pelo rei Leão II, até 1375, quando a Armênia da Cilícia foi invadida pelos Mamelucos<sup>16</sup> egípcios.

Entre os séculos XI e XV a área onde fica localizada a Armênia nos dias de hoje foi dominada por diversos impérios e tribos, como os impérios Seljúcida, Bizantino, Mongol e pelo Ilcanato<sup>17</sup> até serem dominados pelos otomanos e para fazer parte integral do Império Otomano, no século XVI, pelo reinado de Selim II.

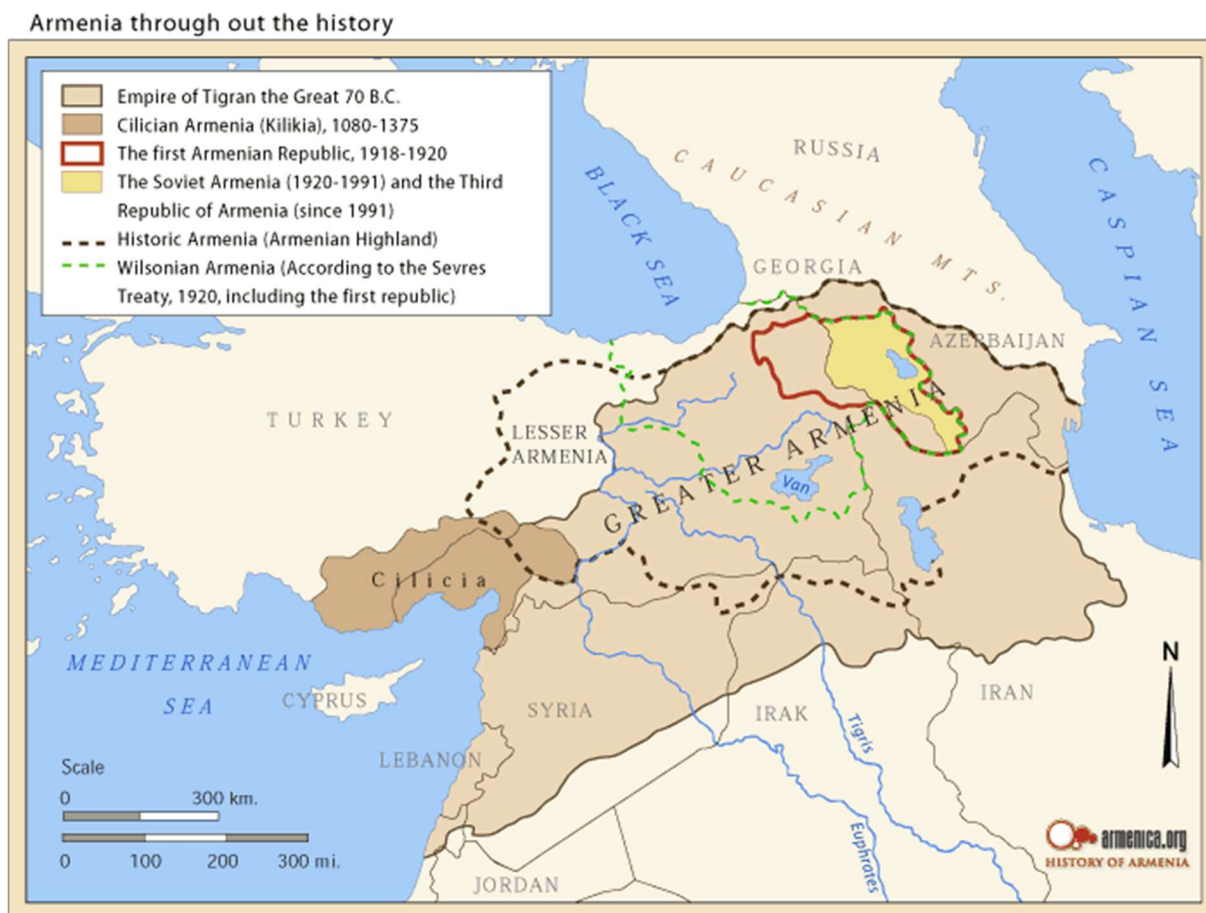
<sup>15</sup> O Império Seljúcida (1037–1194), foi um império sunita medieval governado pela dinastia Seljuk, tendo como seu fundador Tughril Beg, neto de Seljuk Beg.

<sup>16</sup> Mamelucos, também chamados de mamalucos, eram membros da antiga milícia turco-egípcia, originalmente formada por escravos caucasianos convertidos ao islamismo, que conquistaram grande poder político no Egito.

<sup>17</sup> O Ilcanato foi um, das quatro partes do Império Mongol após sua divisão política, estes territórios eram governados por um Khan, nome utilizado para denominar chefes tribais mongóis no período de Gêngis Khan. O Ilcanato da Pérsia englobava o que são hoje o atual Irã, Iraque e partes dos atuais Afeganistão, Turquia, Azerbaijão, Armênia e Síria.



**Imagem 8:** Mapa da Armênia desde Tigranes até os dias atuais



Fonte: Armenica.org. Disponível em: <<http://www.armenica.org/history/maps/1-borders.gif>> Acesso 25/05/2019

O conflito entre Otomanos recém-chegados em Constantinopla e a Dinastia Safávida dos Persas resultou na divisão da Armênia no século XV, no ano de 1454, sendo destinada aos otomanos a parte ocidental e aos persas (atual Irã) o lado oriental, que permaneceu estabelecido até o início de inúmeros conflitos entre persas e russos no início do século XIX. O mapa acima expõe as transformações territoriais que a Armênia passou desde seu início, passando por Tigranes, o Grande, até a sua independência, em 1991, ocasião em que ficou com a menor parte territorial da sua história.

## 1.2 A breve História do Oriente Médio

A região onde está localizado o Oriente Médio é um dos locais mais importantes da humanidade, pois lá, se desenvolveram os primeiros povos da Antiguidade e é, também, o local onde surgiram as três maiores religiões monoteístas do mundo, o

Judaísmo, o Cristianismo, e o Islamismo. Durante a Antiguidade apareceu, nessa região os povos nômades, pequenas civilizações e reinos, mas também grandes impérios como os egípcios, acádios, persas, hititas, assírios, babilônicos e persas.

Por volta de 500 a.C. o Primeiro Império Persa ou mais conhecido como Império Aquemênida de Ciro, o Grande, unificou pela primeira vez o Oriente Médio após a conquista da Babilônia, do Egito e demais impérios da região, inclusive chegando a conquistar no seu auge, terras na África, Europa e Ásia. Devido à extensão do seu império, os persas tiveram dificuldades em manter seu vasto território. Embora fossem organizados militarmente e tivessem um governo centralizado, isso não bastava para controlar as revoltas locais, muitas vezes, provocadas pela diversidade étnica; outras, pelos governantes locais que visavam enfraquecer o imperador, o que teve como resultado a decadência de um império, o que facilitou a conquista de Alexandre, o Grande, rei da Macedônia, por volta do ano de 334 a.C. na Pérsia.

Após a morte de Alexandre, em 323 a.C., o Império Macedônico foi dividido em três regiões, o Reino Ptolomaico, Reino Helenístico da Dinastia Ptolomaica, fundada por Ptolomeu I que se tornou faraó do Egito, o Império Selêucida, governado pela Dinastia Selêucida, que possuía em seu território as terras da Síria, Mesopotâmia e Pérsia e, por fim, Dinastia Antígônida que englobava as terras da Macedônia e Grécia. Esses três territórios foram substituídos gradativamente pela chegada do poderoso Império Romano que se expandia pelas terras do Oriente Médio.

Ainda que os povos recém dominados pelo Império Romano possuíssem mais segurança, acesso ao conhecimento e mais riqueza material do que anteriormente, alguns povos do Oriente Médio não aceitavam a dominação romana, já que durante os anos de dominação persa e grega o conhecimento e o desenvolvimento da cultura e o comércio na região havia sido intenso e estes povos passaram a ser trabalhadores nos maiores centros urbanos do vasto império. Durante esse período de dominação romana, uma antiga dinastia foi revivida pelos Partos, no primeiro século a.C. E através da Dinastia Aquemênida estes se mantiveram contrários ao domínio romano até o segundo século d.C. sendo substituídos pela Dinastia Sassânida que, liderados por Artaxes I, fundaram o Império Sassânida, o último Império Persa pré-islâmico, que se tornou um dos maiores e mais influentes impérios do Oriente médio juntamente com o Império Romano e, posteriormente, com o Império Bizantino.

Nos primeiros séculos d.C. o Oriente Médio foi controlado pelo Império Romano que novamente unificou grande parte dos territórios, desenvolvendo-se econômica e culturalmente, principalmente após a adoção do Cristianismo, por parte do Imperador Romano Constantino que segundo o historiador George E. Kirk, “[...] o Imperador Constantino procurara o concurso de alguma instituição que pudesse associar à restauração da ordem e à preservação da civilização, encontrando-se na Igreja Cristã [...]” (KIRK, 1964, p.20).

A adoção do Cristianismo, por parte do imperador romano, foi importante para o fortalecimento e união nas terras do Oriente Médio. Após a construção da capital romana do oriente, Constantinopla, as terras do lado oriental passaram a diminuir o contato e o comércio com as terras do ocidente e quando Roma caiu, no século V, o Oriente Médio pouco foi afetado. Ainda que o Cristianismo tenha sido adotado pela maioria das cidades do Império Bizantino, havia outras religiões presentes que predominavam a região, algumas politeístas e o judaísmo que perduraram na região até a fundação do Islamismo no século VII.

Durante a vida religiosa de Maomé, a religião Islâmica ganhou corpo e se espalhou, primeiramente, nas cidades de Medina e Meca e acabou com o politeísmo nas pequenas vilas, nas cidades cristãs e judaicas da Arábia meridional tendo sido reconhecido por todos os governantes árabes da região. Quando Maomé faleceu, em 632 d.C., seus seguidores tiveram de escolher um sucessor para que não houvesse uma interrupção na propagação dos seus ensinamentos. Assim o escolhido foi Abu-bequer<sup>18</sup> como novo Califa<sup>19</sup>, o Islã passou a dominar todas as terras da Arábia e a possuir uma organização através de seu novo governador e legislador. Porém, o novo Califa não possuía funções espirituais. A expansão do Islã foi ainda mais efetiva durante o governo de Omar, da Dinastia Omíada, que avançou pela Palestina, Síria, Iraque e Egito, encontrando certa facilidade pelo caminho devido às guerras entre os Impérios Persa e Bizantino, como sugere George E. Kirk:

“Os historiadores muçulmanos atribuem o grande êxito alcançado por seus antepassados à inspiração da própria fé islâmica, mas, embora não possa negar-se que a nova religião desempenhou um papel importante em promover um vínculo social que reuniu e deu coesão às bruxuleantes lealdades

---

<sup>18</sup> Encontra-se diferentes nomeações para o primeiro Califã, podendo ser também encontrado em outras obras como Abacar, Abubacar, Abu-Becre, Abubequer e Abu Baquir

<sup>19</sup> Sucessor do profeta Maomé, na qualidade de guia ou líder temporal e espiritual da comunidade islâmica.

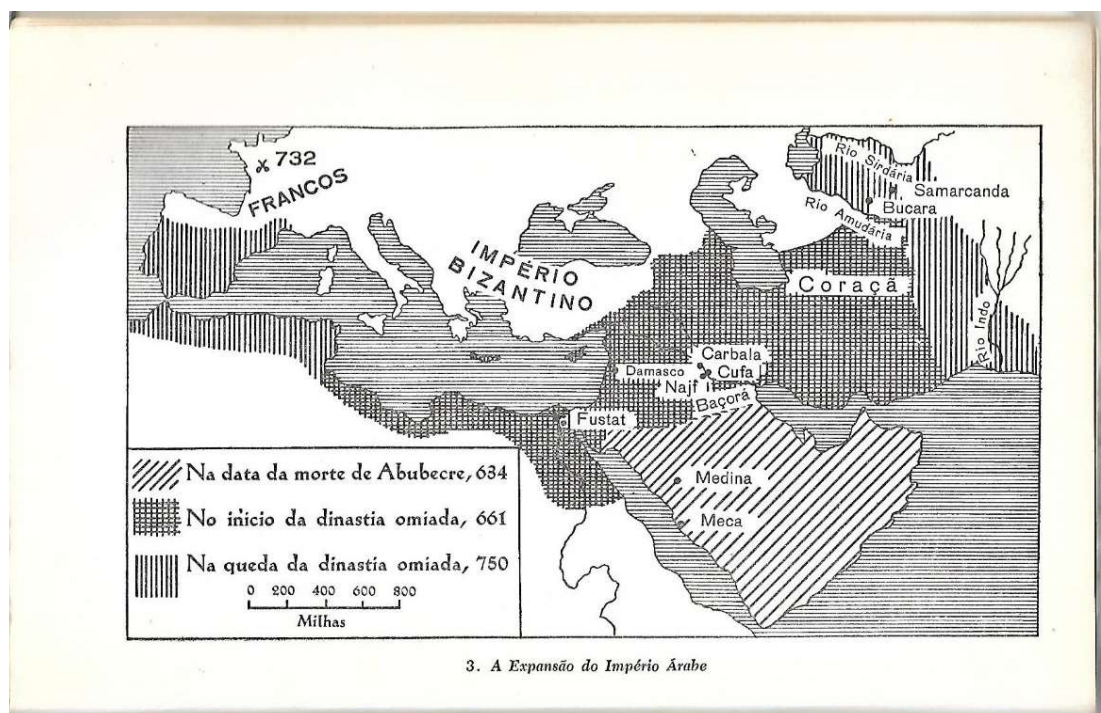
tribais, o principal fator nas conquistas árabes foi a vulnerabilidade das forças que se opunham” (KIRK, 1964, p.30)

Essa vulnerabilidade não só resultou em conquistas territoriais, mas também proporcionou um fortalecimento e enriquecimento do Império Árabe que passou a contar com um novo e eficiente sistema administrativo para a sustentação do império que estava sendo formado. Nas terras da Arábia os governantes eram comandantes militares muçulmanos, porém, pelo fato de terem permanecido com sua identidade intacta e separada dos povos conquistados, os árabes eram proibidos de possuírem terras fora da Arábia, portanto, na Pérsia o governante manteve-se persa e nas demais regiões conquistadas do Império Bizantino, os governantes eram cristãos de educação grega.

Para a manutenção do desenvolvimento e enriquecimento do Império Árabe não foi imposto nenhum tipo de conversão aos adeptos do Cristianismo, Judaísmo e Zoroastrismo, que permaneceram com sua fé sendo obrigados, apenas, a realizar o pagamento de impostos para o império. A conversão ao Islã não era encorajada, pois com a conversão em massa, o número de contribuintes diminuiria significativamente.

Nos primeiros cem anos após a morte de Maomé, o Império Árabe se manteve firme na Dinastia Omíada e, com isso, houve uma base suficientemente forte para uma grande expansão territorial que levou as expedições árabes para o sul da França e que, todavia, encontrou grande resistência de Carlos Martelo que impediu o avanço dos árabes na batalha de Poitiers, cuja derrota pôs fim ao avanço da Dinastia Omíada na Europa medieval.

**Imagem 9:** Expansão do Império Árabe durante a Dinastia Omíada



Fonte: Livro "História do Oriente Médio". George E. Kirk. 1964, p.32

A expansão árabe não foi freada somente pela batalha de Poitiers, durante o poder nas mãos dos omíadas, os governantes não conseguiram conquistar todos os povos em seus territórios, até mesmo os árabes. Além disso, pelo fato de se reconhecerem como raça superior aos povos conquistados, gerou-se um certo incômodo dos seus súditos, mesmo para aqueles que se convertiam ao islamismo na esperança de terem seus direitos baseados na lei muçulmana e, por isso, os novos convertidos não se tornavam muçulmanos e sim clientes (*mawali*)<sup>20</sup> do Império Árabe, sem poder participar do governo, servir ao exército e, além disso, deveriam pagar tributos como os não convertidos. Devemos lembrar que os povos conquistados pelos árabes em sua maioria não eram simples agricultores, mercadores ou pessoas alienadas, estes povos possuíam uma grande educação adquirida durante séculos nas culturas grega, romana e persa, e por causa disso, não aceitavam serem tratados de forma hostil pelos comandantes árabes.

Além do descontentamento dos súditos no Império Árabe, outra insatisfação ganhava forma contra a Dinastia Omíada, os Abáscidas tentavam aliar-se com os

<sup>20</sup> É um termo usado em árabe clássico para se referir a não-árabes muçulmanos. O termo tornou-se importante durante o califado omíada, quando muitos não-árabes, como persas, turcos e curdos, se converteram ao islamismo.

xiitas<sup>21</sup> para reivindicar a sucessão do califado e acabar com a tirania omíada em algumas regiões da Pérsia. No fim da primeira metade do século VIII uma série de conflitos internos na casa dinástica omíada levou à substituição de diversos califas num curto período de tempo. Com isso, a sucessão dos califas abalou o sistema de governo e abriu a possibilidade de uma reivindicação, por parte dos abáscidas, que entre os anos de 747-750 se revoltaram e tomaram o poder das mãos dos omíadas, o que levou ao fim do Império Árabe omíada. Depois de conquistarem o poder administrativo, transferiram a capital para o Iraque onde fundaram a capital Bagdá. Além disso, não possuíam o mesmo pensamento dos antigos governantes, fazendo com que não houvesse uma supremacia muçulmana, o que resultou em uma solidificação da cultura árabe, que abraçou todos aqueles que se convertiam ao Islã.

Durante os primeiros anos do Califado Abáscida, o desenvolvimento na região aumentou significativamente, principalmente na agricultura, onde os novos comandantes desenvolveram um novo sistema de irrigação que proporcionou um progresso agrícola. Em pouco tempo, segundo Geroge E. Kirk "Bagdá, a nova capital, tornou-se rapidamente uma rival de Constantinopla em sua prosperidade material" (KIRK. 1964, p. 45). E isto se deu pelo fato do interesse do segundo califa abáscida, fundador de Bagdá, Al-Mansur, em desenvolver intelectualmente a região, apoiando a tradução de obras gregas, sírias, sânscritas e persas para o árabe. Trouxe também, para sua corte, matemáticos, astrônomos, engenheiros e demais homens que possuíam habilidades científicas para o planejamento da capital que, em sua maioria, não eram muçulmanos, mas sim persas, cristãos e judeus.

Espelhando-se na queda da Dinastia Omíada, os califas abáscidas não pregavam o individualismo árabe, portanto sempre buscavam aprender com os povos que conviviam com eles pelo vasto território e aprenderam muito com os persas, sírios, cristãos e judeus tanto que, após anos de tradução e estudo das obras gregas e persas, os árabes passaram a produzir conteúdo originais e baseados nessas culturas como, por exemplo, o desenvolvimento do sistema de algarismos arábicos<sup>22</sup>, substituindo os antigos algarismos grego e romano. Militarmente passaram a recrutar outros

---

<sup>21</sup> Xiita é uma seita do Islamismo, que significa "partidários de Ali". Os xiitas consideram Ali (o primo e genro do profeta Maomé) o sucessor legítimo da autoridade islâmica e só reconhecem como califas Ali e os seus descendentes.

<sup>22</sup> Os algarismos arábicos, também chamados de algarismos indo-arábicos, são os componentes do sistema de numeração usado atualmente para representar os números. Os algarismos arábicos são: 1; 2; 3; 4; 5; 6; 7; 8; 9; 0.

povos, principalmente povos nômades, pois além de conhecerem bem a região devido à sua característica migratória, estes povos eram mais resistentes e organizados, além de serem excelentes soldados. Outro fator considerado, no momento de recrutar novos soldados, era fato de que os muçulmanos não deveriam lutar entre si segundo a lei islâmica.

Entre esses povos recrutados temos a primeira aparição dos povos turcos servindo como milícias no Egito, no ano de 808. Os turcos eram excelentes combatentes, fortes e agressivos, tanto que chamou a atenção do califa Al-Mutadi, que criou uma guarda pessoal composta somente por soldados turcos. Como eram destemidos e sabendo serem melhores combatentes que seus superiores, os soldados turcos sempre entravam em conflito com os exércitos e a população de Bagdá e tal conflito, provocado pelos turcos, foi tão grande que obrigou o califa a abandonar a cidade e fundar uma nova capital em Samarra. Tal mudança só foi resolvida quando o califa Almutamida retornou à capital para Bagdá, em 892.

Ainda que prosperando significativamente após o retorno da capital para Bagdá, o Império Árabe comandado pelos abássidas mostrava-se frágil militar, política e intelectualmente e, com o passar dos anos, até mesmo espiritualmente os árabes estavam entrando em rota de colisão, na qual o conhecimento científico passou a questionar as leis do Alcorão, gerando uma crise religiosa que acarretou no surgimento de outras doutrinas capazes de abalar os fiéis muçulmanos do Islã.

“Obedecendo apenas à sua inspiração individual, alguns deles foram cair em extravagâncias doutrinárias, imaginando-se repletos de espírito divino, declarando mesmo ‘Eu sou a Verdade’, e assim pretendendo serem deidades, se não Deus encarnado nêles, e menosprezando o Islã ortodoxo como uma ‘religião dos membros’ incomensuravelmente inferior a ‘religião do coração’ por eles defendida. [sic] (KIRK. 1964, p. 62)

O questionamento da fé islâmica foi, de fato o início, da queda dos abássidas, pois abriu-se a oportunidade de novas seitas e doutrinas ganharem corpo para questionar, confrontar e disputar o poder. Se não bastasse estar com seu principal pilar prestes a ruir, os problemas internos não eram somente o único fator que abalava o poder abássida, pois vendo sua fragilidade e sua desunião, o Império Bizantino passou a retomar e investir contra a população árabe na segunda metade do século X, quando passou a reconquistar a Cilícia, Chipre e Antioquia.

A ascensão de novos grupos, no século X, como persas, xiitas e novas dinastias começaram a se infiltrar no território árabe abássida, como os turcos, recém convertidos ao islamismo que optaram pelo islã sunita, principalmente por não serem atraídos pela exaltação espiritual xiita. Os turcos foram novamente empregados pelos califas abássidas para conter o avanço dos xiitas e de outras dinastias que visavam conquistar Bagdá. Para impedir a conquista xiita e o avanço de tropas bizantinas no território árabe, os turcos conquistaram territórios onde passaram a se estabelecer como povo expressando a fala e a religião muçulmana, fundando assim o império turco-persa denominado Império Seljúcida.

Assim como o surgimento do Império Seljúcida, outras lideranças surgiram no Oriente Médio devido à fraqueza do Califado Abássida que, com o passar do tempo, perdia cada vez mais territórios. Inicialmente perderam uma boa parte de suas terras para o Califado Fatímida<sup>23</sup> entre os séculos X e XII. Depois, com a queda dos Fatímidas, no século XII, os abássidas viram suas terras serem tomadas por Saladino<sup>24</sup> e o pelo Império Aiúbida no século XII e XIII. Por fim, o Califado Abássida viu finalmente a queda de sua capital, Bagdá, após a chegada das hordas mongóis e turcomanas não convertidas, que dominaram o controle das terras da Síria e Alepo, limitando-se às terras do Egito que ainda permaneceram nas mãos dos Aiúbidas. Mesmo perdendo sua capital, os abássidas conseguiram se estabelecer no Egito sob o domínio do Sultanato Mameluco, sucessor do Império Aiúbida, que chegou ao seu fim completo no século XVI com a conquista do Império Otomano na região.

### **1.3 A formação do Império Otomano**

Durante os turbulentos séculos XII e XIII muitos povos nômades turcos percorriam as terras da Anatólia e Oriente Médio, servindo muitas vezes como soldados para os califas muçulmanos que aproveitavam as brechas deixadas pelos rastros da invasão mongol. Devemos ressaltar que os povos turcos se distinguiram, ao longo do tempo, espalhando-se pela Ásia central, Oriente Médio e Norte da África. Não possuíam uma unidade que os definiam como sociedade e, por isso, é possível encontrar

---

<sup>23</sup> Fundado no século X por Abdullah al-Mahdi, foi um califado muçulmano xiita, descendente de Fátima, irmã de Maomé. Os Fatímidas conquistaram um vasto território que abrangia as terras do Egito e terras da África do Norte.

<sup>24</sup> Saladino (1137-1193), em árabe Salah al-Din Yusuf ibn Ayub, foi um chefe militar muçulmano de origem curda. Tornou-se sultão do Egito e da Síria após derrubar o último califa fatímida. Em seus maiores feitos, foi responsável por reconquistar Jerusalém das mãos do Reino de Jerusalém, tornando-se uma figura emblemática na cultura curda, árabe, persa, turca e islâmica em geral.



povos turcos que rivalizavam entre si, alguns eram convertidos ao Islamismo, outros se mantinham pagãos. Todavia, podemos encontrar povos turcos lutando ao lado de tropas mongóis e povos turcos lutando a favor dos califas muçulmanos.

Para conter o avanço das tropas mongóis e turcas não islamizadas os califas muçulmanos incorporavam os soldados turcos para lutarem a seu favor. Quando o avanço mongol passou a ser incontrolável, os turcos começaram a se incomodar com a presença mongol em suas terras e buscaram se organizar a fim de expulsar os mongóis. Como eram formados em pequenas vilas turcas e persas, a região não contava com uma organização forte e estável a fim de favorecer uma resistência a qualquer povo que decidisse invadir suas terras.

O surgimento de um líder turco-seljúcida, chamado Osman, foi fundamental para essa união. Conhecido também como Otomão I, foi ele quem fundou a Dinastia Otomana e seus seguidores ficaram conhecidos como otomanos que, espelhados em seu líder, fundaram mais tarde o vasto e poderoso império da Idade Moderna, o Império Otomano. Osman foi o líder que, inspirado por um sonho<sup>25</sup>, separou-se dos turcos-seljúcidas e, em 1299, declarando uma jurisdição territorial que englobava as terras da Anatólia, uniu definitivamente os povos turcos, transformando-os em uma dinastia imperial.

Durante a formação da dinastia, os otomanos visavam expandir-se territorialmente, por isso, sua única direção seria o Ocidente. Primeiramente, devido ao controle das terras do Oriente Médio nas mãos dos mongóis, dos seus irmãos Seljúcidas e também dos Mamelucos no Egito; em segundo lugar, os muçulmanos não deveriam lutar entre si. Estes dois fatores, fizeram os otomanos começarem a marchar para o lado ocidental nas terras cristãs do decadente Império Bizantino. Abalados pelas sucessivas cruzadas<sup>26</sup>, o Império cristão do oriente passou de uma região forte, poderosa e segura a pequenos estados em guerras, suas cidades eram saqueadas, exércitos eram aniquilados e suas riquezas eram usurpadas, o que facilitou a entrada dos otomanos em sua região.

---

<sup>25</sup> Osman, quando jovem, sonhou com a visão de um império, que era uma grande árvore, cujas raízes se estendiam por três continentes e seus ramos cobriam os céus.

<sup>26</sup> O conceito é usado em referência às expedições militares que, entre finais do século XI e o século XIII, os Cristãos levaram a cabo para recuperar o controle da Terra Santa.

O avanço dos turcos otomanos nas terras cristãs foi rápido e eficiente. Em menos de trinta anos conseguiram derrotar com facilidade os cristãos do oriente e unificar boa parte da Anatólia a seu favor. Um grande passo para os otomanos foi a conquista da importante cidade de Bursa, em 1326, o que permitiu de uma vez por todas a consolidação do Império Otomano. A captura de Bursa não só marcou o estabelecimento dos otomanos como sociedade, como também mudou a característica de um povo. O povo turco que sempre permaneceu nômade mudava agora, sua característica estabelecendo-se em um só território. Para isso, foi necessária uma organização governamental fixa, que tornou a cidade capturada em sua primeira capital, em 1335.

A partir desse estabelecimento, os turcos otomanos passaram a organizar-se burocrática e culturalmente, distribuíram terras para comandantes militares a fim de manter a ordem e o fornecimento de alimentos para o governo central, desenvolveram escolas, construíram mesquitas, desenvolveram o sistema de tributação e registros para controlar as terras dominadas e mantiveram uma boa relação com os bizantinos, a maioria populacional em suas terras, que não só pagavam tributos como também ajudavam a administrar nos primeiros anos do estabelecimento turco na região.

Ao passo que prosperavam, os turcos também aumentavam sua rivalidade com outros povos muçulmanos e não muçulmanos. Estes povos, muitas vezes, já haviam sido dominados pelos turcos otomanos e eram orgulhosos por possuírem uma linhagem dinástica; já outros, se sentiam ameaçados pela expansão otomana. Diante dessa situação, os governantes otomanos temiam que o rancor dessas famílias dinásticas pudesse ocasionar revoltas em seu território e ameaçar seu poderio. Com isso, os otomanos não aceitavam que esses povos incorporassem o exército ou chegasse a um status de poder. Sendo assim, passaram a recrutar crianças que não possuíam ligação dinástica com uma família rival ou crianças cristãs através da prática do *devshirme*<sup>27</sup>, agora, as crianças passavam a ter lealdade única e exclusiva ao Sultão.

O *devshirme* foi de grande importância para a prosperidade e fortalecimento do império, pois os jovens capturados recebiam a melhor educação. Aos jovens que se

---

<sup>27</sup> Prática otomana de cobrar um “imposto” de jovens cristãos dos Bálcãs, imposto de sangue, para servir como soldados, oficiais de justiça, oficiais administrativos e páginas reais na casa do sultão. Instituído em 1395. Os recrutas mais promissores receberam educação árabe, turca e islâmica nas escolas da corte e do palácio do sultão e frequentemente alcançavam posições de grande poder.

destacavam pela sua inteligência eram reservados os postos administrativos e eles alcançavam até a posição de governadores ou vizires. E os os jovens mais fortes eram destinados ao corpo militar dos janízaros<sup>28</sup>, infantaria de elite do exército otomano e viam no sultão uma figura paterna pela qual estavam dispostos a morrer para defendê-lo. Esta mentalidade foi decisiva para aterrorizar os adversários no lado ocidental e oriental do globo, porque os janízaros foram os principais soldados durante a expansão do Império Otomano, conquistando diversos territórios, entre os séculos XIV e XVII.

Os otomanos eliminavam qualquer possibilidade de uma revolta interna, seja ela por linhagens dinásticas ou povos conquistados. O império ia além das questões familiares, na maioria das vezes quando chegavam ao poder, os sultões ordenavam a execução dos seus irmãos e, muitas vezes, até mesmo os próprios filhos, para que não houvesse nenhuma divisão que comprometesse a prosperidade do império. Organizando-se militar e economicamente, os otomanos iniciaram o processo de expansão territorial. Entre a fundação de Bursa até meados de 1400 os otomanos conquistaram territórios na Anatólia e nos Bálcãs, onde arrecadavam dinheiro e recrutavam crianças para seu exército. Mas, quando o sultão Mehmed II, o Conquistador, ascendeu ao poder, buscou conquistar o que nenhum de seus antecessores havia conseguido, a capital do Império Bizantino.

Constantinopla estava rodeada por rios e era bem fortificada, mas mesmo enfraquecida pelo declínio populacional da época não seria fácil de conquistá-la. A cidade era rica, poderosa e desejada pelos otomanos e estava de pé há mais de mil anos. Quando Mehmed II decidiu investir na conquista, Constantinopla estava em um ponto estratégico comercial crucial para os otomanos e era também um local apropriado para a administração otomana, pois de lá poderiam dar ordens para todas as regiões, fossem elas para oeste, leste, sul ou norte. Além disso, conquistar Constantinopla estava acima de qualquer estratégia política, porque sua conquista tinha um caráter simbólico que mostraria a força, poder e bravura otomana aos olhos do mundo,

---

<sup>28</sup> Os janízaros, constituíam a elite do exército dos sultões otomanos. A força foi criada pelo Sultão Murad I, por volta do ano de 1330, e era formada majoritariamente por crianças cristãs. Os jovens eram educados de acordo com a Lei islâmica e na língua turca, ao mesmo tempo em que aprendiam a manejar armas e eram instruídos na arte da guerra. Os jovens cresciam tendo o próprio Sultão como uma figura paterna.

já que nenhuma outra civilização havia conseguido conquistar efetivamente a capital bizantina.

Mehmed II iniciou sua estratégia para conquistar Constantinopla no ano de 1451, ordenando a construção de um castelo no Estreito de Bósforo. O castelo, conhecido atualmente como Rumeli Hisar<sup>29</sup>, contou com a mão de obra de aproximadamente dois mil homens, engenheiros, topógrafos, pedreiros, trabalhadores não especializados e, até mesmo, o sultão Mehmed II. Diante do número exorbitante de trabalhadores, a fortaleza otomana ficou pronta em menos de quatro meses após o início das obras. Durante o período de construção do Castelo, o sultão colocaria em prática medidas políticas para controlar o acesso à capital.

“Entrementes, emitiu um decreto determinando que todas as embarcações subindo ou descendo o Bósforo deveriam se deter ao largo do castelo para inspeção. Qualquer uma que desobedecesse seria afundada. Para fazer valer sua ordem tinha três grandes canhões, os maiores já vistos até então, montados na torre mais próxima da água. Não se tratava de uma ameaça vã.” (RUNCIMAN. 2002, p.65)

A ameaça não foi em vão, em tentativas de burlar a ordem otomana, as embarcações venezianas foram afundadas, os tripulantes foram capturados e decapitados, com a exceção dos capitães, que foram mortos e tiveram seus corpos fixados nas muralhas do castelo ou amarados nas estradas que cortavam a região, como forma de alerta ao que poderia acontecer a quem desafiasse o Sultão. Após a construção do castelo e o controle do Bósforo, Mehmed II passou dias repensando sobre sua campanha contra a capital bizantina. Caso fracassasse, como seus antecessores e outros grupos, sua reputação cairia e seu império estaria ameaçado pela desconfiança.

---

<sup>29</sup> Rumeli Hisar ou Rumelihisarı (Castelo da Rumélia) é uma fortaleza de Istambul, Turquia, situada nas margens europeias do Bósforo. O Castelo Rumeli foi uma fortaleza otomana construída pelo Sultão otomano Mehmed II em 1452 com o intuito de impedir a ajuda de forças ocidentais à Constantinopla vinda do mar Negro durante o Cerco de Constantinopla. Desde 1960, o castelo funciona como um museu e atualmente funciona como um museu ao ar livre aberto ao público.

**Imagem 10:** Mapa de Mediterrâneo Oriental no ano 1450



Fonte: Autor Desconhecido. Disponível em: <[https://www.gifex.com/fullsize/2009-12-23-11457/Mediterraneo\\_Oriental\\_1450\\_dC.html](https://www.gifex.com/fullsize/2009-12-23-11457/Mediterraneo_Oriental_1450_dC.html)> Acesso em 03/10/2019

Após uma reunião particular com seu Grão-vizir e, posteriormente, uma reunião com seus ministros, ele decidiu investir na tomada de Constantinopla. Ordenou que seus oficiais tomassem todas as vilas bizantinas nas proximidades da capital a fim de enfraquecer o abastecimento terrestre e enviou tropas para as cidades gregas a fim de ocupar os aliados do imperador bizantino. Depois de bloquear o abastecimento terrestre, Mehmed II subiu o estreito de Dardanelos, penetrando no Mar de Mármara, onde aterrorizou gregos e italianos com seu poderio naval, anulando qualquer possibilidade de abastecimento bizantino também pelo mar. Essa estratégia foi fundamental, pois seus antecessores haviam bloqueado as estradas, mas Constantinopla continuava sendo abastecida pelo mar, resultando no fracasso otomano.

Percebendo o movimento dos otomanos em relação aos bloqueios e saques ao redor da sua capital, o imperador Constantino XI pediu apoio aos seus irmãos cristãos em Veneza e no lado ocidental, mas não obteve sucesso. Durante os últimos dois séculos, a Europa ocidental viveu um período de guerras que abalaram o continente, em especial as Cruzadas e a Guerra dos Cem Anos. Esses fatores não permitiam aos reis europeus investir no apoio aos seus irmãos do oriente. Além disso, os reis europeus tinham seus próprios problemas locais. Já as cidades venezianas tinham desavenças com Roma devido a problemas político-financeiros nas décadas passadas e um comércio estável com os otomanos quando decidiram, finalmente, ajudar Constantinopla, a cidade já havia sido tomada. Além disso, outros governos não se posicionaram, como é o caso da Rússia, Hungria e Sérvia. Portanto, Constantinopla deveria defender-se sozinha contra o avanço turco-otomano.

Cerceando o abastecimento bizantino pelo mar e pela terra, o exército otomano poderia agora seguir em direção à muralha e os portões de Constantinopla. Cerca de cem mil soldados otomanos, incluindo os janízaros, marchavam rumo ao redor da muralha acompanhados por uma artilharia pesada, especialmente pelo canhão que ficou conhecido como *Bombarda turca*<sup>30</sup>, principal arma dos otomanos na conquista da cidade.

Do lado bizantino havia soldados do exército, cidadãos que estavam empenhados em lutar pelo Cristianismo, venezianos e genoveses que lá estavam quando o cerco começou e, por fim, Catalães que se empenharam em ajudar os bizantinos meses antes do cerco começar. O imperador Constantino XI ordenou a derrubada das pontes que davam acesso à cidade, o fechamento dos portões no dia e a instalação de uma extensa corrente com boias de madeira que se estendiam de uma margem a outra do rio para conter a aproximação naval no dia 2 de abril de 1453. No dia 5 de abril, o imperador ordenou que todos seus soldados estivessem em seus postos, com lanças, arcos, catapultas e colubrinhas e canhões, mas estes foram pouco ou quase nada usados nesta batalha, pois a reverberação do disparo danificava a edificação.

---

<sup>30</sup> Conhecido como Bombarda Turca, Basílica, Canhão Real ou Canhão de Mehmed, não foi um projeto turco e sim originário da Hungria, sendo seu inventor um engenheiro chamado Urban. Este canhão possuía oito metros de comprimento e pesava sete toneladas, sendo forjado em bronze, sendo um marco na indústria bélica durante o século XV, especialmente na tomada de Constantinopla pelos turcos. Inicialmente Urban havia apresentado o projeto para o imperador bizantino, Constantino XI, este não podendo arcar com os custos da construção e fornecimento de matéria prima, recusou. Anos mais tarde o projeto foi apresentado ao sultão Mehmed II que financiou sua construção.

O sultão posicionou suas tropas diante das muralhas e enviou formalmente uma carta que continha o último pedido de rendição ao imperador bizantino. “Nela diziam que, conforme preconizava a lei, pouparia cidadãos, sem prejudicar suas famílias ou seus pertences, se eles se entregassem voluntariamente a ele” (RUNCIMAN. 2002, p.65). Como os cristãos viam os turcos como inimigos, apesar da tolerância otomana com cristãos na Anatólia e demais áreas de seu domínio, o imperador e os habitantes locais não confiaram na palavra do Sultão e acabaram por não aceitar o pedido de rendição. Logo após a notícia da não rendição, o Sultão ordenou o posicionamento do exército e das suas armas e deu início ao confronto.

Durante 53 longos dias, os cristãos, em alguns momentos, causavam ira no sultão muçulmano, principalmente pela resistência nas redondezas das fortificações da capital e pela habilidade dos bizantinos em guerrear no mar. O confronto só passou a ser favorável aos otomanos após uma manobra de Mehmed II que, ao construírem um sistema que permitiu o transporte de navios otomanos por terra, eles conseguiram atravessar a corrente colocada pelos bizantinos e conquistaram o Chifre do Ouro, ponto importantíssimo para o avanço da conquista, pois dali puderam mover grandes tropas do exército, acessar o porto a fim de descarregar mantimentos e armas, controlar as águas que permitiram realizar ataques do outro lado da fortificação bizantina.

O último respiro do Império Bizantino se deu na manhã do dia 29 de maio de 1453, com a conquista da cidade pelos otomanos. Durante a madrugada eles investiram pesado no ataque contra fortificações da cidade, através de seus canhões e com o avanço das tropas menos especializadas, conseguiram abrir uma fenda em um dos lados da fortificação. Alguns soldados avançaram por essa fenda, mas foram cercados e assassinados pelos cristãos liderados pelo imperador bizantino. O ataque que havia sido iniciado por volta de 1h 30 da madrugada, já durara mais de quatro horas. Os soldados cristãos, em menor número, estavam cansados o suficiente para impedir o avanço otomano. Quando os janízaros entraram em combate, não demorou muito a conquista otomana, que se oficializou após o imperador bizantino lançar-se para a morte em batalha ao perceber que não conseguiria impedir o triunfo otomano. Logo a notícia do sucesso da conquista da capital bizantina percorreu todas as frentes de batalha e pelo império.

“Quando o sultão Mehmed II entrou em Constantinopla, em seu tordilho na tarde de terça-feira, foi primeiro a Santa Sofia, a igreja da Santa Sabedoria, e

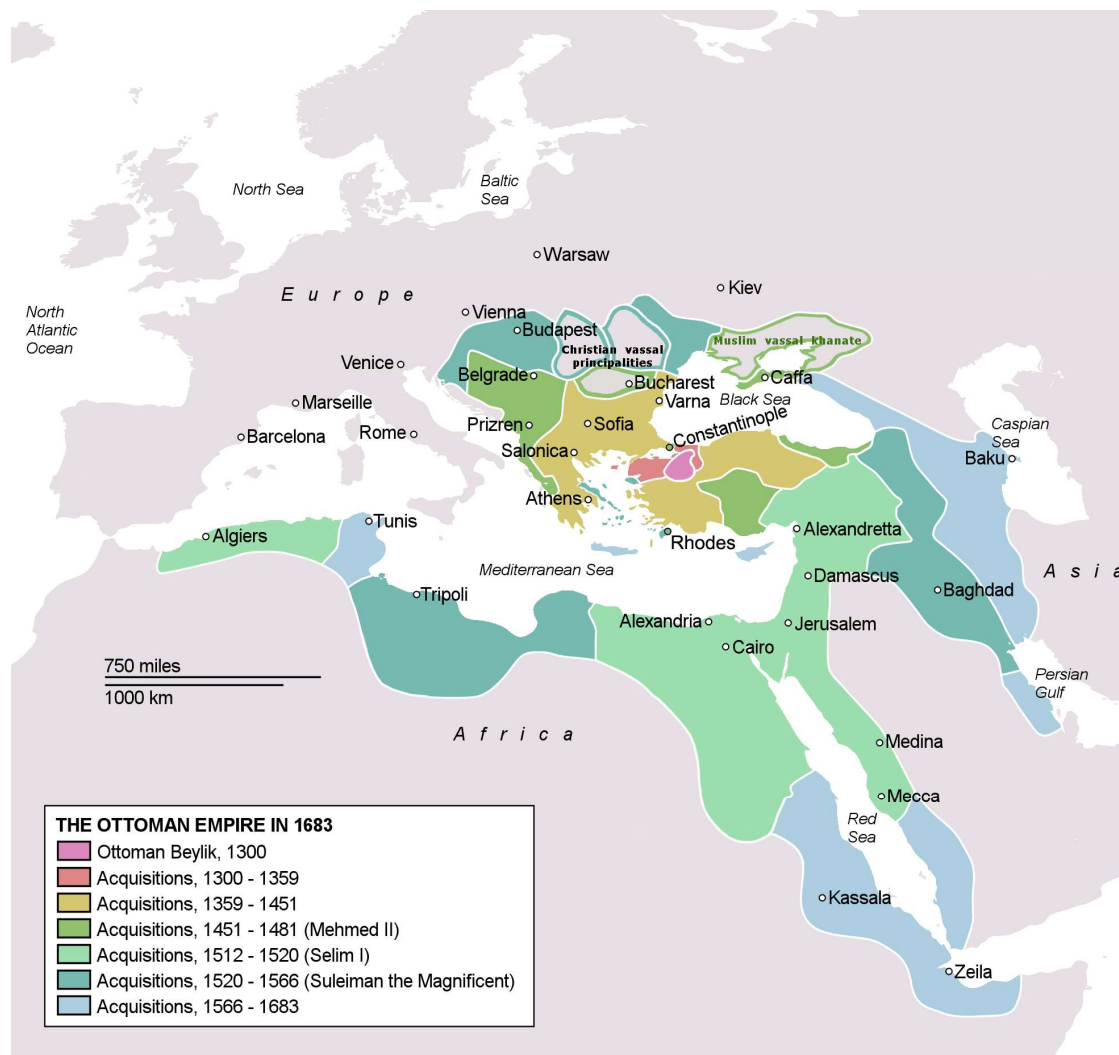
pôs a basílica sob sua proteção antes de ordenar que fosse transformada em Mesquita” (PALMER. 2013, p.01)

A visita do sultão à Igreja de Santa Sofia é simbólica visto que, após dez séculos, não haveria mais um imperador cristão no oriente. Mesmo que com a noção de que seu inimigo não teria mais condições de reverter a situação, Mehmed II não obteve informações sobre o paradeiro do imperador bizantino. Quando soube da sua morte, mandou procurar entre cadáveres e cabeças que foram decapitadas pelos turcos. “Por fim, foi encontrado um corpo com uma águia bordada nas meias e estampada nas grevas, que se presumiu ser o dele, e o Sultão o entregou aos gregos para que o sepultassem” (RUNCIMAN. 2002, p.126). A morte de Constantino XI era de grande importância, pois agora Mehmed não só seria Sultão, mas herdeiro de todo império bizantino.

Depois de Constantinopla, o Império Otomano se consolidou como uma das maiores potências mundiais e avançaria pela Europa, Oriente Médio e África nos séculos seguintes. Os otomanos agora prosperavam economicamente, dominando as principais rotas e passagens comerciais tanto por terra como também pelo mar e, culturalmente, devido à tolerância religiosa e cultural com relação aos povos dominados, pois a eles eram permitidos exercer cargos no governo e professar sua fé em solo otomano desde que reconhecessem a cultura do império, a religião islâmica sunita, o idioma turco como dominante e suas demais tradições e, também prosperavam militarmente, através da manutenção dos seus exércitos, o domínio da pólvora e o avanço naval, principalmente durante o sultanato de Selim e Solimão.



**Imagem 11:** A extensão do Império Otomano entre 1300 - 1683



Fonte: Atilim Gunes Baydin. Disponível em: <<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/06/OttomanEmpireIn1683.png>> Acesso em 02/10/2019

A expansão otomana foi rápida e eficiente nos dois séculos seguintes à conquista de Constantinopla. Como os turcos otomanos detinham um território muito extenso e eram minoria racial, se comparados aos povos dominados, a administração não conseguia ser eficiente em todas as áreas do império. Na maioria dos casos a administração das províncias era deixada nas mãos de chefes locais, em geral curdos e líderes de tribos árabes, principalmente nas áreas de difícil acesso ou mais longínquas do império. Também foram deixados como governantes locais os chefes mameucos no Egito, pois os otomanos reconheciam a importância administrativa que eles possuíam na região. A expansão territorial otomana chegou ao seu ápice ao fim do século XVII e só terminou com a frustrante derrota para a Áustria na tentativa de avançar em território europeu, no ano de 1715. Além disso, o surgimento da política

imperialista europeia acabou dificultando o acesso otomano ao continente europeu e passou a ser uma ameaça para os otomanos.

## 2. PRIMEIROS CONFLITOS

Embora tivessem conquistado um vasto território e fossem notáveis combatentes, os sultões otomanos não investiam em medidas estruturais a fim de garantir a ordem e a prosperidade do império, não investiam em obras de infraestrutura como estradas, hospitais e escolas, ou então na manutenção de áreas produtivas, como o abastecimento de água em algumas regiões do Oriente Médio. A negligência por parte dos governantes foi tão corrosiva para o império que segundo Kirk, “No Egito permitiu-se que a irrigação decaísse e a distribuição ordenada de água entrasse em colapso” (KIRK.1946, p.84). O descaso imperial unindo-se aos desastres naturais causados pelas pestes agravaram ainda mais o abastecimento agrícola para todo o império.

“No século XVIII, o Egito, que fôra celeiro do Império Romano, com sete a dez milhões de habitantes, tornara-se escassamente auto-abastecido de alimentos, mesmo tendo em conta que sua população caíra para dois milhões e meio, segundo as estimativas. A fome era frequente, bem como a peste, de qual morreu meio milhão, no Egito, em 1619; duzentas e trinta aldeias encontravam-se completamente desertas em 1643” [sic] (KIRK.1946, p.84)

A escassez de alimentos foi um dos fatores que abriram as portas para o declínio do império após o início do século XVIII, além da falta de estrutura, crises administrativas, revoltas regionais e o aumento do interesse europeu em algumas áreas do império otomano, os sultões passaram a adotar uma série de medidas que provaram ser ineficazes ao longo do tempo. Como o império otomano havia parado de prosperar e o lado oriental demonstrava uma certa anarquia devido às sucessivas alterações de poder com o fim do Império Safávida e dos Canatos mongóis.

Os habitantes locais, sem possuir uma perspectiva de melhora, começaram a se organizar e se rebelar contra a soberania otomana buscando apoio das potências europeias através de financiamentos, empréstimos, material bélico e naval a fim de obterem forças para buscarem sua autonomia e se verem livres das correntes otomanas. A busca pelo apoio estrangeiro permitiu que os europeus passassem a influenciar no rumo das negociações políticas do Oriente Médio e da Ásia, especialmente Inglaterra e França que buscavam possuir as melhores rotas comerciais da época.

A partir do momento em que os europeus passaram a ter influência política e comercial em regiões importantes do Império Otomano, em especial o Egito, não demorou muito para que fossem gerados conflitos entre otomanos e europeus. Além disso, do lado oriental o Império Russo se expandia para o ocidente e oriente a fim de

conquistar terras persas e otomanas. Todos esses elementos levaram os governantes otomanos a tomarem medidas drásticas investindo em diversos confrontos armados com o intuito de manter suas fronteiras intactas. Essas medidas resultaram em um aumento significativo da crise interna pelos grupos dominados em diversas regiões do império, na dívida externa, na perda sucessiva de territórios entre 1821 até o fim da Primeira Guerra Mundial em 1918 e, por fim, na dissolução do Império Otomano na década de 1920.

## 2.1 A divisão da Armênia

A primeira Guerra Russo-persa (1804-1813) tinha como disputa territorial a Geórgia que havia sido tomada pelos russos no século passado. A disputa vencida pelos russos resultou no Tratado do Gulistão, na qual a Pérsia teve que ceder aos russos em definitivo a Geórgia e outros territórios como Derbent, Baku, Shirvan, Khaki, entre outros ao Sul do Cáucaso.

Imagem 12: Cáucaso, área de disputa durante a guerra russo-persa



Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <[https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/08/Caucasus\\_regions\\_map2.png](https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/0/08/Caucasus_regions_map2.png)> Acesso em 22/06/2019

Após treze anos de paz no Cáucaso, o rei persa Fath' Ali iniciou uma campanha para retomada das terras cedidas pelo Tratado do Gulistão. Novamente o confronto teve seu fim através do acordo de Turkmanchai em 1828 que visava o domínio total do Cáucaso pelos russos onde estavam presentes as terras da Armênia Oriental. Esta área ficou sob domínio russo até a dissolução da União soviética no fim do século XX.

Com a dominação russa sobre as áreas do Cáucaso, a população armênia do oriente comemorava a mudança do poder, agora na mão da Rússia, pois havia agora a possibilidade de um florescimento comercial e industrial, além do desenvolvimento intelectual e cultural na região, diferentemente dos armênios que viviam no lado otomano. Devido a esse desenvolvimento, os armênios se movimentaram politicamente e, com isso, floresceram partidos políticos que visavam defender seus ideais tanto no Ocidente como no Oriente.

A fundação dos partidos políticos e a expansão russa no Cáucaso gerava no Império Otomano grande aversão, principalmente nos armênios. No ano de 1850 a população armênia começou a mostrar um sentimento nacionalista e após três décadas, foi fundada a *Dashnaktsutiun* ou *Tashnag* -Federação Revolucionária Armênia e também o chamado *Hentchack* - Partido Social Democrata, que não visava nenhum movimento separatista do Império Otomano, mas sim propor mudanças e reivindicar direitos. Neles se buscava a igualdade entre armênios cristãos otomanos e turcos otomanos maometanos, garantindo assim a liberdade, a existência física e a vivência pacífica em território otomano. Inclusive este movimento ficou conhecido como *Questão Armênia*.

No ano de 1876, com o afastamento do Sultão Maomé Murad V, devido a uma questão médica, foi nomeado seu irmão, Abdul Hamid II, 34º Sultão do Império Otomano, que tinha em suas mãos um império enfraquecido, decadente e endividado. Um ano após sua ascensão, entrou em conflito com a Rússia, o que gerou a Guerra Russo-Turca 1877-1878, na qual o império perderia mais territórios com a independência de algumas regiões como Sérvia, Romênia e Montenegro.

A insustentabilidade do governo era gerado pela diferença de desenvolvimento do Império com restante dos países da Europa, acelerado pelo processo de industrialização e comércio, que estavam à frente dos governantes otomanos que buscavam aumentar seus negócios através da guerra e da pilhagem, o que gerou uma

necessidade de importação e de empréstimos dos europeus, que não faziam questão de oferecer dinheiro aos otomanos, uma vez que cobriam juros e até controlariam os negócios turcos em Constantinopla, para garantia e proteção dos seus bens.

Durante o avanço da Rússia em território otomano, Abdul Hamid foi obrigado a pedir auxílio para a Rainha Vitória<sup>31</sup> da Inglaterra visando conter o avanço russo, uma vez que o avanço dos russos em Istambul geraria a perda dos empréstimos europeus. O governo britânico prontamente disponibilizou tropas, causando uma desistência russa, que não estavam interessados em ampliar a guerra com os ingleses. Durante esse acontecimento, Abdul Hamid ficou extremamente irritado quando soube que algumas comunidades armênias saudaram a chegada dos russos, fazendo com que seu ódio pelos armênios fosse ainda maior.

O desenvolvimento dos armênios havia crescido nos últimos trinta anos, principalmente no âmbito comercial. No lado russo, os armênios prosperaram e eram em torno de 750 mil armênios. Porém, mais de um milhão estava sob domínio turco.

De fato, a região do Cáucaso havia sido benéfica para os armênios, como uma segunda casa. Ainda que numerosos no lado otomano, os armênios viviam espalhados por todo império, vivendo em pequenas vilas e comunidades agrícolas como as cidades de Van e Diyarbekir, nas quais havia grandes confrontos com os curdos<sup>32</sup> nômades que oprimiam e saqueavam estas vilas.

Sendo assim, muitos armênios migraram para outras cidades como a capital Constantinopla e Aleppo. Segundo o autor Alan Palmer: "No fim da década de 1880, havia cerca de 150 mil membros da Igreja Armênia vivendo na Capital em comparação com 153 mil gregos ortodoxos e 385 mil muçulmanos." (PALMER, 1992, p.176).

A presença armênia em Constantinopla não era apenas composta por membros da Igreja e comerciantes, mas também grandes escritores, políticos, advogados, médicos, entre outros membros intelectuais que iam pouco a pouco ganhando espaço em solo turco, chegando até mesmo a ocupar cargos a serviço dos membros do

---

<sup>31</sup> Rainha Vitória (1819-1901) foi rainha da Inglaterra e Irlanda; também foi Imperatriz da Índia. Sendo coroada aos 18 anos de idade, reinou durante 63 anos e sete meses de 1837 a 1901. Durante seu reinado, o Reino Unido se transformou em Império Britânico, com possessões coloniais da África até a Índia, seu reinado ficou conhecido como "Era Vitoriana".

<sup>32</sup> O povo curdo é um grupo étnico que se julga nativo de uma região do Oriente Médio chamada de Curdistão. Como não possuem um país organizado, vivem espalhados pelos territórios de alguns países asiáticos que abrange parte dos territórios do Irã, Iraque, Síria e Turquia.

governo, conseguindo um notável sucesso. Esta presença também foi importante para impulsionar e divulgar a *Questão Armênia*.

Juntamente com a aparição dos partidos *Tashnag* e *Hentchack*, os turcos também haviam fundado seu grupo político, chamados de *Yeni Osmanlilar* -Novos Otomanos-, e tinham como interesse “obter uma constituição e um governo mais representativo, e melhor controle sobre o tesouro do estado” (ARLEN, 1978, p. 114).

Já os intelectuais armênios buscavam a liberdade em praticar sua religião e a possibilidade de servir às Forças Armadas. Ambos buscavam melhorias no sistema e não o fim do sistema de governo que estava presente, o sultanato. Abdul-Hamid ia contra todas as formas de manifestação destes partidos políticos, nenhum grupo reformista era aceito em seu governo, raramente ouvia seus próprios assistentes e membros do governo, quanto mais ouvir um movimento organizado composto em sua maioria por estudantes turcos e armênios.

A recepção destes movimentos era desprezível, foram considerados ilegais e acusados de ir contra o sultão e sua forma de governar, sofreram perseguições resultando em prisões, exílios e assassinatos. Os armênios pareciam ter um tratamento especial pelo sultão: “Proibiu que a língua armênia fosse ensinada ou falada em público, e proibiu a publicação, em qualquer lugar do império, de qualquer menção à Armênia ou referência a algo armênio” (ARLEN, 1978, p. 114).

A proibição de divulgação pela imprensa armênia ou de algo relacionado à Armênia foi uma forma de anular qualquer possibilidade de um pedido de socorro para ao mundo nos anos que viriam. Na década de 1890 os armênios publicaram muito material em vários jornais da Europa e também nos Estados Unidos, o que causava grande interesse por determinados países em abraçar a Questão Armênia: “Nenhum presidente dos Estados Unidos antes de Woodrow Wilson dedicou muita atenção aos relatos enviados pelas missões sobre a luta na Armênia, mas a presença delas na Anatólia despertou o interesse dos leitores de jornais nos dois lados do Atlântico pela causa Armênia.” (PALMER, 1992, p.177).

## **2.2 Os Massacres Hamidianos**

A prosperidade intelectual e comercial, o aumento populacional nos grandes centros turcos, a ocupação e prestígio em cargos do governo, a criação de partidos

políticos a pedido de melhorias na condição de vida e participação dos armênios causaram uma imediata reação do Sultão. No primeiro ano da década de 1890, as comunidades armênias começaram a sofrer com saques e violência nas suas aldeias. Anos antes se recusavam a pagar seus impostos devido aos ataques curdos e ganância do governo, e aí houve uma represália a essas comunidades, lojas, igrejas, fazendas e casas que eram invadidas e saqueadas pelos curdos, o que levou os *Tashnag* e *Hentchack* a abraçarem esta causa, indo contra os curdos como uma “revolução”.

Um ano após estes conflitos Abdul-Hamid armou a população curda, os denominados *Hamidiye* ou Cavalaria Hamidieh: “A sua experiência nos Bálcãs ensinara-lhe que o melhor meio de fazer prevalecer o seu domínio sobre as raças do império era incitá-las e chacinar-se umas às outras. Aplicando este princípio às províncias orientais, mandou distribuir emblemas oficiais e espingardas modernas às tribos de curdos e, depois formá-las em ‘Cavalaria Hamidieh’.” (BRYCE; TOYNBEE, 2003, p.27)<sup>33</sup>

A ação não demorou a ser colocada em prática pelo Sultão. No mesmo ano da formação da Cavalaria Hamidieh foram assassinados por volta de dez mil armênios e, aproximadamente, vinte aldeias foram destruídas. O massacre gerou grande aversão no mundo, principalmente na Inglaterra, onde o Primeiro Ministro William E. Gladstone<sup>34</sup>, que estava ansioso por abraçar a causa armênia, proferiu um discurso reagindo ao massacre:

“... o assassino (e não seus súditos muçulmanos) têm sido o autor intencional dos estragos armênios do princípio ao fim; esta atrocidade não tem comparação com a História recente; o acordo dos países da Europa frente a Turquia em consistido em um deboche lamentável; o método das demonstrações que se observam as potências frente a evidencia extrema que não se pode chegar nada sem a força, é uma culpa moral e um erro político; alguns soberanos e governos tem protegido abertamente e assegurado o assassino e a presença da embaixada em Constantinopla no que se resulta em um escárnio para si mesmo e seus desastres; deveriam adotar a punição conjunta e realizar ainda hoje, para evitar outra série de mortes ainda piores que aquelas que fomos espectadores.” (OHANIAN, Pascual C. 1975 p. 457, tradução nossa)<sup>35</sup>

<sup>33</sup> Estes relatos foram retirados do livro: *Atrocidades Turcas na Armênia*, 2003.

<sup>34</sup> William Ewart Gladstone (1809-1898), foi um político liberal britânico, primeiro como deputado no Parlamento e depois ocupando vários cargos no governo. Foi Primeiro-Ministro quatro vezes, sendo a primeira vez aos trinta e quatro, e fez seu último discurso como membro do governo aos oitenta e quatro.

<sup>35</sup> “[...]el Asesino( y no sus súbditos mulsumanes) há sido el autor intencional de los estragos armênios del principio al fin; esta atrocidade no tiene parangón em la Historia reciente; el concierto de los países de Europa frente a Turquía há constituído una irrisión lamentable; el método de las demostraciones a las que se atienen las Potencias frente a la evidencia extrema de que no puede llegar a nada sin



Após o discurso, Gladstone pediu a retirada do embaixador inglês de Constantinopla e expulsou de Londres o representante turco, os protestos no mundo crescera e em vários países teve o início da proteção e defesa dos sentimentos humanitários em relação aos povos armênios.

No ano de 1894 os massacres se intensificaram, visando reprimir todos aqueles que possuíam o viés revolucionário e que defendiam a causa armênia, principalmente membros do *Hentchack*. Foram enviados para as vilas e comunidades armênias tropas do exército otomano acompanhadas pela Cavalaria Hamidieh a fim de buscar revolucionários que possivelmente estariam escondidos nas montanhas de Sassoun. Sabendo da presença dos otomanos e curdos, os armênios articularam uma defensiva contra a chegada das tropas. O terreno acidentado e íngreme facilitava o confronto para os habitantes locais e dificultava muito a vida dos soldados do Sultão. O confronto durou aproximadamente duas semanas, os armênios conseguiram resistir e alguns otomanos foram mortos. A notícia da resistência armênia chegou até o palácio de Ylidiz e não foi bem recebida pelo sultão Abdul-Hamid, que via o movimento como uma rebelião dos armênios em solo otomano.

Tendo ciência dos acontecimentos e repulsa aos armênios, ele pôs em prática, junto aos governadores locais, um plano para conter a rebelião, que eles mesmo incitavam, antes que elas se espalhassem por todas as vilas armênias do império. O plano colocado em prática gerava ainda mais revolta da população armênia, pois suas lojas, vilas, igrejas, mercados e escolas eram saqueados e depredados, exigiam ainda mais impostos e lhes confiscavam os bens sem nenhuma justificativa. Além disso, qualquer atrito entre armênios e turcos resultava em de mortes e nas mais horrendas torturas como explica Michael J. Arlen:

“... na cidade de Bitlis, uma briga entre um armênio e um turco sobre o preço de dois bois resultou na prisão e na execução, feitas pela polícia turca, de cento e cinquenta armênios como “revolucionários” e no subsequente massacre de quase dois mil feitos por uma multidão atijada de turcos.” (ARLEN, 1978, p. 116).

Perante ao movimento dos Hamidieh e do exército turco nas comunidades armênias, os armênios passaram a ter mais um problema, a própria população turca,

---

fuerza, es una culpa moral y um terror político y sostenido al Asesino y la presencia de la embajada em Constantinopla em sustância se resolve em um escarnio al mismo y a sus desastres, se debería adoptar la coerción conjunta y podría aún hoy realizarse y evitar outra serie de muertes peores todavia aquellas de las que fuimos espectadores.”

que inflamada pelo viés do sultão e ação das tropas, começaram a se manifestar contra os armênios.

Embora possuíssem religiões e costumes diferentes, os armênios e turcos viviam, de certa forma, pacificamente nas cidades do território otomano, com comércio entre si e dividindo as mesmas vilas, situação que mudou drasticamente, como na cidade de Urfa:

“Na tarde do segundo dia, muitos armênios, especialmente mulheres e seus filhos (que não haviam, de maneira alguma, sido isentadas da perseguição), haviam se refugiado em sua igreja, um edifício de tamanho moderado, antigo, que ficava no cruzamento de duas ruas. Os turcos pregaram largas vigas de madeira, de modo que não pudessem ser abertas por dentro, e puseram fogo nela. O incêndio durou a noite toda, e parte da manhã, e quando acabou, foi estimado que umas duas mil pessoas haviam perecido lá dentro...” (ARLEN, 1978, p. 117).

Estes atos eram comuns em cidades como Urfa, Diyarbakir, Erzurum e Bitlis, que possuíam uma presença maior de armênios. Não importava quais fossem as vítimas, homens, mulheres e crianças, todos eram perseguidos e assassinados. Certas classes possuíam um tratamento especial, como os padres, professores e os ditos “revolucionários”, estes eram torturados, decapitados ou enforcados em meio à multidão enfurecida.

Imagem 13: Mapa da Turquia no ano de 1992



Fonte: Magellan. Disponível em: <<https://www.lahistoriaconmapas.com/atlas/mapa-portugues/Turquia-mapa-cidades.htm>> Acesso em: 12/06/2019

No mapa acima podemos ver a localização das cidades turcas representadas no ano de 1992, mas que possuem o mesmo nome desde a formação do Império Otomano. Nele, podemos observar que as cidades onde ocorreram os primeiros massacres hamidianos, pela Cavalaria Hamidieh, estavam próximas ao Lago de Van onde estavam concentradas as maiores cidades armênias, bem distante dos olhos de Constantinopla.

Os massacres só cessaram quando em 1896, um grupo de ativistas armênios invadiram o Banco Otomano tentando chamar a atenção das potências europeias sobre a discriminação e ataque às comunidades armênias. Cerca de 24 jovens tomaram o banco, munidos de armas e dinamites, fazendo os funcionários reféns e exigindo reformas constitucionais também nas vilas armênias, já que o Sultão havia aprovado um programa de reformas em Creta, na qual os cretenses teriam assembleias gerais, os líderes cristãos e membros teriam vagas em cargos públicos, além da polícia ser supervisionada por representantes europeus.

Não demorou muito para que tropas turcas cercassem o banco e fizessem os próprios armênios reféns. Percebendo a situação em que se encontravam, após o surgimento das tropas otomanas ao redor do banco, o grupo iniciou um ataque lançando dinamites em direção aos turcos, mas que acabou atingindo a parte superior do edifício. Com medo da destruição do Banco Otomano, Sir Edgar Vincent, político britânico e diretor do banco, comunicou às autoridades turcas e, por intermédio de uma negociação com a embaixada turca, conseguiu um acordo com os invasores, fazendo com que eles entregassem as armas e fossem exilados na França.

A tentativa heroica dos ativistas armênios conseguiu chamar a atenção das potências, porém resultou também em mais mortes na cidade de Gálata, onde uma multidão de turcos andava pelas ruas das cidades quebrando lojas e edifícios armênios com porretes e clavas, atacando sem nenhuma piedade mulheres, crianças, velhos, jovens, todos estes desarmados. Dois dias após o fim do sequestro ainda haviam corpos que caíam diante dos turcos. Membros dos governos franceses e ingleses que estavam presentes nas cidades estimavam que aproximadamente oito mil armênios inocentes perderam suas vidas. No dia 29 de agosto uma carta, assinada pelas potências europeias, solicitava o fim dos massacres e alertava ao Sultão que se fosse constatado novos ataques contra a população armênia, o trono e a Dinastia Otomana estariam ameaçados. Abdul-Hamid logo tratou de dar a ordem de proibir a matança.

Entre 1894-1896 estes massacres ficaram conhecidos como Massacres Hamidianos. Estima-se que entre cem a trezentos mil armênios tenham perdido suas vidas em razão da política de Abdul-Hamid. Durante esses anos o governo turco tentou esconder todas as suas ações contra os armênios, alegando que se tratava de um “assunto interno” e sempre que confrontado pelos representantes das potências europeias, alegava que tal acusação se tratava de um “exagero” e “provocação”. Viajantes que passavam pela Anatólia descreviam as vilas armênias como abandonadas, com resto de corpos em estado de decomposição no chão e sangue pelas ruas. Apesar disso, o guia da expedição explicava tal situação como sendo “*Uma praga terrível*”.

Devido aos massacres hamidianos, o Sultão recebera alguns apelidos como “Abdul, O Maldito”, “O Grande Assassino” e “O monstro de Yildiz” que indicavam sua má reputação diante das Grandes Potências, em especial França e Inglaterra, que discutiam com as demais a possibilidade de depor Abdul-Hamid do trono, alegando que o Império não conseguiria se manter em pé diante das rebeliões e matanças que ocorriam em seu vasto território. O Kaiser Guilherme II<sup>36</sup> da Alemanha aprovou que o embaixador inglês discutisse com seu ministro um provável substituto para o trono otomano, situação que não teve continuidade, porque dias após esta autorização, numa reunião entre os três imperadores, russo, alemão e austríaco, decidiram que não iriam interferir no futuro do Império Otomano, gerando uma tensão entre as demais potências. Diante deste acontecimento, em Constantinopla, foi discutido, entre o fim 1896 e o início de 1897, uma série de reformas que seriam apresentados ao Sultão, mas que não foram aceitos por ele, alegando “interferência estrangeira”.

As tensões em solo otomano não pareciam ter fim. O conflito entre muçulmanos e cristãos se mantinha a todo vapor na ilha de Creta, mesmo após o Sultão ter aceito as reformas pelos cretenses. Isto gerou uma revolta dos revolucionários cretenses que proclamaram a Ilha de Creta parte do Reino da Grécia, contando com o apoio do Príncipe George da Grécia que forneceu embarcações e mantimentos para a anexação da ilha. O levante ainda contou com o pedido do rei grego para que as demais potências mundiais o apoiassem na recuperação da ilha e que evitassem uma guerra contra o exército otomano. Mesmo com o apelo grego às potências europeias, a guerra não foi evitada, ainda mais com a informação de que “em caso de guerra, os

---

<sup>36</sup> Guilherme II (1859-1941), foi o último Imperador alemão e Rei da Prússia de 1888 até sua abdicação em 1918 no final da Primeira Guerra Mundial, onde se exilou na Holanda.

gregos se levantariam contra seus opressores turcos em todo Império do Sultão” (PALMER 1992, p.177). A guerra Greco-turca de 1897 ficou conhecida com a Guerra dos Trinta dias, no qual, durante um mês, gregos e otomanos entraram em conflito até a interferência das potências mundiais, gerando um acordo que previa a retirada dos combatentes gregos de Creta e que o território ficasse sob domínio das potências internacionais até a realização de um acordo. Realizado o acordo, a Grécia teve de pagar uma indenização ao governo otomano e disponibilizar algumas aldeias e foi também acordado que Creta ficaria sob comando do Sultão, porém o governador, indicado por ele, só seria aceito após a aprovação por Atenas.

Com a vitória na Guerra dos Trinta dias, o Sultão se fortaleceu e ganhou reconhecimento por membros do governo que antes o pressionavam. Grupos revolucionários presentes no território otomano agora tinham receio de se manifestarem contra Abdul-Hamid. Na Macedônia e na Sérvia os revolucionários extinguíram seus órgãos e se calaram juntamente com os estados que possuíam interesse em fomentar estes grupos contra os otomanos. Sendo assim, as reformas, que antes eram necessárias para todas as populações não muçulmanas em território otomano, foram enfraquecidas e deixadas de lado durante alguns anos, principalmente a *Questão Armênia*, que ficou sem solução após o início da guerra.

No final do século XIX houve uma aproximação entre os governos turco e alemão, talvez até por conta da reunião dos três imperadores em 1896, o qual retirava a interferência das potências mundiais sobre o Sultão. O Imperador Guilherme II passou a visitar com frequência o território otomano com a intenção de fortalecer os laços alemães com os governantes otomanos, e visitava não só a capital Constantinopla como também cidades do interior da Arábia, tentando, como forma de impressionar todos os membros e súditos do governo, saudava o sultão lhe oferecendo toda a confiança. Essa aproximação garantiu grandes investimentos para as companhias alemãs em solo otomano, o que resultou na exportação de matéria prima, especialmente o aço, para a construção de ferrovias, como a maior delas a ferrovia que ligava Berlim a Bagdá, nas áreas mais lucrativas do Império. “Em dezesseis anos, a Indústria alemã forneceu 200 locomotivas e cerca de 3500 vagões de passageiros e de carga para a *Anatolian Railways* e seu ramal para Bagdá, assim como trilhos de aço para ferrovias” (PALMER, 1992, p.193).

A presença do Kaiser alemão no território otomano gerou também uma insatisfação do Sultão quando Guilherme II declarou interesse de defender as colônias judias, apoiando o sionismo de Theodor Herzl, que discursava a favor do povo judeu possuir seu próprio território assegurado na Palestina. Guilherme II apoiava os judeus porque um a cada dez de seus súditos na Alemanha eram judeus e estes ocupavam bons e renomados cargos no governo, possuíam grandes fortunas e habilidade comercial. Os judeus estavam presentes também no território otomano, tinham suas comunidades assim como outros povos nas terras do Sultão, que também eram reconhecidos como bons intelectuais, comerciantes e muitos deles eram escalados para cargos do governo pelo próprio Abdul-Hamid, que os consideravam bons otomanos. O apoio alemão às comunidades judias no Império Otomano era frequente, eles forneciam ajuda aos refugiados judeus vindos da Europa e Rússia, dando apoio à Organização Sionista Mundial.

A vinda de refugiados e a presença dos povos judeus e cristãos geravam conflitos nas cidades e vilas do Império e todo apoio feito aos povos que não eram muçulmanos, ia ao encontro à intenção do sultão e dos membros do governo em criar uma unidade muçulmana e fortalecer o governo. A construção de ferrovias pelo extenso território do império foi uma forma de deslocar unidades militares e materiais com o intuito de conter qualquer tipo de movimento contra o império, além de ser uma forma do governo reiterar sua autoridade que vinha sendo manchada pelos acontecimentos recentes. A vitória na Guerra dos Trinta Dias, o acordo com os alemães para a construção de ferrovias e a busca pelo controle das regiões que eram consideradas mais tensas e perigosas para o governo otomano parecia ter elevado a popularidade e a confiança do governo em relação ao Sultão. Ainda que Abdul-Hamid fosse um homem muito inteligente, era também inseguro com relação aos seus membros considerados fiéis, já que ele possuía manias pouco incomuns “Tinha medo do escuro. Também temendo ser assassinado, raramente dormia duas noites no mesmo quarto” (ARLEN, 1978, p. 117). Toda essa insegurança fez com que o Sultão apresentasse uma dificuldade em delegar poder para seus oficiais para que tivessem certa autonomia nas áreas onde atuavam e além disso, possuía receio de prosseguir com algumas de suas ideias, o que muitas vezes acabava prejudicando o andamento do governo, que acabou gerando no final do século XIX, uma insatisfação no governo dando margem para a formação de grupos políticos dentro e fora do Império Otomano.

Um grupo de estudantes de medicina do exército de Istambul começou a se formar no ano de 1889, inspirados pelo movimento dos Jovens Otomanos, os quais tinham o intuito de pressionar e fazer oposição ao Sultão. Por conta disso, sete anos mais tarde, membros desta célula denominada *Jovens Turcos* foram exilados para Trípoli. Mesmo com o exílio as conversas e encontros dos membros da célula não se encerraram. Muito pelo contrário, passaram a reunir-se em Paris onde era publicado um jornal denominado *Meşveret* -consulta-. Fundado por Ahmet Riza, o jornal atacava pesadamente o governo otomano, o que obrigou o governo francês, anos mais tarde a fechar o jornal. Porém, nos anos em que circulava o periódico, Riza buscava demonstrar aos seguidores e leitores que uma Monarquia Constitucional seria ideal para o desenvolvimento do império. Além de Riza, outra personalidade importante se juntou ao movimento dos *Jovens Turcos*, o príncipe Sabaheddin que se exilou voluntariamente no ano de 1899, dando prestígio ao movimento após ele ser o primeiro a presidir o movimento, em Paris, no ano de 1902, assinando um documento que apelava às Grandes Potências para pressionar o governo otomano a fim de cumprir com os tratados e beneficiar todas as partes do império.

Os *Jovens Turcos* acompanharam de perto todas as revoltas que ocorreram no império desde o início da sua criação em 1899, durante os massacres hamidianos. O movimento contava também com a presença de membros armênios, que eram a favor da interferência das potências em território otomano em 1894-1896, mas o restante dos membros foi contra essa possibilidade. A guerra Greco-Turca foi debatida pelos membros do movimento, até mesmo com receio de uma possível interferência de uma grande potência no andamento do governo.

No início do século XX as tensões em território otomano emergiram novamente, após alguns anos de calma devido à vitória do Sultão na Guerra dos Trinta Dias, grupos supremacistas búlgaros começaram a agir nos Bálcãs, o que levou as potências europeias a iniciarem um processo juntamente ao governo otomano, para realizar as reformas na Trácia e na Macedônia.

Em 1901, o sequestro de uma missionária americana pela *Internal Macedonian Revolutionary Organization* (IMRO) alertou a todos que os turcos não possuíam a capacidade de proteger nem de impedir o avanço e as alianças dos grupos supremacistas.

No ano de 1903 uma série de atentados em Salônica deixou inúmeros gregos mortos e a formação de guerrilhas búlgaras fez com que grupos revolucionários gregos voltassem a se formar em Salonica e nas aldeias vizinhas. As tensões agora haviam tomado grandes proporções. Além de búlgaros e gregos, a restauração da Dinastia Karadjordjevic também provocou a restauração de grupos revolucionários sérvios.

O mapa local estava completamente mudado devido às diferenças políticas, culturais e religiosas. O possível conflito entre os grupos e a presença do exército otomano neste ambiente alertaram as Grandes Potências, já que nenhuma delas gostaria de presenciar cenas como as do massacre de 1894-96. Os Imperadores russo e austríaco discutiram um plano de reformas para ser apresentado ao Sultão que, pressionado pelo poderio naval das potências aceitou com muita repulsa. Abdul-Hamid não aceitava que as potências europeias interferissem nas políticas de seu território, somente o Kaiser alemão era poupado das grandes injúrias.

Diante dessas tensões no Balcãs, o movimento dos *Jovens Turcos* influenciava discretamente os membros do exército otomano e o movimento em Paris evoluía significativamente com a realização de mais um congresso nos anos de 1906-1907. Em Salônica, região de conflito, Mehmed Talaat fundou a Sociedade Otomana para a Liberdade, com o apoio de Mustafa Kemal, nascido em Salonica, capitão do Estado-Maior, fundador do *Vatan* (pátria), que tinha contato com membros do movimento *Jovem Turco*, exilados em Genebra e Paris. A união destes três grupos deu origem ao Comitê de União e Progresso - CUP, que no mesmo ano contou com a incorporação do major Enver, o qual em uma conspiração contra o sultão ajudou significativamente o Comitê, e entrou em contato com os representantes estrangeiros em Salônica solicitando a restituição da Constituição de 1876. Com pouco apoio de seu exército e dos membros do governo, Abdul-Hamid fez esforços para manter sua posição política, mas não resistiu à pressão dos revolucionários.

Em 1908 anunciou que a Constituição que, há 30 anos, havia sido revogada estava novamente em ação. A volta desta constituição trazia inúmeros benefícios aos povos não muçulmanos que viviam em solo otomano, como a igualdade de raça e religião e a reorganização dos governos já existentes, além da convocação de um parlamento, marcando assim o fim da era hamidiana.



### 2.3 Governo do Comitê de União e Progresso

Quando Abdul-Hamid assinou a restauração da Constituição, os membros da CUP ficaram surpresos, pois pensavam que seria mais difícil pressionar o Sultão. O Comitê não era um partido político e sim uma junção de grupos revolucionários na Macedônia sem um líder único, mas vários líderes. Os membros ficaram receosos de ir até a Capital temendo ser presos ou mortos. Então se aproximaram de burocratas importantes para conseguirem chegar até o palácio e apresentarem suas reivindicações. Após terem escolhidos seus três membros principais, entre eles o próprio Mehmed Talaat, que futuramente faria do CUP uma organização política, o grupo chegou para uma reunião com Sultão que foi bem-sucedida.

Devido a isso despertou confiança para que outros membros do grupo também viessem para a capital, entre eles Enver e Cemal. O Comitê não visava derrubar o Sultão, mas sim aplicar reformas para que o império pudesse se tornar um Estado moderno e centralizado, capitalista, sem deixar para trás as suas origens, trazendo a todos os seus súditos, independente das suas origens ou religião, a possibilidade de ter os mesmos direitos perante a lei, além de ajustar o sistema tributário de acordo com o que fosse mais justo.

A eleição do parlamento, no ano de 1908, foi realizada após a recente liberdade política que foi possível após a Constituição. Nesta eleição, membros do CUP, agora organizados em partido político e o *Ottoman Liberal Union*, liderados pelo príncipe Sabaheddin, disputaram o poder através de eleições indiretas. A vitória do CUP foi esmagadora, já que estes, por possuírem um número maior de reformas, bem radicais, aliás se comparadas às do governo anterior.

A instalação do Parlamentarismo não foi facilitada por questões externas e conflitos, tanto que a relação anterior com o Sultão garantia ao governo do Império Austro-Húngaro a administração da Bósnia-Herzegovina e a presença de um novo comando otomano iria prejudicar os negócios do Imperador Francisco José I que, logo após as eleições otomanas, agregou o território bósnio ao seu império.

Além do território bósnio os otomanos perderam a região da Bulgária, que teve sua independência reconhecida por um acordo que cancelava os pagamentos otomanos ao governo russo referentes à Guerra Russo-Turca de 1878. O cenário era

novamente desfavorável aos otomanos que, anos atrás conseguiram anexar e controlar territórios, mas agora estavam diante de crises financeiras e territoriais.

O início do governo do CUP parecia ruir sem ao mesmo desabrochar, ainda mais com o cenário que enfrentavam e o surgimento de puristas muçulmanos que se agruparam e organizaram uma contrarrevolução, criando a Sociedade pela Unidade Islâmica, que possuía como membro o filho de Abdul-Hamid, que acusava os membros da CUP de estarem articulando um poder absoluto. Essa afirmação gerou atrito entre os batalhões localizados na capital e na cidade de Salônica, onde havia surgido o movimento do Comitê.

A Sociedade exigia que o governo do CUP fosse deposto com o estabelecimento de um regime fiel ao Sultão, restabelecendo a autocracia imperial.

O Sultão rapidamente atendeu ao pedido dos puristas. Apesar da contrarrevolução ocorrida na capital, na cidade de Adana, localizada na Cilícia, aconteceu um conflito sangrento entre muçulmanos e armênios. Estima-se que foram mortos entre 10 a 30 mil armênios após o início do conflito. O embate foi travado por diferenças políticas e religiosas, principalmente com a volta dos poderes momentâneos ao Sultão, já que os armênios apoiavam o Comitê que, segundo as pautas defendidas, trariam igualdade e liberdade a todos os povos sob domínio do Império Otomano.

Os armênios buscaram proclamar sua liberdade e igualdade perante aos muçulmanos que não aceitaram. Sendo assim, casas e propriedades armênias foram saqueadas e incendiadas, em um conflito que durou cerca de duas semanas e só terminou com a chegada de tropas governamentais que trataram turcos e armênios das piores formas possíveis visando a manutenção da ordem.

O plano realizado pelos membros da Sociedade pela Unidade Islâmica não demorou muito tempo para ruir, até porque os membros do CUP, mesmo recebendo críticas pelas reformas, recebiam maior apoio dos membros do exército.

Em Salônica, ao saber da atitude do Sultão, os membros do Comitê organizaram um movimento das tropas, lideradas pelo general Mahmud Shevket Pasha, juntamente com Cemal, garantindo assim a convocação de um parlamento para discutir um manifesto condenando a atitude tomada por Abdul-Hamid em favor dos puristas.

Conhecendo a atitude do Sultão na capital, Talaat foi um dos mais fervorosos a favor da deposição do imperador, que aconteceu após o manifesto emitido pelo *Şeyhülislam* - Xeique do Islã informando a Abdul-Hamid sua deposição.

Assim que Abdul-Hamid foi deposto, subiu ao trono Mehmed V, que não tinha mais poderes para reinar e governar, não poderia escolher ministros e nem os próprios auxiliares, ficando apenas com o veto suspensivo, a escolha do Xeique do Islã e do Grão-Vizir. Além disso, uma emenda adicionada à Constituição deixava claro que se o Sultão fosse contra as leis do império, ele seria deposto. A atitude do Sultão foi condenada pelo CUP e também pelos membros do parlamento, que decidiram retirar todas as suas mordomias:

“... Não permitiram que Abdulhamid fosse confinado no *kafe* de algum palácio otomano. Afirmaram a Abdulhamid que o parlamento decidira que devia ser exilado em uma das províncias e lhe destinariam sua residência em Salônica” (PALMER, 1992, p.209).

Com Mehmed V no trono, mas sem nenhum poder, o CUP logo se articulou para encontrar representantes oficiais do governo, para tratar de assuntos internacionais e também realizar reformas necessárias visando um melhor andamento do governo. Porém, após chegar ao poder com propostas e discursos de liberdade, direitos e igualdade política e religiosa, e contando com a ajuda de todos os povos que viviam no território otomano, como judeus, cristãos e muçulmanos, o governo CUP adotou medidas repressoras para todos esses grupos e outros que pudessem surgir:

“A Lei dos Vagabundos (8 de maio de 1909) tratou mendigos crônicos e sem ‘meios visíveis de subsistência’ com muito menos generosidade do que as leis da Inglaterra dos Tudors. A lei de Associações (16 de agosto de 1909) proibiu a formação de grupos políticos com o nome de nacionalidades ou raças. Essa medida provocou o fechamento de clubes albaneses, gregos e búlgaros, mas não impôs restrições à *Turk Denegli* (Sociedade Turca), criada em janeiro anterior, sob a alegação de que a palavra “turca” se referia a uma língua falada ou cultura popular e, portanto, não possuía conotação política. A Lei de Combate ao Banditismo e à Sedição (27 de setembro de 1909) permitiu a criação do de “batalhões de caçadores” que deviam se identificar e reprimir os grupos armados, em especial os *comitadji* dos Bálcãs. Ao mesmo tempo, uma Lei de Conscrição introduziu um novo conceito de obrigações militares para não muçulmanos. Essa demonstração do visível empenho do CUP ‘na distinção de raças e credos’ fez com que os Unionistas rapidamente perdessem apoio de cristãos e judeus.” (PALMER, 1992, p.211)

Logo, a partir do momento em que os membros do Comitê tiveram a possibilidade de governar, começaram atender os interesses turcos e não mais aqueles que eram prometidos no início de sua formação. Contudo, o Império se

modernizava com a permissão de estrangeiros em Constantinopla com a criação de escolas e o fim do pagamento de impostos sobre produtos agrícolas.

Apesar do avanço técnico e das reformas econômicas, a insatisfação com o governo CUP que, ainda possuía sua sede em Salônica e não em Constantinopla, aumentava significativamente. A Lei das Associações fez com que grupos radicais e sociedades secretas se formassem tanto dentro quando fora das extensões do império.

Em Paris foi fundada a Sociedade Jovem Árabe que desafiava a política imposta pelos CUP. Não só em Paris, mas também em outras regiões, os movimentos secretos de grupos radicais começavam a desafiar o governo, principalmente quando o governo instalava novos impostos ou novas políticas.

Ocorreram revoltas nas terras armênias, principalmente entre muçulmanos e cristãos. Na Albânia uma rebelião ocorreu após uma tentativa de impor novos impostos. Ainda ocorreram também duas revoltas árabes e no fim da primeira década do século XX, as tensões entre o Governo Otomano e Itália se acirraram.

Quando os franceses ocuparam a Tunísia, os italianos, percebendo a decadência do império otomano, começaram a se interessar pelas terras líbias a fim de se desenvolverem na região, alegando que o governo otomano não tratava os comerciantes e negociantes da Líbia da forma correta e, em setembro de 1911, o governo Italiano apresentou ao governo otomano o ultimato para obtenção das terras líbias.

O inspetor-geral Mahmud Shevket foi avisado antes pelo embaixador otomano, que vivia em Roma, sobre o interesse que os italianos possuíam nas terras líbias. Shevket prontamente enviou armas e munições para região a fim de defender suas terras.

Um dia depois do ultimato italiano, uma guerra se iniciou entre italianos e otomanos, conhecida como a Guerra Ítalo-Turca, contando com a presença dos oficiais e membros do CUP, Cemal e Enver. Os Italianos por meio de bloqueios navais e ataques aéreos<sup>37</sup> conseguiram se apropriar de terras costeiras, porém não

---

<sup>37</sup> Foi na Líbia, no dia 1º de novembro de 1911, que ficou conhecido como o primeiro ataque aéreo da História. O ataque foi realizado pelo piloto e tenente Giulio Gavotti (1882 - 1939), ele foi o primeiro

obtiveram sucesso ao tentar conquistar o interior, já que estavam frente a um habilidoso exército muçulmano que conhecia como ninguém as terras desertas do interior, com isso, a Líbia, assim como Dardanelos fora parcialmente anexada ao Reino da Itália.

O “Homem Doente”, como era conhecido o Império Otomano, diante das demais potências, parecia não ter forças para reagir aos sintomas que afetavam seu desenvolvimento e sua saúde e a perda de mais territórios causava uma inquietação no governo e ainda mais desconfiança no CUP.

A doença aumentou ainda mais com a união dos estados balcânicos juntamente com o Império Russo, que tinham como objetivo expulsar os otomanos da Europa. A Liga Balcânica estava formada, com Macedônia, Sérvia, Bulgária, Montenegro e Grécia que se uniram secretamente contra os interesses otomanos e, em 1912, declararam guerra ao Império Otomano ao invadirem a Albânia. Estrategicamente a Liga Balcânica atacava as terras otomanas enquanto havia negociação da paz entre italianos e otomanos pela Líbia. Ficou acordado, então, o reconhecimento da Líbia como território italiano e o Sultão ainda teria seu reconhecimento religioso sobre as terras cedidas. Com toda essa negociação, as tropas otomanas ainda estavam no território da Líbia e, com isso, não havia possibilidade de chegar às terras albanesas atacadas pela Liga Balcânica, que acabou resultando em mais perdas territoriais.

“Quando Kemal completou sua viagem em meados de novembro, a Trácia já fora perdida para os búlgaros; Kosovo, Monastir, Ochrid e Skopje estavam em mãos sérvias, e os gregos tinham vencido a corrida para se apoderar do mais valioso dos prêmios macedônicos, o porto de Salônica.” (PALMER, 1992, p.216)

A perda de mais territórios resultou num enorme número de refugiados que foram para a capital Constantinopla, e por isso também a pressão sobre o CUP e o governo era inevitável. Após o cessar-fogo iniciaram as negociações de paz sobre a cidade de Edirne. Kamil Pasha, nomeado Grão-Vizir, estava disposto a ceder a cidade aos búlgaros, mas isso revoltou grande parte dos membros do CUP que rapidamente promoveram um golpe. Enver praticamente obrigou Kamil a renunciar e proclamar Shevket Grão-Vizir, já que estava sob ameaça de armas, Nazim, um dos maiores

---

homem a fazer um bombardeio aéreo, bem como o primeiro a realizar uma missão noturna no ano de 1912.

generais do império, foi morto por um dos amigos de Enver e Cemal assumiu como governador provisório do governo.

Com esse golpe os combates retornaram sob o comando de Shevket, mas sem sucesso. Além de perder a cidade de Edirne para os búlgaros, agora também perdera as terras de Janina para os gregos, tendo fim somente com um novo cessar-fogo e o reconhecimento da perda das cidades de Creta, Macedônia, Trácia e Albânia, além das ilhas do Mar Egeu.

A instabilidade do governo aumentou ainda mais com a morte de Mahmud Shevket quando saía de seu carro nas proximidades do prédio do Ministério da Guerra. Cemal não desperdiçou a oportunidade de atribuir o assassinato à oposição, que eram liderados pelo príncipe Sabaheddin do Partido da União Liberal. Logo após a acusação, os membros do Partido da União Liberal foram exilados ou mortos pelo governo CUP.

Após toda a instabilidade do governo, das perdas territoriais, dos conflitos internos provocados pela chegada de refugiados das áreas de guerra e a sequência de golpes, o governo CUP agora estava livre da Oposição e poderia se consolidar de uma vez na condução do governo otomano. Então Enver, Talaat e Cemal instauraram uma ditadura que iria durar até o fim da Primeira Guerra Mundial. A primeira atitude foi restituir Edirne ao império otomano e, com um ataque surpresa, conseguiram resgatar a cidade que serviu também para levantar o ânimo e despertar novamente a confiança no CUP semelhante ao apoio que anos atrás haviam tido na Revolução de 1908, que só fortaleceu após a ascensão do Triunvirato turco, composto por Talaat, Cemal e Enver.

No ano de 1914, após toda confusão dos anos anteriores, o governo otomano buscava, através de seus três mais importantes líderes a reorganização do seu território através de reformas. O cenário pós-guerra de 1913 era caótico, o império perdera inúmeras terras, o número de refugiados era elevado e uma nova burocracia deveria ser formulada para que atendesse as reduzidas terras do império. Uma delas seria a transição de uma monarquia parlamentar para um modelo de cidade-estado.

Embora divergentes, os líderes do CUP sabiam que do jeito que o Império caminhava seria impossível continuar e, por isso, a forma de reunir e fornecer esperança ao povo seria a busca por um nacionalismo turco. A reorganização do

governo otomano parecia estar livre para realizar alianças com quais países quisesse. Apesar dos confrontos passados, os novos comandantes do governo possuíam prestígio entre as grandes potências, mesmo que aos olhos destas, o império otomano estivesse decadente.

O Kaiser Guilherme II, da Alemanha ainda possuía boa relação com o governo otomano desde a época de Abdul-Hamid, apesar de possuir pouco apoio de seus ministros e funcionários, o Kaiser via com bons olhos sua aliança com a Turquia. Alguns projetos inacabados, como a ferrovia Berlim-Bagdá, era um de seus interesses em permanecer aliado dos turcos. Além disso, a presença de Enver Pasha como Ministro da Guerra do império otomano fazia com que Guilherme II confiasse nos otomanos.

Talaat Pasha, de início, preferia realizar negociações com os russos, já que a presença de alemães no comando dos exércitos turcos, em áreas de conflitos anteriores, principalmente nos Estreitos e também em Constantinopla, poderia obter vantagens em possíveis negociações com os ministros do Czar Nicolau II. Mehmed Cavit, auxiliar e amigo de Talaat, ministro das finanças do governo otomano, aconselhava que a aproximação com a França seria mais benéfica pois se o governo necessitasse de um empréstimo, certamente obteria com mais rapidez. Logo os franceses dividiam a administração do *Ottoman Bank* juntamente com os Ingleses.

Ahmed Djemal buscava apoio da Inglaterra, como ministro da marinha, buscava fortalecer a esquadra turca que era a grande obsessão do império desde a época do sultão Abdul-Hamid. Djemal e Cavit prontamente realizaram a compra de dois encouraçados ingleses, que serviria como um marco no poder naval otomano, e seria apresentado como uma força naval militar na Semana da Marinha, mas devido ao início da Primeira Guerra Mundial, os navios foram incorporados temporariamente à esquadra inglesa, o que gerou revolta em Constantinopla. Após este ato do governo inglês, as relações entre turcos e ingleses foi deteriorada, fazendo com que os alemães se colocassem ao lado dos otomanos e, rapidamente, lhes ofereceram navios e financiamentos militares, além de fazer uma propaganda pró-Alemanha contra a aliança Entente.

Ainda que as rusgas entre otomanos e ingleses estivessem aumentando pelo fato dos alemães se aproximarem, o governo otomano temia que, permanecendo

neutro frente a grande guerra que estava acontecendo, uma possível vitória do Império alemão juntamente com o Império Austro-Húngaro, os vencedores dividiriam o restante do Império Otomano. Foi quando, em 2 de agosto, o Grão-Vizir e Enver Pasha secretamente afirmaram uma aliança com o Império Alemão, escondendo até mesmo dos outros membros do CUP, que souberam do tratado semanas depois.

A realização do pacto entre turcos e alemães, levou o Primeiro Lorde do Almirantado que, na ocasião, era Winston Churchill<sup>38</sup>, a escrever um telegrama a Enver para que o governo otomano se mantivesse neutro durante a guerra e que o governo otomano seria recompensado por meio de pagamentos de mil libras diárias referente aos dois encouraçados.

O telegrama de Churchill não surtiu efeito e Enver recusou a proposta, dias após a recusa, chegaram ao poder do governo otomano dois navios de guerra alemães, que foram adquiridos e já poderiam atuar nas mãos dos turcos, contando com uma tripulação alemã, embora os turcos tivessem firmado uma aliança com os alemães, a Turquia ainda se mantinha neutra e fora da guerra

A Turquia só declarou sua entrada na guerra após conflitos que resultaram no fechamento dos portos da Bulgária, Romênia, Rússia e Turquia, ocasionando um caos no comércio entre o Mar Negro e o restante do mundo. O bloqueio dos portos resultou num prejuízo financeiro aos cofres otomanos, que tinham como saída aceitar uma proposta alemã:

“Para amenizar o prejuízo financeiro, a Alemanha pôs à disposição do Império, em 21 de outubro ouro e prata no valor de 200 milhões de libras, que seriam do tesouro otomano tão logo o Sultão declarasse guerra.” (PALMER, 1992, p.226)

A proposta alemã não demorou muito para ser aceita. Três semanas depois, no início de novembro, a Turquia estava em guerra, aliada dos impérios Austro-Húngaro e Alemão, contou ainda com a declaração do sultão Mehmed V que designava aos fiéis otomanos, localizados em territórios inglês, russo e francês, o

---

<sup>38</sup> Winston Churchill (1874-1965) foi um político, jornalista e escritor britânico. Foi também Ministro da Guerra, Ministro da Aeronáutica e Primeiro-Ministro inglês por duas vezes. Winston Churchill ficou famoso principalmente por sua atuação como primeiro-ministro do Reino Unido durante a Segunda Guerra Mundial. Em 1953, recebeu o Nobel de Literatura, por suas memórias de guerra e por seus trabalhos jornalísticos e literários.



início da *Jihad* contra os infiéis, no caso os cristãos, e agora oficialmente a Turquia estava em guerra.

Mesmo sem ter condições para se manter em guerra por muito tempo os governantes turcos, assim como os outros governantes, não imaginavam na proporção e a extensão que a guerra tomaria. Com isso, o abastecimento provenientes da Rússia e da França foram diminuídos, segundo Palmer, “Constantinopla sempre dependera da importação de grãos da Rússia...” levando assim a uma escassez de alimentos e a propagação de epidemias como o tifo, além disso, a falta de trabalhadores no campo devido ao serviço militar ocasionado pela guerra, favoreceu para que a falta de alimentos ficasse ainda mais crítica e na capital, como no interior, o custo de vida aumentou significativamente.

A partir do momento que a Turquia entrou em guerra, ela necessitava de um número maior de soldados para atuarem nos campos de batalha. Começou, então, uma procura geral por todos os cantos do território otomano. Antes, uma lei otomana proibia o alistamento militar de armênios para serem incorporados ao exército otomano. Mas esta lei foi banida para a incorporação dos armênios às guerras dos Bálcãs. Esta participação foi marcada pela grande bravura armênia, que se destacou nos campos.

A bravura armênia despertava o interesse otomano em criar uma frente armênia com a incorporação de soldados turcos, para que estes enfrentassem os russos e libertassem as terras obtidas pela Rússia no Tratado de Turkmanchai. Os armênios logo recusaram.

Podemos acreditar que um dos fatores que levaram a essa recusa seria pelo fato de que o desenvolvimento armênio nas terras pertencentes à Rússia era visível; outro fator seria o apoio e a proteção russa aos cristãos que viviam dentro e fora do seu território. Além disso, jamais guerrearíamos contra um país cristão, pois seria uma forma de trair seu próprio povo que vivia no lado da fronteira russa.

Além do interesse turco no recrutamento de soldados armênios, as montanhas, em suas vilas e cidades, eram de grande interesse otomano, por ser um terreno difícil e acidentado, as tropas armênias auxiliariam os turcos e levariam vantagem em possíveis batalhas na região. Fora isso, a região funcionava como uma barreira natural, separando a Rússia das terras otomanas e apresentava um possível acesso

facilitado ao mar Negro. Outro fator importante era a exploração de petróleo na região, como ressalta Michael J. Arlen:

“No outono de 1914, o conde Vorontsov-Dashkov, vice-rei das províncias transcaucasianas, prometeu aos armênios russos do lado do czar que, se eles apoiassem a Rússia sem reservas na guerra, a Rússia, terminada a guerra daria autonomia as seis províncias turco armênias. Mais ou menos ao mesmo tempo, na Armênia turca, oficiais do governo Jovens Turcos apareceram numa convenção Dashnak em Erzurum e prometeram aos delegados que, se eles apoiassem a Turquia sem reservas, depois da guerra o governo turco daria a todos os armênios autonomia num “protetorado turco” que seria composto de certas províncias russo-armênias assim como partes das províncias turcas de Erzurum, Van e Bitlis.” (ARLEN, 1978, p. 141).

Todos os interesses otomanos relacionados acima somados à necessidade de se manter em guerra, levaram os governantes do CUP a pressionar os armênios a servirem o exército mesmo com a sua recusa. A inquietação entre otomanos e armênios foi aumentando e, conforme o tempo passava e a guerra aumentava, alguns armênios pagavam pela sua isenção no exército, já que era uma sociedade pacífica e intelectualizada, pois, voltavam suas atenções ao estudo e não ao militarismo, ainda mais quando não se tratava de uma guerra patriótica.

Os massacres hamidianos e os acontecimentos em Adana, ocorridos há menos de uma década, faziam com que muitos armênios não tivessem o interesse em participar da guerra. Quando a guerra começou e nela os turcos adentraram, as políticas se alteraram dentro do império. As Capitulações deixaram de fazer parte dos acordos entre Império Otomano e as demais potências europeias. Este acordo, em específico, garantia a proteção dos cristãos que viviam no Império Otomano e, basicamente, garantiam a habitação e a possibilidade de comércio entre cristãos e outros habitantes do império. O fim das capitulações era só o primeiro passo do que estaria por vir.

### **3. O PROCESSO GENOCIDA**

Entre dezembro de 1914 e janeiro de 1915 ocorreu uma batalha entre russos e otomanos, que ficou conhecida como a Batalha de Sarikamish. Esta batalha foi de suma importância, não pela vitória ou derrota de um ou outro, mas, pelo rumo que a vida do povo armênio em solo otomano tomaria a partir de seu término. O inverno intenso e a falta de mantimentos foram cruciais para que a Rússia saísse vitoriosa. Cerca de 80 mil soldados otomanos morreram nesta batalha. Alguns soldados armênios integravam as tropas otomanas que batalhavam pelo território de Sarikamish. Estes, ao fim da batalha, foram acusados de desertar e integrar as tropas russas, além de praticarem atos de guerrilhas contra os soldados otomanos.

#### **3.1 Planos de extradição e desocupação das comunidades armênias**

Logo após a vitória russa em Sarikamish e a acusação dos armênios terem debandado para o lado russo, em fevereiro de 1915, os soldados armênios que incorporavam o exército turco foram desarmados e, semanas depois, assassinados. Em abril, uma provocação nas proximidades da província de Van, deu início a consolidação dos planos para as deportações em massa. Sendo que, dias antes, na cidade de Zeitoun houve o primeiro registro de deportação em massa de um grupo de armênios que partiram para o deserto.

Sendo assim, o Grão-Vizir Said Halim assinou a Lei das Deportações que previa as seguintes ações:

“Artigo I. Em tempo de guerra, os comandantes do exército, de corpos do exército e de divisão, ou seus substitutos, tal como os comandantes de postos militares independentes que se vejam confrontados da parte da população com um ataque ou resistência armada, ou encontrem sob qualquer forma uma oposição às ordens do governo ou aos actos e medidas relativos à defesa do país e à salvaguarda da ordem pública, têm autorização de as

reprimir imediatamente e vigorosamente através da força armada e de suprimir radicalmente o ataque e a resistência. Artigo II. Os comandantes do exército, de corpos do exército e de divisão podem, se as necessidades militares o exigirem, deslocar e instalar noutras localidades, separadamente ou conjuntamente, a população das cidades e vilas que eles suspeitem culpadas de traição ou de espionagem” (TERNON, Yves, 1996, p. 249, apud FERNANDES 13 de abril de 2015)

A partir desta ordem, teve início a perseguição sistemática a todos que se opusessem às leis otomanas, dando margem para ações completamente desnecessárias e repressivas, ao ponto de chefes das províncias exigirem a apresentação de homens armênios ao exército turco. Devemos ressaltar que nem todos os comandantes das províncias foram a favor da Lei de Deportação, sendo alguns deles substituídos no decorrer da ação.

Meses antes, as autoridades turcas haviam expedido ordens para assassinar líderes armênios e ressaltaram que poderia haver uma retaliação contra essa ação turca. Precavidos, os governantes otomanos solicitaram que os soldados se prepararem para um possível combate nas redondezas da cidade de Van.

Em meados do mês de abril uma confusão aconteceu quando turcos, que estavam na região de Van, assediaram mulheres armênias, que conseguiram escapar. Soldados armênios que patrulhavam a região perceberam o assédio às mulheres armênias e foram de encontro aos turcos, houve troca de tiros, que resultou na morte de soldados armênios e turcos. Logo após o tiroteio, os soldados turcos que estavam nas proximidades começaram a atirar contra a cidade de Van, resultando no massacre de muitos armênios, que resistiram por diversas semanas. Ao mesmo tempo em que ocorria esse ataque à cidade de Van, nas províncias vizinhas, cerca de 60 mil armênios foram mortos. Na capital Constantinopla a divulgação dos acontecimentos na região da Anatólia fora divulgada da seguinte maneira.

“Em Constantinopla, onde a imprensa estrangeira e o corpo diplomático tinham pouco conhecimento ou interesse na remota Turquia ocidental, a embaixada alemã enviou este despacho para Berlim: ‘O governo turco nos informou de um ataque por armênios insurrecionistas armados a habitantes muçulmanos na cidade de Van. Muçulmanos foram assassinados. O governo turco foi obrigado a tomar providências para abafar a rebelião.’” (ARLEN, 1978, p. 141).

Analisando a citação acima podemos perceber a forma como eram tratados os confrontos entre armênios e otomanos para a imprensa estrangeira. No documentário

“*Armenian Genocide: 100 years later*”<sup>39</sup> realizado no ano de 2014, um ano antes do centenário do genocídio, expõe através de depoimentos, a forma como ocorreram os massacres nas regiões próximas e na cidade de Van.

A divulgação para a imprensa estrangeira era manipulada pelos otomanos, que acabavam invertendo os acontecimentos e explicando a realização do cerco de Van como uma reação aos suspeitos ataques armênios.

No dia 24 de abril de 1915, data que marca o aniversário do genocídio armênio nos dias de hoje, aproximadamente 600 funcionários que viviam na Capital e nos grandes centros urbanos que, anteriormente, ajudaram os *Jovens Turcos* chegarem no poder. Entre eles 250 intelectuais armênios foram presos, deportados, torturados e mortos. Dentre eles haviam médicos, jornalistas, advogados, políticos, professores, comerciantes, banqueiros, artistas, entre outros que, de certa forma, tinham influência e força para resistir aos atos que estariam por vir.

A prisão dessa elite intelectual foi uma forma de impedir, antecipadamente, uma possível revolta e pedido de ajuda às Grandes potências, anulando assim qualquer possibilidade de reação armênia. Logo não poderiam emitir qualquer pedido se não possuíssem seus representantes na capital.

**Imagem 14:** Assassinato dos líderes armênios em Constantinopla

---

<sup>39</sup> Título original: *Armenian Genocide: 100 Years Later*. Direção: Nicolas Jallot. Produção: Transparen-ces Production. 2014. 52 min.



Fonte: Armin T. Wegner, Wallstein Verlag, Alemanha. Disponível em: <https://www.ranker.com/list/armenian-genocide-pictures/keshvaralikhani?page=2>> Acesso em 01/05/2019

Com a morte da elite armênia em território otomano, a perseguição nas aldeias se tornou ainda maior. O decreto assinado pelo governo previa o desarmamento de toda população armênia nas extensões do império. De forma autoritária, os turcos exigiam uma quantidade de armas por aldeia, caso esse número não fosse atingido, os armênios eram torturados e mortos mesmo que não possuíssem qualquer tipo de arma. Alguns armênios, temendo serem mortos, acabavam adquirindo armas de seus vizinhos turcos, Arnold Toynbee, citado na obra de Michael J. Arlen, ressalta: “[...] aqueles que as obtinham, comprando de seus vizinhos muçulmanos ou usando outros meios, eram presos por conspiração contra o governo...” (ARLEN, 1978 pág.144).

A atitude das autoridades otomanas de recolher as armas dos armênios foi uma forma de facilitar o ataque às comunidades, e o segundo passo para cometer crimes hediondos.

Analisamos até aqui dois pontos que foram cruciais para o início dos assassinatos, primeiramente, o fim da elite armênia na capital impossibilitando a divulgação dos acontecimentos nas províncias armênias para as potências europeias.

E segundo, os armênios agora estavam impossibilitados de se defenderem devido ao recolhimento das suas armas.

A partir deste momento, iniciaram a convocação dos homens para serviços gerais e também para trabalharem nos campos de guerra. Toda convocação era feita pelo governo turco, de acordo com o relatório de Bryce-Toynbee, citado por Michael J. Arlen em seu livro, podemos ter uma noção do que realmente eram as convocações:

“... o pregoeiro público andava pelas ruas anunciando que todo homem armênio deveria se apresentar no prédio do governo... Os homens se apresentavam em suas roupas de trabalho, deixando suas lojas e escritórios abertos, seus arados nos campos, seu gado na montanha. Quando chegavam, eram jogados, sem explicação, na prisão, mantidos por lá um ou dois dias, e então despachados em bandos de homens amarrados uns aos outros, para alguma estrada na direção sul e sudeste. Estavam começando, diziam a eles, uma longa jornada – para Mosul ou talvez para Bagdá... Não haviam despedido de suas famílias... Mas não tinham mais que pensar em sua situação, pois eram enforcados e massacrados no primeiro lugar solitário da estrada” (ARLEN, 1978, pág. 146)

As autoridades exigiam também a apresentação de homens armênios aptos entre 15 e 45 anos para serem incorporados ao exército turco. Sua convocação não seria para lutar nos campos de batalha, já que haviam sido desarmados, mas sim para trabalharem na construção de ferrovias e estradas. Em vilas mais distantes, “A expressão ‘aptos’ tinha uma interpretação muito liberal, visto que incluía todos os varões de 15 a 70 anos...”. (BRYCE; TOYNBEE, 2003, p.33)

Esta convocação à força da população masculina armênia era mais um ato de repressão por parte dos turcos. Os relatos sobre o que aconteciam com os armênios após se apresentarem estão citados nas recordações do embaixador Henry Morgenthau em seu livro:

“No começo de julho 2.000 *amélés* armênios- era esse o nome turco dado aos soldados que haviam sido reduzidos a trabalhadores - foram enviados de Harpoot para construir estradas. Os armênios da cidade entenderam o que aquilo significava e imploraram por misericórdia ao governo. Mas esse oficial insistiu que os homens não seriam maltratados, e até chamou um missionário alemão, Sr. Ehemann, para acalmar o pânico, dando esse cavalheiro sua própria honra de que os ex-soldados seriam protegidos... No entanto, praticamente cada homem daqueles 2.000 foi massacrado, e seu corpo jogado numa caverna... Poucos dias depois outros 2.000 soldados foram mandados para Diyarbakir. O único propósito de mandar esses homens para o campo era que pudessem ser massacrados. Para que não tivessem forças para resistir... essas pobres criaturas foram sistematicamente privadas de comida...” (MORGENTHAU 2010 p.238- 239)

O tratamento dado aos homens armênios evidencia uma forma de conter qualquer possibilidade de reação através da eliminação sistemática da população

masculina. No mês de maio, a Lei das Deportações foi reforçada e agora não seriam só reprimidos e deportados aqueles que se opusessem ao governo e os suspeitos de traição, mas sim, o despejo forçado dos armênios de sua pátria ancestral que foram deportados para o deserto da Arábia<sup>40</sup>.

Este reforço nas Lei de Deportação colocava toda população armênia fora de suas casas, os homens que restavam, devido à sua condição de saúde, além de mulheres, idosos e crianças. A ordem era expedida e transmitida através do pregoeiro, tendo como prazo de retirada 15 dias, que nem sempre chegavam a serem completados. Os armênios não sabiam para onde iriam ser deslocados, sabiam, apenas que, era uma “medida de segurança” forçada pela guerra e que estariam sendo transportados para um local seguro, porém não foi bem o que aconteceu.

Como já descrito nos capítulos anteriores, os armênios não eram simples cidadãos, pois muitos eram grandes proprietários, artesãos, lojistas e possuíam o mesmo modo de vida dos muçulmanos e dos europeus, além de serem conhecidos por prosperar em um ambiente tão difícil. Quando souberam das deportações, muitos tentaram vender suas propriedades e bens a preços baixíssimos para que pudessem obter uma boa quantia para a viagem.

Os muçulmanos pobres faziam filas para adquirir seus bens, gerando muitas vezes confronto com a polícia local. Poucos conseguiram realizar suas vendas já que as deportações muitas vezes eram instantâneas, como no relato registrado Relatório do Comitê Americano (ACR).

“Na aldeia das montanhas de ‘Geben’, por exemplo, ‘as mulheres estavam lavando as celhas e foram obrigadas a deixar as roupas molhadas na água e pôr-se a caminho descalças e meio nuas, tal qual como se achavam. Em alguns casos, foi-lhes possível levar parte dos seus poucos utensílios domésticos ou alfaias agrícolas, mas na maioria não lhes era dado transportar ou vender coisa alguma, ainda quando tivessem tempo para o fazer (ACR).” (BRYCE; TOYNBEE 2003 p. 36).

Quando conseguiam realizar suas vendas o dinheiro obtido pelos armênios nas vendas também era confiscado, pois não se podia exceder uma quantidade prevista. “O dinheiro para a jornada era rigorosamente limitado a uns magros xelins; para dizer

---

<sup>40</sup> A lei permitia que o comando militar expulsasse e reassentasse os moradores de aldeias e cidades, individual ou coletivamente. Como tal, o despejo forçado dos armênios de sua pátria ancestral e sua deportação para os desertos da Arábia foi legalizado.



a verdade, se tentassem levar maior quantia ser-lhes-ia subtraída pelos guardas” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p. 37).

Longe de suas casas e com pouca quantia em dinheiro, os armênios marchavam rumo ao desconhecido. No início das deportações, o governo otomano enviava carro de bois para o transporte dos exilados, mas com o passar dos meses, foi ficando mais difícil, fazendo com que os próprios armênios pagassem de seus bolsos o transporte através dos carreiros muçulmanos.

Ainda que realizando o pagamento para serem transportados, os carreiros não percorriam todo o caminho, primeiramente devido à distância que seria percorrida e também a ordem dos oficiais muçulmanos que exigiam o retorno das carruagens para a cidade.

**Imagem 15:** Refugiados armênios em transporte



Fonte: Collection of the Russian military photographer Parakhodov. Disponível em:  
<[http://www.genocide-museum.am/eng/gen\\_museum.php](http://www.genocide-museum.am/eng/gen_museum.php)> Acesso em 06/05/2019

Agora, sem as carruagens para auxiliar no transporte, os armênios caminhavam com seus poucos pertences acompanhados dos soldados otomanos que nada faziam para defendê-los dos ataques que aconteciam durante a caminhada. Como muitos dos homens haviam sido mortos nas convocações realizadas pelo governo otomano, a maioria das carruagens contava com um número maior de mulheres e crianças e os poucos homens que restavam eram de idade avançada ou não se apresentaram nas convocações por algum motivo especial, como afirma um residente estrangeiro:

“Há poucos homens entre eles, muito poucos, pois a maioria foi morta pela estrada. Todos contam a mesma história de terem sido atacados ou roubados pelos curdos, por mais de uma vez e um grande número, sobretudo homens, foi assassinado. Foram mortas também mulheres e crianças. Muitas morreram de doença e debilidade pelo caminho e, desde que tem estado aqui, tem havido falecimentos todos os dias. Têm chegado vários grupos e, depois de ficarem um ou dois dias, continuam sua marcha, aparentemente sem destino. Os que têm chegado aqui são apenas uma pequena parte dos que marcharam. Continuando a força-los a marchar desta forma será possível dispor deles em espaço de tempo relativamente curto” (BRYCE; TOYNBEE, 2003, p. 51)

As mulheres armênias sofreram inúmeras violações durante todo o percurso de sua caminhada. A primeira tentativa para se salvar era pelo meio da *apostasia*<sup>41</sup> permanecendo com a vida. Porém, em troca, viveriam em um harém turco. Muitas mulheres armênias desistiam dessa possibilidade por questões religiosas e por questões de caráter, pois eram mulheres finas e civilizadas com os padrões europeus.

A honra da mulher armênia foi sendo violada através de inúmeros ataques ao comboio que marchavam pelo caminho sem fim, eram atacadas pelos próprios soldados que acompanhavam a marcha. Quando estes lhes davam sossego, os curdos e árabes beduínos atacavam todas as indefesas, levando consigo algumas das mulheres mais belas e mais jovens para serem vendidas nas aldeias mais próximas, como nos relata Arnold Toynbee:

“Mulheres com criancinhas ao peito ou nos últimos dias de gravidez eram obrigadas a caminhar à força de chicotada, como gado. Sei de três casos diferentes em que a mulher deu à luz durante a marcha e veio a falecer de hemorragia, por causa de seu brutal condutor tê-la obrigado a apressar o passo. Alguma das mulheres ficavam tão cansadas e incapazes de qualquer ação que deixavam cair as crianças à beira da estrada (ACR)” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p. 42).

“Uma jovem cujo o marido tinha sido encarcerado foi levada com uma criança de 15 dias e um jumento para transportar a bagagem. Depois de um dia e meio de marcha, um soldado roubou-lhe o jumento e ela teve que seguir a pé com a criança no colo (ACR).” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p. 43).

“Um caso digno de menção foi o da irmã de F. Seu marido trabalhara no nosso hospital como enfermeiro militar por muitos meses. Ela contraiu o tifo e foi conduzida ao nosso hospital (...) poucos dias antes da deportação, o marido foi preso e exilado sem exame ou culpa. Quando os vizinhos do bairro que moravam foram deportados, a mãe foi tirada do leito do hospital e colocaram-na em um carro de bois com os filhos. (ACR)” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p. 44).

Os relatos acima descrevem, de formas variadas, como eram tratadas as mulheres. Algumas destas mulheres eram vendidas para incorporarem os bordéis do império; outras vendidas em praças públicas; as de mais idade, eram assassinadas das formas mais cruéis; já as mulheres grávidas e as que possuíam crianças de colo eram obrigadas a marchar sob pressão como animais. Estes são apenas exemplos de como as mulheres sofriam nas mãos dos oficiais turcos. Não tendo amparo nem mesmo em situações críticas como a gravidez, filhos recém-nascidos ou com alguma doença grave.

---

<sup>41</sup> Abandono público de uma religião ou renúncia da fé; abjuração; ação de renegar uma religião ou a própria fé; renúncia aos vínculos religiosos ou sacerdotais.

**Imagem 16:** Mulher armênia marcada como escrava para ser leiloadada



Fonte: New York Times, 29 de setembro de 1915. Disponível em:

<<https://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/8/87/Armenianslaves.jpg>> Acesso em 07/05/2019

As mulheres saudáveis eram, em sua grande maioria, vendidas; outras estupradas e mortas pelos saqueadores que atacavam os comboios; muitas tinham seus filhos assassinados, em especial crianças com idade superior a cinco anos; já as que possuíam menos de cinco anos eram raptadas e levadas para as escolas e mesquitas para serem convertidas à religião islâmica, independentemente de sua liberdade de escolha.

Algumas cidades não chegavam a realizar as deportações. Não se sabe ao certo se foi por uma questão de mobilidade ou de quantidade de armênios que viviam no local. Nestas cidades se optava pela prisão e extermínio dos armênios no próprio local, como nos relata Kerimian<sup>42</sup>:

“Muitos eram queimados nas aldeias das cidades, outras vezes a tortura consistia em enterrar a vítima até o pescoço para, logo em seguida cobrir o rosto com cal virgem ou sal. Jovens armênios foram massacrados em grupos e após trabalhos forçados, os velhos e doentes eram amarrados vivos às dezenas e atirados no Lago de Van. As jovens eram vendidas como escravas... as crianças eram encaixotadas vivas e atiradas ao mar negro, outras vezes eram seguradas pelos pés, giradas ao ar e arremessadas contra

---

<sup>42</sup> Estes relatos foram retirados do livro: *Massacres de Armênios*, 1988.

as rochas, penduradas pelos cabelos e decepadas. Os padres eram queimados vivos nas cruzes. Fetos arrancados dos ventres das mães, jogados ao ar e aparados na espada...” (KERIMIAN, 1998 p. 56)

Apesar dos relatos de Nubar Kerimian serem fortes, neles podemos notar a crueldade com que eram massacrados os habitantes armênios nas cidades que não possuíam deportações, em outras cidades menores constatamos mais relatos sobre as formas de tortura.

“De uma *Declaração de uma testemunha alemã ... comunicada pelo Comitê Americano em prol da assistência à Armênia e à Síria*: Em Harpoot e Mezné o povo teve que sofrer terríveis torturas. Arrancaram suas sobancelhas, suas unhas e cortaram seus seios; seus torturados cortaram fora seus pés ou pregaram prego neles exatamente como se faz com cavalos. Tudo isso é feito de noite, e para que o povo não possa ouvir os gritos e saber se sua agonia, soldados são colocados em volta das prisões, tocando tambores e soprando apitos... Harpoot tornou-se o cemitério dos armênios.” (ARLEN, 1978, pág. 147)

As torturas realizadas nas cidades eram constantes. Há um número significativo de relatos que descrevem detalhadamente as formas como os armênios eram assassinados que só foram recolhidos meses depois dos acontecimentos. Muitos deles foram feitos por pessoas que viajavam pelas áreas da Anatólia, pois esses territórios eram considerados seguros, mesmo com o evento da Primeira Guerra Mundial. Na capital Constantinopla pouco se sabia sobre os acontecimentos no interior.

Nas cidades e vilas mais distantes em que ocorreram as deportações, os primeiros dias de viagem eram realizados pelas caravanas de bois, depois os deportados vagavam pelas linhas férreas que cortavam a região, entre elas a ferrovia Berlim-Bagdá, que foi parcialmente construída no período em que Abdul-Hamid estava no poder.

Imagem 17: Ferrovia Berlim-Bagdá



FIG. 5.

Fonte: Autor desconhecido. Disponível em: <<https://itinerariodahistoria.com.br/49/>> Acesso em 06/05/2019

Como a ferrovia era inacabada, não haviam como transportar todos os armênios deportados do império. Os armênios que foram transportados pelas locomotivas também passaram por grandes horrores, pelo fato de estarem em grande número, os armênios eram transportados como gados, em um espaço totalmente confinado e em condições sub-humanas, muitos morriam dentro dos vagões, outros se atiravam pela estrada, em lugares que a locomotiva passava por pontes e precipícios, muitas mulheres e crianças se atiravam em direção ao desconhecido. Além disso, como estrada estava parcialmente construída os vagões não davam conta da quantidade de pessoas a serem transportadas e a população armênia era obrigada a acampar próximas das estações para aguardar seu transporte.

Nos acampamentos próximos à ferrovia, os armênios, em especial mulheres, crianças e idosos, ficavam em tendas improvisadas que abrigavam grande quantidade de pessoas, debaixo de sol e chuva e, por isso, muitos morriam ali mesmo por desidratação ou por terem contraídos doenças como o tifo. Além disso, eram privados

de água e comida e, muitas vezes, eram proibidos até mesmo de dormir, sendo acordadas através de baionetadas pelos soldados otomanos. Em algumas regiões os acampamentos eram atacados todas as noites por um bando de saqueadores que lhe tiravam o pouco que lhe restavam e quando não possuíam bens, eram lhes arrancadas as roupas do corpo ou raptavam as crianças de seus braços.

De uma *Carta, datada...22 de novembro, 1915, de um viajante americano*: 'Começamos a passar por um trem e depois outro, entupidos, cheios dessa pobre gente, sendo carregadas para longe...A cada estação que parávamos, ficávamos lado a lado com um desses trens. Eram vagões de gado, e os rostos das crianças pequenas olhavam por detrás das pequenas janelas de grade de cada vagão. [Numa estação] os armênios nos disseram que estavam na estação há três dias sem comida. Os turcos os haviam impedido de comprar comida... Uma mulher deu à luz a gêmeos em um desses vagões entulhados, e quando cruzava o rio jogou os bebês e depois a si mesma na água.' (ARLEN, 1978, pág. 149)

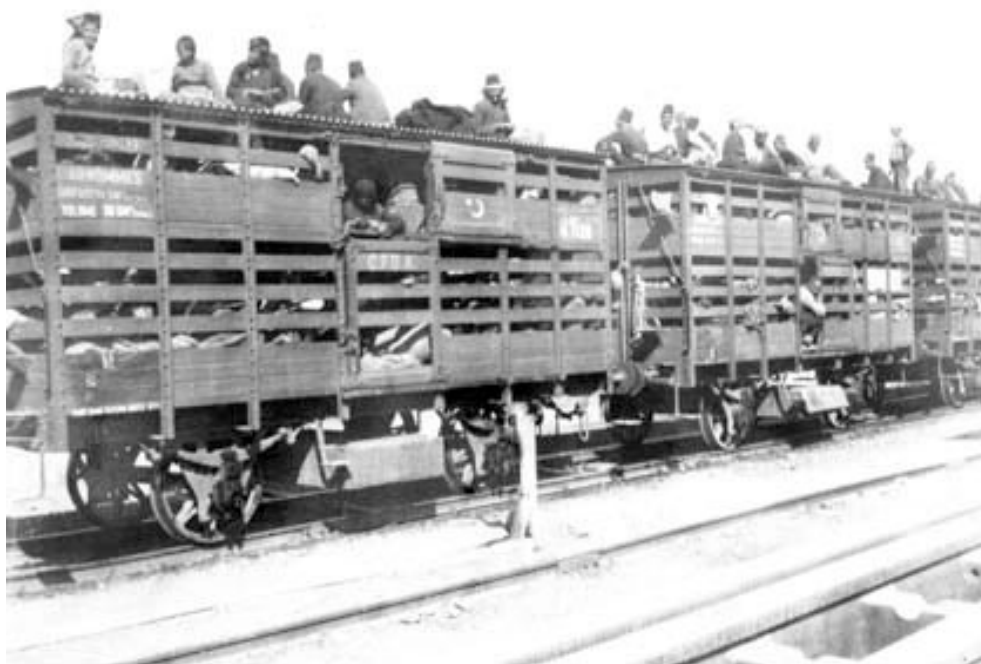
Uma senhora armênia em relato selecionado por Arnold Toynbee descreve a situação vivida por ela:

'Não nos deixavam dormir de noite nas aldeias', diz a senhora armênia, ' e tínhamos que passar a noite nos arredores. Amparados pelas trevas das noites, os gendarmes, bandidos e aldeões cometiam atos indescritíveis. Muitos de nós morríamos de fome ou de ataques apopéticos. Outros ficavam à beira da estrada, impossibilitados de ir mais longe, pelo seu estado de fraqueza'. (BRYCE; TOYNBEE, 2003, p. 47)

"[...] achavam-se reservados para nós nas margens do Eufrates ocidental (*Karasu*) e na planície de *Erzindjan*. Os corpos mutilados de mulheres, raparigas e criancinhas faziam estremecer o horror a todos. Os bandidos estavam cometendo toda espécie de terríveis atos sobre as mulheres e raparigas que se achavam conosco e cujo os brados chegavam ao céu. No Eufrates, os bandidos e gendarmes lançaram no rio todas as restantes crianças com menos de 15 anos. As que sabiam nadar eram mortas a tiro enquanto se debatiam na água." (BRYCE; TOYNBEE, 2003, p. 47)

Estas formas brutais de aniquilação de homens, mulheres, idosos e crianças são justificadas pelo fato do governo otomano estar interessado em poupar munições, por isto, as mortes eram feitas pelas próprias mãos dos soldados e saqueadores, o que torna ainda mais brutal a morte dos armênios.

**Imagem 18:** Deportação da população através da ferrovia Berlim- Bagdá



Fonte: Historical Institute of German Bunk, Eastern office record, 1704. Disponível em: <[http://www.genocide-museum.am/eng/german\\_archive.php](http://www.genocide-museum.am/eng/german_archive.php)> Acesso em 08/05/2019

Um relato apresentado no livro do embaixador Morgenthau nos mostra a quantidade de mortes que ocorreram em uma caravana que saiu de Sivas e se uniu a outra em Harpoot com destino à cidade de Aleppo, juntos, o comboio chegou a ter um total de 18 mil armênios e, quando chegou ao destino final, possuía apenas 150 pessoas entre mulheres e crianças.

A maior parte dos integrantes do comboio marchou por cinco dias quase inteiramente nus sob o escaldante sol do deserto. Durante mais cinco dias, não comeram sequer um pedaço de pão nem beberam uma gota d'água. 'Centenas caíram mortos pelo caminho', diz o relatório, com suas línguas transformadas em carvão. Quando, ao final de cinco dias, acharam uma fonte, todo o comboio disparou naquela direção. Todavia, policiais barraram o caminho e impediram que os exilados bebessem uma única gota d'água sequer. O objetivo era vender um copo d'água por um preço que variava de uma a três liras. Às vezes, depois de receber o dinheiro, eles não entregavam a água. Em outro lugar, onde havia poços, algumas mulheres se jogaram dentro deles, pois não havia corda nem balde para puxar a água. Essas mulheres se afogaram, mas, mesmo assim, o resto das pessoas bebeu daqueles poços poluídos pelos cadáveres que lá jaziam. Às vezes, quando os poços eram rasos e as mulheres conseguiam entrar neles e sair de novo, outras pessoas corriam para lambar ou chupar suas roupas molhadas e sujas na tentativa de aplacar a sede. (MORGENTHAU, 2010 p.250)

As deportações através dos trilhos dos trens, como as deportações feitas a pé, tinham como objetivo transportar todos os armênios para a cidade de Aleppo e posteriormente para o deserto de Deir-Zor onde haviam campos de concentração para



extermínio da população armênia. Nas cidades onde os trajetos eram feitos a pé as mortes ocorriam a todo momento. Nas estradas, as mães caíam com seus filhos no colo, os idosos ficavam pelo caminho padecendo de fome e fraqueza, as crianças choravam por suas mães que morriam e ficavam ali, sozinhas, até serem raptadas ou mortas. Em muitos dos relatos estudados para realizar esta pesquisa é comum encontrarmos descrições em que era possível saber por onde o comboio havia passado pelo fato de haver um rastro de corpos em decomposição por todo sul da Turquia.

De certa forma as deportações realizadas no território otomano foram rápidas e eficientes, em poucos meses muitas vilas e cidades da Turquia não possuíam um armênio sequer, Talaat Pasha era orgulhoso ao dizer que resolvera o problema dos armênios em três meses, sendo que Abdul-Hamid II havia tentado por mais de trinta anos, além disso acreditava que a *Questão Armênia* ficaria adormecida por cinquenta anos. Do início das deportações ocorridas no fim de abril até meados de agosto de 1915 praticamente todos os sobreviventes se localizavam no sul das terras do império em uma marcha para o deserto. Um residente de Aleppo relata a situação dos armênios em toda a região do império.

Fui informado que foram mandadas 4,5 mil pessoas de *Sughurt* para *Res-el-Ain*, mais dois mil de *Mezereh* para Diyarbekir, e que as cidades de *Bitlis*, *Mardin*, *Mosul*, *Severek*, *Malatia*, *Besneh* etc. ficaram despovoadas de armênios, sendo mortos os homens e rapazes e muitas mulheres, o resto disperso por todo o país. A verdade ser isto, do que resta pouca dúvida, estes mesmos morrerão naturalmente de fadiga, fome e doenças. O governador de *Der-el-Zor*, que se acha agora em *Aleppo*, diz que há 15 mil armênios em sua cidade. É frequente venderem crianças para evitar de perecerem à fome, pois que o governo, por assim dizer, não fornece alimentos. (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p. 59).

Muitos fatores aniquilaram os armênios durante sua caminhada para o sul da Turquia como, os saques, raptos e abusos feitos a todas as vítimas deste massacre. Porém, um outro fator que prejudicava os armênios era o fato de serem um povo acostumado a viverem em um clima de montanha. Quando passaram a marchar para o sul e chegaram às proximidades de Aleppo, o clima desértico passou a consumir ainda mais as poucas forças que os armênios possuíam. Durante o período da manhã os armênios marchavam sob o sol escaldante e seco; no período da noite, desprovidos de roupas e cobertas, estavam condenados ao frio. O clima do deserto era impiedoso até mesmo com os árabes que lá viviam e com os armênios ele foi ainda mais feroz.

**Imagem 19:** Refugiados armênios marchando nos terrenos acidentados



Fonte: Collection of Victor Pietschmann. Disponível em: <[http://www.genocidemuseum.am/eng/victor\\_pitchman.php](http://www.genocidemuseum.am/eng/victor_pitchman.php)> Acesso em 15/05/2019

À medida que os armênios chegavam à cidade de Aleppo, com um número de mulheres e crianças, e muitos deles estavam órfãos completamente doentes e atordoados pelos tormentos que viveram durante todos os dias desde que partiram de suas casas. As mulheres estavam totalmente irreconhecíveis, pois muitas delas quando partiram de suas casas, eram moças finas, com boa formação e qualidade de vida, e quando chegaram à cidade de Aleppo estavam sujas, desnutridas, doentes, violadas, atormentadas e grande parte delas estava nua.

Os primeiros que chegaram à cidade de Aleppo foram obrigados a caminhar pelos pântanos que estavam próximos àquela região, que era uma zona totalmente inabitada por conta do histórico de doenças graves. O testemunho do professor armênio Hagopian para o jornal *Armênia* de Marselha, em 1º setembro de 1915, relata as dificuldades enfrentadas pelos armênios que, mesmo tendo outra opção, ainda preferiam ir para os pântanos do que enfrentar o deserto de Deir-Zor.

“Estes infelizes (pertencentes em grande parte a *Zeitun*) foram principalmente depositados em dois lugares: uma parte deles em uma região pantanosa que até hoje tem permanecido desabitada por causa da mortífera malária; enquanto o restante foi mandado para outro lugar ainda mais insalubre do Golfo Persa (i.e, *Der-el-Zor*), cujo o clima é tão mortífero, que pediam para

ser mandados para os pântanos, mas esse pedido não foi atendido.” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p. 63).

As realocações dos armênios previam, de início, que eles seriam deslocados de uma área considerada pelo governo otomano de risco por conta da guerra para uma área segura onde pudessem continuar a viver do seu modo; porém, quando chegaram ao seu destino final foram largados sem condição alguma para um recomeço.

“A malária faz estragos entre eles, por causa da absoluta falta de alimento e abrigo. Que cruel ironia quando se pensa que o governo finge tê-los mandado para ali visando fundar uma colônia, e eles, sem arados, sem sementes para semear, sem pão, sem habitações! Em suma, mandaram ali desprovidos de tudo! (ACR)” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p.63).

Como vimos acima, quando os armênios chegavam à cidade de Aleppo eles eram separados. De início, foram enviados para os pântanos; depois, alguns permaneceram em Aleppo e outros foram enviados para o deserto de Deir-Zor. Os que permaneciam em Aleppo ficavam em tendas improvisadas, mal recebiam assistência e estavam completamente doentes. Mas, um grupo de cristãos residentes de Aleppo, com muita resistência e coragem ignoraram as ordens governamentais e se propuseram a ajudar o povo armênio.

A caminhada até Deir-Zor deixou inúmeros armênios mortos pelas estradas. À medida em que chegavam ao deserto os armênios eram agrupados em acampamentos improvisados, com tendas ralas e de baixa qualidade e lá pereciam diariamente. Qualquer ajuda humanitária a estes desolados era negada, o governo otomano alegava que estes sobreviventes possuíam tudo que precisavam para se restabelecer nas novas terras que lhes foram concedidas, até mesmo quando os relatos chegaram às potências europeias e aos Estados Unidos a Turquia se manteve firme ao recusar a ajuda desses países, pois alegavam que seria mais prejudicial aos armênios que benéfico, já que na cabeça dos comandantes do CUP, os armênios poderiam ver a ajuda das potências mundiais como uma forma de conseguir apoio para uma possível luta contra os turcos. O jornal armênio denominado *Bahag*, publicado em 9 de setembro, relata a proibição de um auxílio aos armênios:

“uma comissão de cinco membros partiu da América para Constantinopla, com o intuito de ajudar os armênios que se acham na miséria. A comissão está ansiosa por viajar pelo interior do país, para adquirir informações sobre a situação local e proceder por conformidade; mas o governo turco recusou-lhe licença.” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p.65)

Quando o embaixador Henry Morgenthau discutiu com Talaat sobre os acontecimentos envolvendo os armênios do império, Talaat não mostrou concordância com as doações feitas pelos Estados Unidos às comunidades armênias, pois alegava sempre que os turcos necessitavam do dinheiro tanto quando os armênios.

“Um dia(...) visitei Talaat novamente. A primeira coisa que ele fez foi abrir a escrivaninha e tirar de lá de dentro um punhado de telegramas amarelos.

-Por que não nos dá esse dinheiro? – ele disse com um sorriso.

- Qual dinheiro? – perguntei.

- Aqui está um telegrama dos Estados Unidos para o senhor com o envio de muito dinheiro para os armênios. O senhor não deve usá-lo dessa maneira; dê esse dinheiro para nós, turcos. Nós precisamos tanto quanto eles.

- Não recebi nenhum telegrama desse tipo – respondi.

-Ainda não, mas receberá- ele replicou. – Sempre recebo primeiro todos os seus telegramas, sabia? Depois que acabo de lê-los, mando-os para o senhor.” (MORGENTHAU, 2010 p. 259)

A atitude de Talaat ao pedir o dinheiro destinado aos armênios se repetiu mais de uma vez. Quando as vilas armênias foram totalmente esvaziadas, os refugiados muçulmanos que perderam seus lares nas guerras balcânicas e estavam em Constantinopla foram enviados para ocupar as casas dos despejados. O decreto previa que “Assim que os refugiados armênios saírem de suas casas, os Mouhadjirs<sup>43</sup> da Trácia tomam posse delas” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p.79) Assim, todas as terras férteis e cultivadas por séculos e séculos pelos armênios foram entregues aos refugiados muçulmanos. Uma carta retirada do ACR, datada de 8 de julho, em Atenas, comprova a retirada dos armênios para ocupação dos turcos:

“Dois missionários de nacionalidade neutra, com quem estou relacionado pessoalmente, passaram ontem por Athenas. Começaram por me informar que a situação dos armênios na *Cilícia* era pavorosa. A cidade de *Dortyol*, depois de ter sido evacuada pela sua população armênia, fora ocupada por famílias turcas. Todos os habitantes armênios foram mandados para fora, expulsos de suas casas e, como é natural, estão sofrendo de fome. A sua penúria não se pode descrever. Antes da expulsão foram enforcados nove dos principais negociantes! (...)” (BRYCE; TOYNBEE, 2003 p.78)

A situação adotada pelos turcos em relação aos armênios era semelhante à dos cães de rua que viviam em Constantinopla, no ano de 1910. Os cachorros passaram a ser um incômodo pela sua grande quantidade na capital do império, e a situação adotada pelos políticos foi reunir todos os cães e transportá-los até uma ilha

---

<sup>43</sup> Os mouhadjirs eram muçulmanos que habitavam na Europa, emigrantes que passaram a viver em um país cristão.

deserta no Mar de Mármara<sup>44</sup>. Chegando lá, os cães foram deixados à sua própria sorte e a falta de alimentos aniquilou grande parte dos animais, outros morreram tentando escapar da ilha. O mesmo aconteceu com os armênios que foram retirados dos seus lares, colocados para marchar sem nenhuma possibilidade de retornarem para suas casas e expostos ao clima hostil das regiões para que, chegando ao seu destino na cidade de Aleppo e no deserto de Deir-Zor, morressem de fome.

Nas regiões localizadas próximas ao Cáucaso, onde a guerra entre otomanos e russos ocorria ferozmente, local da histórica armênia, muitos armênios foram assassinados às claras pelos otomanos. O que não ocorreu com as colônias armênias na Anatólia que foram expulsas de suas casas e colocadas para marchar até à morte para o sul. Os armênios que viviam nas terras que faziam fronteira com a Rússia foram eliminados das mais cruéis formas possíveis. Algumas cidades tentaram resistir, algumas conseguiram se manterem em pé por algumas semanas, mas a falta de material bélico fez com que os armênios fossem mortos. Quando dominados, os turcos agiam da forma mais cruel possível com eles.

“Chegam-nos notícias incríveis acerca das matanças de *Bitlis*. Em uma aldeia reuniram mil armênios, homens, mulheres e crianças, em uma pequena casa de madeira, e lançaram-lhe fogo. Em outra grande aldeia do distrito, só escaparam 26 do morticínio. Em outra amarraram dúzias de homens e mulheres com cordas e lançaram-nos no lado de *Van*. Um jovem armênio de *Bitlis* que estava no exército e que, depois de desarmado e obrigado a trabalhar nas estradas, conseguiu escapar e chegar a *Van*, conta que o ex-*vali*, *Djevat Bey*, mandou matar todos os varões de 15 a quarenta anos de idade, e, mandou deportar suas famílias na direção de *Sert*, mas guardou para si todas as raparigas mais bonitas[...]” (GOTCHNAG apud BRYCE; TOYNBEE 2003, p. 84-85)

Conforme os turcos iam avançando e dominando as cidades próximas à fronteira, seus ataques cruéis não cessavam. Atacaram as cidades de Van, Bitlis, Moush, Sassoun e foram se infiltrando pelas terras do Azerbaijão, onde muitos cristãos sírios também foram mortos. Os armênios sobreviventes foram ajudados pelo exército russo, que disputava cada metro das suas fronteiras e auxiliavam na fuga. Ainda que, auxiliados pelos russos, muitos armênios morreram e os terrores que ocorreram nessa faixa de guerra entre russos e turcos se equipara com os terrores enfrentados pelos seus irmãos na região da Anatólia, onde muitos homens, mulheres

---

<sup>44</sup> Com sua área de superfície é de 11 500 km<sup>2</sup> e sua profundidade máxima é de 1261 m., o Mar de Mármara está localizado entre o Mar Negro e o Mar Egeu, é ele que separa a parte asiática da Turquia da parte europeia.

e crianças foram mortos, deixando muitas famílias completamente destruídas, assim como um número elevado de órfãos.

A semelhança das matanças ocorridas nas cidades da Anatólia e Cáucaso eram visíveis a todos que acompanharam os acontecimentos, muitos deles descritos aqui. Porém, havia uma diferença entre os refugiados das duas áreas. Os armênios enviados para Aleppo e Deir-Zor enfrentaram uma morte lenta e sem esperança, abandonados em um ambiente desconhecido e hostil, muito diferente do que estavam habituados; já os armênios de Van, Bitlis, Sassoun e Moush, cidades mais afetadas, contavam com a ajuda do exército russo e partiram em direção ao lado russo na esperança de recomeçar uma vida junto de seus irmãos armênios.

O auxílio dado aos refugiados nas fronteiras foi de difícil acesso, devido a área de guerra em que se encontravam e por conta do terreno acidentado das montanhas, os armênios tiveram que caminhar para um lugar seguro, e assim que se estabeleceram em uma área segura puderam ser atendidos pelas comunidades locais e pelos armênios do território russo. Muitos refugiados que atravessaram as fronteiras morreram devido a cólera e desintéria, alguns morreram de frio e outros faleceram de fome antes mesmo da ajuda chegar.

“Cerca de 20 mil crianças órfãs já foram atendidas e têm-se aberto hospitais provisórios em várias localidades. Têm-se adotado medidas higiênicas para atacar as epidemias, devido às quais o número de óbitos chegou a duzentos por dia no princípio de setembro. Comboios de farinha, açúcar, chá, drogas, roupas e outros artigos foram oferecidos pelos armênios residentes por toda a Rússia. [...]” (ARARAT, setembro 1915 apud. BRYCE; TOYNBEE 2003, p. 93)

Ao contrário das cidades do sul do império, os armênios que atravessaram a fronteira russa puderam ser recebidos com grande ajuda, já que não havia interferência do CUP nas ações humanitárias do lado russo, segundo o autor, “Nada menos que 250 mil armênios da Turquia atravessaram com vida a fronteira russa”(BRYCE; TOYNBEE, 2003, p.93)

**Imagem 20:** Órfãos refugiados em Vagharshapat, atual Armênia



Fonte: Collection of the Armenian National Archive. Disponível em: <[http://www.genocidemuseum.am/eng/arm\\_archive.php](http://www.genocidemuseum.am/eng/arm_archive.php)> acesso 14/05/2019

Em outro ponto das terras do império, nas proximidades de Antioquia, um grupo de armênios se recusou a entregar suas armas e ir para as deportações e estes resistiram bravamente por semanas, subindo os terrenos acidentados de Musa Dagh em direção ao Mar Mediterrâneo, onde foram salvos entre quatro a cinco mil armênios pela esquadra francesa e levados até a cidade de Port Said no Egito.

### **3.2 O posicionamento das autoridades**

Não só os armênios sofreram com as deportações, os sírios e gregos também foram deportados, alguns foram mortos indiscriminadamente como os armênios, acusados de não serem leais ao governo otomano, eles foram desarmados, expulsos de suas casas, alguns homens foram obrigados a trabalharem nas estradas de ferro assim como os armênios e também foram assassinados, as mulheres gregas foram raptadas pelos turcos para se incorporarem aos haréns. Mas grande maioria delas estava sendo deportada para áreas seguras das ilhas gregas. Por estarem em um número menor e possuírem um governo que há anos havia lutado pela independência das ilhas gregas e pelos direitos de seu povo em terras otomanas, os gregos foram poupados de algumas atrocidades, principalmente pelo fato de que o rei grego, Constantino I, era pró-Alemanha e caso houvesse um massacre contra os gregos, ele

poderia entrar em guerra com os otomanos, reforçando a Entente, composta pela Inglaterra, França e Império Russo.

Desde o início do governo CUP, os otomanos acreditavam que a saída para aquele momento caótico em que viviam, que resultaram em perdas territoriais, fome e miséria do povo turco, era instaurar uma política de estado-nação, levando em consideração a ideia do panturquismo, fomentada em 1890 pelos revolucionários que desejavam a deposição de Abdul-Hamid e, depois, incorporada e colocada em prática pelos *Jovens Turcos*, principalmente por Enver e Talaat. O panturquismo queria a criação de um Estado em que toda faixa territorial de seu domínio seria composta por povos turcos, não possuindo, assim espaço para as comunidades cristãs que viviam em seu território.

O sistema de governo imperial, multiétnico e multicultural passou a ser um governo militarista e nacionalista. Assim que os alemães ofereceram apoio militar aos turcos, exigindo assim sua entrada na primeira guerra, os otomanos passaram a colocar em prática o panturquismo, ignorando assim muitas qualidades e a sustentação que os povos cristãos forneciam ao seu governo. Muitos armênios, sírios e gregos, eram grandes negociantes e influentes na economia do império e, sem eles, o governo otomano perderia grande poder econômico.

Quando as notícias sobre os acontecimentos chegaram no continente europeu e aos Estados Unidos, grandes morticínios já haviam acontecido e ainda restavam milhares de sobreviventes em Aleppo e Deir-Zor. Assim como nas terras da Armênia russa, algumas cidades mais afastadas ainda se realizavam deportações e assassinatos. O plano dos otomanos era retardar toda e qualquer possibilidade de ajuda a essas comunidades sobreviventes. Podemos analisar pelas conversas e telegramas dos chefes responsáveis por comandar o governo otomano cuja ideia principal era aniquilar toda a *Questão Armênia*.

Talaat Pasha era o Ministro do Interior do governo otomano, presidia as sessões secretas onde debatiam as deportações e o tratamento dado aos armênios, era um dos mais favoráveis a deportação daquele povo, pois acreditava que os armênios eram responsáveis pelo insucesso do povo turco, e que eles não eram confiáveis ao governo.



Em conversa com o embaixador americano, Talaat deixou claro três pontos em que se baseou para realizar a expulsão dos armênios:

“Baseamos nossas objeções aos armênios em três fundamentos. Em primeiro lugar, eles enriquecem à custa dos turcos. Em segundo lugar, estão determinados a nos dominar e a estabelecer um Estado independente. Em terceiro lugar, incentivaram abertamente nossos inimigos, ajudaram os russos no Cáucaso e nosso fracasso naquela região é em grande parte explicado pelas ações dos armênios. Chegamos, portanto, à decisão irrevogável de que os tornaremos inoperantes antes do fim da guerra” (MORGENTHAU, 2010, p. 262)

Esses três pontos abordados por Talaat não justificam o extermínio de toda uma raça, visto que os armênios viviam em menor número do que os turcos e não estavam aglomerados em grandes centros, excluindo assim a possibilidade de uma luta por independência. Eles realizavam grande parte do comércio otomano, eram grandes banqueiros, produtores e comerciantes, pagando assim uma grande quantidade de impostos ao governo e ainda que não lutassem pela sua pátria, os armênios eram grandes combatentes no exército turco, ganhando reconhecimento do Ministro da Guerra, Enver Pashá.

Talaat não demonstrava nenhuma compaixão pelos armênios e reforçava a ideia de que não poderia regredir, pois não haveria possibilidade de retomar uma amizade com o povo armênio depois do que os turcos estavam fazendo com eles. Certo dia, em uma conversa com o embaixador americano, representada no filme hollywoodiano *The Promise*<sup>45</sup>, Talaat pediu ao embaixador o dinheiro que as seguradoras americanas deveriam pagar aos armênios pelos contratos referentes aos seguros de vida.

– Eu gostaria – disse Talaat – que o senhor convencesse as seguradoras americanas a nos enviar uma lista completa de seus seguradores armênios. Todos estão praticamente mortos agora e não deixaram herdeiros para receber o dinheiro, que, é claro, deve ser revertido para o Estado. O governo agora é beneficiário. O senhor pode fazer isso?

- De mim, o senhor receberá lista alguma – eu disse, levantei-me e fui embora. (MORGENTHAU, 2010, p. 264)

Fica evidente que o Ministro do Interior não estava nem um pouco preocupado com os armênios sobreviventes em Aleppo, Deir-Zor e outras partes do império, já que este dinheiro dos armênios poderia sim ser utilizado para ajudar todos àqueles

---

<sup>45</sup> Título original: *The Promise*. Direção: Terry George. Produção: Mike Medavoy. Diamond Films, 2016. 133 min.

que sofreram com as deportações. Mas claramente Talaat Pasha estava preocupado com a incorporação do dinheiro pelos cofres otomanos.

A maior parte da comunicação feita pelos chefes do governo otomano era realizado através de telegramas, neles eram dadas as ordens aos chefes das províncias onde estavam ocorrendo as deportações, em um dos seus telegramas após as intervenções e conversas com o embaixador americano, Talaat enviou um telegrama aos chefes locais para serem cautelosos com os atos contra os armênios.

Um telegrama cifrado do Ministério do Interior enviado ao Governo de Alepo.

‘As intervenções recentemente feitas pelo embaixador americano em Constantinopla por indicação de seu governo, demonstram que os cônsules americanos estão obtendo informações secretas. Nossa segurança de que as deportações armênias sejam levadas a cabo com garantia e eficácia, carece de fundamento. Tenham cuidado, eventualmente, de não chamar atenção daqueles (armênios) que vivem próximos das cidades de outros centros

Para a presente política é sumamente importante que os estrangeiros que vivem naqueles lugares sejam persuadidos de que a expulsão armênia é na realidade só uma deportação (morte não). Por essa razão é importante que, para salvar as aparências se deva mostrar um trato gentil durante certo tempo, e as medidas usuais devem ser tomadas em lugares notadamente longínquos. Recomenda-se muito especialmente que “aquela gente” que forneceu tal informação deverá ser presa e enviada às autoridades competentes para ser julgada por uma corte marcial’

18-11-1915

Ministro do Interior

Talaat (KERIMIAN, 1998 p. 337)

Talaat Pasha se comunicava e transmitia suas ordens através dos telegramas oficiais que enviava de seu gabinete, nos quais é possível notar os atos que deveriam ser colocados em prática pelos chefes locais e como deveriam ser cautelosos para que não despertassem a atenção de viajantes e representantes de outros países enquanto realizavam as deportações. Quando o embaixador americano soube dos morticínios realizados pelos otomanos, cerca de três quartos dos armênios já haviam sido evacuados de suas casas e mortos, salvo alguns que ainda resistiam nas montanhas e outros que viviam mais distantes e não tinham conhecimento das deportações.

Por outro lado, Enver, governante e Ministro da Guerra do governo otomano, se dizia grande admirador dos armênios pela sua inteligência e prosperidade e não escondia os acontecimentos que ocorriam nas dependências do governo otomano e, além disso, ressaltava o pensamento de Talaat sobre uma possível revolução por

parte dos armênios a fim de conseguir a independência da Armênia. Usava os acontecimentos na cidade de Van para justificar o início das atitudes tomadas contra aquela população. Estava certo de que todos armênios deveriam ser punidos já que ele não podia distinguir qual armênio era confiável ou radical. Sendo assim, preferia eliminar a todos. Em uma conversa com o missionário alemão, Johannes Lepsius, Enver admitiu que “os turcos finalmente tinham uma oportunidade para se livrar dos armênios e que pretendiam usá-la.”.(MORGENTHAU 2010, p.268)

O Ministro da Guerra revela, em uma conversa com o embaixador americano, que havia avisado ao patriarca armênio que qualquer tipo de revolução ou apoio aos russos seria impossível lhes oferecer proteção. Meses após a conversa com o patriarca, aconteceu a resistência dos armênios na cidade de Van, onde os turcos iniciaram as provocações contra as mulheres armênias. Enver garantia que os armênios de Constantinopla estariam livres das prisões e das deportações, exceto os que estivessem contra o governo ou membros do partido político armênio.

Assim como seu companheiro de governo, Enver não via com bons olhos a chegada de notícias sobre os massacres armênios aos jornais das grandes potências e Estados Unidos, a vinda de missionários para Constantinopla e ainda negava fielmente a ajuda comunitária ao povo desolado. Como Talaat via a ajuda como um malefício para os pobres armênios, em uma conversa com Morgenthau, Enver apresentava seu ponto de vista de como uma ajuda humanitária poderia prejudicar os sobreviventes:

“- Não queremos que os americanos alimentem os armênios - ele respondeu secamente – Essa é uma das piores coisas que poderia acontecer com eles. Como já mencionei, eles acreditam que têm amigos em outros países e isso faz com que se oponham ao governo, o que gera todas as desgraças. Se vocês, americanos, começarem a distribuir comidas e roupas, eles vão achar que têm amigos poderosos nos Estados Unidos. Isso os estimulará a se rebelar outra vez e teremos de puni-los ainda mais. Se o senhor nos der o dinheiro que recebeu, certificaremos de que ele será usado em benefício dos armênios.” (MORGENTHAU, 2010, p. 271)

Podemos ver as semelhanças nas falas de Enver e Talaat, pois ambos gostariam que o dinheiro que viesse para os armênios que pereciam, fossem convertidos para o governo otomano e, assim, eles proveriam todos os recursos que os armênios necessitassem. Mas como vimos até aqui, os próprios soldados turcos estavam roubando os armênios, e entregar o dinheiro ao governo turco não garantia ajuda alguma aos necessitados.

Aos olhos do ministro, toda e qualquer assistência prestada aos armênios que não fosse otomana, poderia causar um sentimento de apoio externo das Grandes Potências e dos Estados Unidos na *Questão Armênia* e isso os encorajaria a se rebelar contra o governo otomano. Portanto, seria necessário que os otomanos realizassem mais massacres para evitar que estes pudessem se organizar clandestinamente contra o governo. Enver via, como saída, deixar os armênios perecendo de fome e doenças para que eles descartassem ter apoio internacional resultando assim a Turquia como sua única esperança de salvação.

Os líderes otomanos utilizavam sua própria história de sucesso para combater a ajuda humanitária de qualquer potência mundial para com os armênios. Alegavam que num momento de dificuldades e fragilidade do império governado por Abdul-Hamid, o CUP, grupo pequeno em relação aos governantes que estavam no poder, haviam conseguido depôr o poderoso sultão abolindo o sultanato e realizando reformas constitucionais para uma nova Turquia. Tendo a própria experiência como um sucesso, os governantes atuais temiam que um grupo pequeno de armênios pudessem retirá-los do poder com alguma ajuda externa em uma potencial revolução, fica mais evidente ainda quando Enver diz ao embaixador americano: “É a nossa experiência revolucionária que nos faz temer os armênios.” (MORGENTHAU, 2010, p.270)

A visão que os governadores otomanos tinham em relação aos armênios deixa muito claro a intenção de deixá-los perecer no deserto sírio, tendo como única esperança de salvação o mesmo povo que os massacravam. Deixavam claro que nenhuma ajuda estrangeira deveria ser realizada e todas as doações deveriam ser feitas ao governo otomano para que esse tomasse as medidas para salvar toda aquela gente.

Enver e Talaat eram os grandes representantes daquele governo. Qualquer reunião presidida pelo ministro do Interior ou Ministro da guerra com relação aos armênios não mudaria em nada a situação que já havia sido esclarecida, a de deportar todos os armênios. A Alemanha apoiava a Turquia tanto militarmente como também financeiramente, através de doações de armas, construção de estradas e dinheiro para sustentar a guerra. Mas, com relação aos armênios, nunca se mostrou contra as medidas aplicadas pelos turcos aos povos não muçulmanos. Como um país

majoritariamente cristão, a Alemanha não mostrou compaixão pelos cristãos em território turco, nem ao menos tentou impedir que o fizessem.

A atitude do CUP em deportar os armênios foi completamente diferente e inesperada. Nos relatos descritos até aqui, nos massacres hamidianos (1894-1896) como também nos massacres de Adana (1909), os otomanos tinham como estratégia simplesmente aniquilar os armênios através das formas mais brutais por intermédio de incêndios, enforcamentos, estupro e torturas. Fica claro que, anteriormente, o governo não possuía uma estratégia de remover os armênios das áreas afetadas, não se tinha a intenção de remover aquelas pessoas do seu território, até porque servia como uma maneira de estabelecer a ordem na visão do sultão Abdul-Hamid. A parceria com a Alemanha trouxe essa estratégia de deportação, com exemplos de deportações realizadas pelos alemães antes mesmo da primeira guerra mundial, em zonas como Bélgica, Sérvia e Polônia. Essa estratégia deu aos turcos a chave para resolver seu problema com os seus súditos infiéis, em especial, os armênios.

A política do panturquismo tinha agora apoio e estratégia para realizar seu plano de conseguir uma Turquia para os turcos. Os alemães partilhavam das mesmas ideias que os líderes do CUP em relação aos armênios, defendiam que o governo otomano estava se protegendo dos armênios, reiterava a ideia de uma revolução iniciada pelos armênios na província de Van e sinalizavam que os armênios haviam ajudado os russos nas batalhas do Cáucaso. Em uma conversa com o diplomata alemão Hans Humann, fica evidente que a cúpula alemã pensava como os otomanos em relação aos acontecimentos na Armênia.

Os turcos precisam se proteger e, desse ponto de vista, suas ações são completamente justificadas. Ora, encontramos sete mil armas em Kadi-Keuy que pertenciam aos armênios. De início, Enver queria tratar os armênios com maior moderação e, quatro meses atrás, ele insistiu para que eles tivessem mais uma oportunidade de demonstrar sua lealdade. Mas, depois do que eles fizeram em Van, Enver teve que ceder ao exército, que insistiu o tempo todo que deveria defender sua retaguarda. A Comissão decidiu pelas deportações e Enver concordou com relutância. Todos os armênios estão trabalhando para a destruição do poder turco e a única coisa a fazer é deportá-los.[...] Além disso os Jovens Turcos precisam se livrar dos armênios simplesmente por uma questão de autoproteção. A comissão só é forte em Constantinopla e em algumas cidades grandes. Por toda parte, o povo ainda é partidário do antigo regime. Esses turcos à moda antiga são fanáticos, não apoiam o governo atual e, portanto, a Comissão precisa fazer tudo o que puder para se proteger[...] (MORGENTHAU, 2010, p.291)

A conversa com Hans Humann concretiza os discursos que os Jovens Turcos promoviam, a realização de uma revolta em Van, a fragilidade do governo otomano

que atuava naquele instante e o medo da perda de poder por parte dos governantes otomanos. Todos estes elementos somados ao apoio alemão, o controle e censura dos noticiários sobre a situação dos armênios no interior do império e o plano dos membros do CUP, resultaram em um dos maiores crimes do século XX e da história Mundial.

### **3.3 O fim da guerra e o fim do Império Otomano**

Ainda que apoiado financeiramente pela Alemanha, o Império Otomano já estava debilitado devido aos inúmeros abalos que sofreu no decorrer das últimas décadas, pois ele perdeu muitos territórios que antes lhe pagavam tributos, além do aumento populacional de refugiados proveniente destas áreas perdidas que aumentou significativamente na capital, o aumento da pobreza e a epidemia de doenças que deixavam a população otomana enfraquecida. Na administração, houve a queda do sultão Abdul-Hamid e a ascensão do Comitê de União e Progresso que passaram a tomar as decisões em prol de um estado-turco militarizado.

Desde os primeiros conflitos que ocasionaram a Grande Guerra, as potências envolvidas e, principalmente, os líderes otomanos, não suspeitavam que este confronto fosse se estender por quatro longos anos. Embora houvesse no vasto território otomano muitas colônias e aldeias de subsistência, a capital otomana e diversas outras cidades do império dependiam da importação de alguns produtos, especialmente grãos, sendo alguns importados de seus oponentes como a Rússia, França e Itália. Quando o confronto teve início, a escassez de alimento foi inevitável, sendo um agravante para o aumento de doenças e de mortes.

O cenário para os otomanos era delicado e sua permanência na guerra agravou ainda mais a situação, a fome se expandiu por todo o território chegando até mesmo nas regiões onde antes havia subsistência e a retirada dos trabalhadores agrícolas para ingressarem no exército foi significativo para essa escassez de alimentos. Outro fator, não menos importante, que contribuiu para a fome, foi a distribuição desequilibrada dos alimentos que chegavam em Constantinopla. Como era preciso alimentar seus soldados nos campos de batalha, grande parte destes alimentos iam direto para as centrais de abastecimento militar e o pouco que restava era distribuído para as cidades.

Além da fome, a concentração de refugiados provindos das áreas ocupadas pela guerra e das perdas territoriais dos últimos anos do governo otomano, geraram uma epidemia de doenças e declínio social grave. O quadro econômico ficou desfavorável devido ao aumento do custo de vida que, segundo Alan Palmer, “ em tais circunstâncias, o custo de vida na capital quadruplicou nos primeiros vinte e cinco meses da guerra” (PALMER, 1992, p. 232). Outro fator que podemos acrescentar ao grande declínio social e comercial do Império Otomano é o impacto econômico causado pela morte e deportação de grandes comerciantes armênios que, como vimos anteriormente, detinham uma habilidade comercial mais efetiva do que os turcos, possuíam grandes fortunas, propriedades e comércios; outros, gerenciavam as economias do governo otomano. Não só comerciantes e diplomatas armênios fizeram falta, mas sim todos aqueles que contribuíam para o comércio e prosperidade do império, perderam mão de obra qualificada como grandes artesãos, médicos, advogados, alfaiates, agricultores, professores, ferreiros e outros. Essa perda humana foi descrito por uma testemunha no relatório do Comitê Americano.

“Os resultados (do crime) são que, como 90% do comércio do interior se achava nas mãos dos armênios, e o país está em véspera de ruína. O grande movimento do comércio é feito a crédito, centenas de homens importantes de negócios que não são armênios estão cara a cara com a bancarrota. Nos lugares evacuados não ficará um só curtidor, modelador, ferreiro, alfaiate, oleiro, tecelão, sapateiro, ourives, farmacêutico, médico, advogado ou quaisquer dos homens profissionais ou negociantes, com muito pouca exceções, o país fica, por assim se dizer, em estado de paralização. (ACR) .” (BRYCE; TOYNBEE 2003 p. 111)

Este testemunho evidencia a importância dos armênios para a economia otomana e que sem eles, os próprios comerciantes otomanos que, em tese, iriam prosperar com o domínio absoluto do comércio, também passaram a sofrer e a se empobrecer com a sua ausência. Esta falta não demorou a ser sentida, pois em 1918 as famílias otomanas morriam de fome e doenças como a febre tifóide e, com a chegada do inverno, não possuíam sequer carvão para se aquecerem.

Politicamente, os governantes otomanos permaneceram da mesma forma até o ano de 1918 quando as pressões internas e externas se tornaram mais fervorosas. Fome, miséria, doenças, refugiados, o afrouxamento da censura, permitindo a volta de políticos exilados que retornaram com seus partidos políticos e a permanência na

guerra abalavam internamente o governo otomano. Externamente, a Revolta Árabe<sup>46</sup> iniciada em 1916 foi o ponto crucial para o fim dos *Jovens Turcos*. Mesmo que recuperando alguns territórios conquistados pelos russos na Anatólia Oriental nos primeiros anos da guerra, os otomanos eram asfixiados nos territórios árabes dominados pela ascensão de um pensamento árabe revolucionário, apoiado pela Entente. Essa união permitiu que os árabes derrotassem, juntamente com franceses, ingleses e australianos as últimas tropas otomanas na região. Em consequência disso, as cidades de Damasco e Beirut foram dominadas e libertadas pelos árabes, resultando em tamanha pressão, a qual pôs fim ao governo com a renúncia de Talaat e de seus aliados, em 8 de outubro.

A situação otomana era tão drástica que foram necessários dias para que novos governantes pudessem tomar as rédeas do governo e analisar a situação em que se encontravam. Em 14 de outubro foi formado o Ministério da Paz para discutir e negociar os termos de rendição do império na guerra, dando início as negociações, em 26 de outubro, que se estenderam por dias até finalmente ser assinado o Armistício de Mudros. Este armistício foi determinante para a ocupação de Constantinopla pelos aliados da Entente. Embora o sultão ainda permanecesse com alguma autoridade, ele pôs fim a grande parte do exército otomano, limitado somente a conter revoltas internas e obrigou a rendição dos fortes otomanos que estavam fora dos seus limites territoriais. Após o decreto do armistício e a ocupação da capital, os três principais membros do *Jovens Turcos* fugiram de Constantinopla e posteriormente foram julgados pela Corte Marcial da Turquia, onde foram condenados à morte por diversos crimes, incluindo o massacre das populações armênias durante o decorrer da guerra, porém, como não se tratava de uma lei internacional, não foram presos pela corte otomana e seguiram viajando pela Alemanha, Rússia e continente asiático.

Assim que o mês de novembro teve início, tropas inglesas, francesas e italianas chegaram na capital Constantinopla logo após o Armistício de Mudros, para conter qualquer tipo de revolta por parte da população ou governo turco, até que fosse

---

<sup>46</sup> A Revolta Árabe (1916-1918) foi iniciada com o intuito de conseguir independência dos Turcos Otomanos e criar um único estado árabe unificado. Os árabes receberam apoio por parte dos britânicos e franceses, que prometeram, após a guerra, conceder independência aos reinos locais. A luta terminou em outubro de 1918 com a assinatura do Tratado de Sèvres, porém os árabes foram traídos pelos europeus que tomaram o controle da região.



assinado os acordos de paz com Alemanha, Áustria e Hungria e o Império Otomano. Durante este período, as tensões no território otomano só aumentavam, a população turca temia sofrer consequências e o governo otomano perder ainda mais seus territórios quando fossem julgados os termos pós-guerra. Politicamente, os otomanos estavam desamparados, o governo dos *Jovens Turcos* não existia mais e o sultanato havia perdido Mehmed V que falecera poucos meses antes da guerra acabar. Assim, não havia membros que definitivamente tinham a capacidade de governar, embora Mehmed V não fosse um governante nato, estava certamente mais por dentro das questões otomanas do que seu sucessor Mehmed Vahideddin.

Mehmed Vahideddin, ou como ficou conhecido Mehmed VI, não era aberto a sugestões, não era favorável ao parlamentarismo e, com seus cinquenta e sete anos quando assumiu o cargo, desejava reinar e governar um Império já decadente, tal atitude fez com que ele perdesse a pouca credibilidade que possuía com o povo turco e com os políticos otomanos. Já que sua autoridade era quase inexistente após a ocupação da capital pelas tropas estrangeiras, os Altos Comissários estrangeiros viam Mehmed VI com certa utilidade para o rumo das negociações futuras, tanto que não protestaram contra o Sultão quando este dissolveu o parlamento otomano e tomou para si as rédeas do governo, baseando-se na política governamental de seus antepassados. Talvez o único protesto dos Altos Comissários contra as atitudes do sultão tenha sido sobre a aceitação das Sociedades pela Defesa dos Direitos dos Turcos por parte dos ministérios otomanos, já que temiam um levante civil contra a autoridade governamental.

Este receio por parte dos Altos Comissários era justificável. Abalados pela fome, miséria e falta de perspectiva, os turcos viviam em estado de tensão no início de 1919. Na capital, temiam a restauração de símbolos cristãos na Mesquita de Hagia Sofia onde houve uma manifestação, que foi contida pelos guardas otomanos, nas terras distantes da Anatólia. Ingleses, franceses e americanos auxiliavam armênios a recuperarem parte de suas terras e bens capturados durante as deportações. Além disso, a notícia do desembarque de tropas gregas em Esmirna, deu origem a inúmeros grupos turcos milicianos que se organizam contra a ocupação dos Aliados, esta organização possibilitou uma revolta por parte dos turcos, que realizaram ataques contra as pequenas populações gregas e armênias cristãs que ainda restavam na região próximas ao Mar Negro. Estas revoltas foram rapidamente detectadas pelos

Altos Comissários que, imediatamente, pressionaram o Sultão para tomar medidas necessárias para controlar a anarquia na costa do Mar Negro.

Quase que imediatamente, o Sultão designou o general Mustafa Kemal Pasha para restaurar a ordem na região. Kemal era um general da reserva e tinha plenos conhecimentos sobre os grupos de milícias turcas que lutavam para manter seus lares diante da ocupação estrangeira, era um grande e feroz defensor do nacionalismo turco, mas diante da situação em que se encontrava, mantinha-se em silêncio. Após sua partida para conter a anarquia, um oficial inglês localizou Kemal na lista de perigosos criadores de problemas. Porém, era tarde demais, Kemal já havia partido para sua missão.

Assim que a capital otomana foi ocupada, muitos dos antigos militares e parlamentares turcos que eram favoráveis ao governo dos *Jovens Turcos* eram, em sua maioria, nacionalistas como Kemal. Portanto, se exilaram tanto para fora do império quanto para áreas periféricas no interior da Anatólia temendo serem presos ou perseguidos pelos Altos Comissários. Quando a notícia do exílio destes oficiais e políticos chegaram ao conhecimento dos oficiais britânicos, logo sugeriram ao Sultão o retorno de general Kemal à capital. Assim que soube da expedição da ordem pelo Sultão para seu retorno à Constantinopla, Kemal se recusou a retornar e renunciou ao cargo. Agora, Kemal passava de general otomano para líder de uma resistência turca no interior da Anatólia.

Meses após renunciar ao cargo, foi realizado um congresso na cidade de Sivas e Erzurum, onde estavam presentes os delegados da “Defesa do Direito Nacional” e Mustafa Kemal como presidente eleito do comitê preparatório onde emitiram uma declaração que ficou conhecida como “Pacto Nacional”.

“O manifesto defendia que os de etnia turca tinham o direito à autodeterminação, que a Anatólia e toda a Turquia europeia constituíam uma identidade indivisível em que não poderia existir estado armênio ou grego e que os aliados deviam abandonar seus planos de dividir o império e controlar o governo de Constantinopla” (PALMER, 1992, p.249).

Este manifesto foi enviado pelos membros do congresso à Constantinopla, através do Ministro da Marinha otomana, que se reuniu com Kemal em uma pequena cidade no interior do império. Além da declaração, Kemal exigiu que fosse realizadas eleições para um parlamento que fosse reunido em uma cidade livre do domínio estrangeiro e pudesse designar os delegados para a Conferência de Paz para tratar

dos acordos pós-guerra. Os termos foram prontamente rejeitados pelo Grão-Vizir e pelo Sultão que, de forma alguma, se reuniria fora de Constantinopla. Mesmo com a negativa do Sultão, os nacionalistas turcos prosseguiram e as eleições ocorreram e o parlamento otomano reviveu na capital apoiado pelo movimento nacionalista, que se tornou um “Governo Provisório”, que se estabeleceu em Ankara, ponto estratégico, pois estava longe do domínio estrangeiro e de difícil acesso para tropas do império.

A formação deste novo parlamento e o “Governo Provisório” alertavam os Altos Comissários ingleses, que discutiam formas de se opor ao Pacto Nacional. Antes e durante a guerra havia muitos acordos secretos entre os aliados da Entente sobre uma possível divisão do império otomano e suas regiões em caso de vitória. Itália, França, Inglaterra e, até mesmo, seus pequenos aliados como a Grécia, tinham interesse em diversas áreas dos Bálcãs, Anatólia, Oriente Médio e nos Estreitos. Certamente, a assinatura do Pacto Nacional e a força do movimento nacionalista turco colocavam em xeque todos esses acordos. No começo de março de 1920, soldados e marinheiros ingleses tomaram os principais prédios de Istambul e Pera, ocuparam também o Ministério da Guerra onde prenderam parlamentares e burocratas de maior nível e estabeleceram a lei marcial<sup>47</sup> em toda a capital.

Diante desta situação Mehmed VI ainda insistia em governar seu império devastado. Aos olhos dos otomanos, as melhores decisões que o Sultão poderia ter tomado teria sido se colocar em oposição à ocupação inglesa ou se colocar à disposição, como Sultão-Califa, ao lado de Kemal e os nacionalistas turcos. Porém, o Sultão passou a colaborar ainda mais com os ingleses na tentativa de manter a tradição do seu império. Então, declarou que Kemal e seu comitê eram traidores e que todos deveriam ser fuzilados.

Em Ankara, uma Suprema Assembleia Nacional foi estabelecida para dar prosseguimento ao parlamento otomano que foi fechado na Capital. Já Kemal não dava importância à declaração do Sultão otomano. Propôs até que Mehmed VI e seus possíveis sucessores tivessem lugar como Sultão-Califa no sistema constitucional que estava sendo discutido. No mesmo instante em que estavam reunidos em Ankara, os Aliados se organizavam na Conferência de San Remo, na Itália, para definir os termos

---

<sup>47</sup> Lei imposta por autoridade militar quando no controle da administração do Estado, muitas vezes suspendendo o direito às liberdades fundamentais do cidadão, com a justificativa de estar protegendo a população em caso de emergência ou perigo.

dos tratados de paz. Este acordo não foi nada satisfatório para os turcos. Na segunda semana de junho de 1920 foram apresentados ao público:

Avançando a fronteira grega para leste, de modo a incluir Edirne e toda a Trácia até as Linhas de Chatalja, o novo mapa deixaria Constantinopla com apenas 40km de *hinterland* na Europa. Ao mesmo tempo, a Grécia ficaria com oito ilhas no Egeu, enquanto Smyrna seria posta sob controle grego, apesar de conservar a soberania nominal otomana por cinco anos, após os quais haveria um plebiscito para decidir se a região permaneceria grega ou turca. Rhodes e o Dodecaneso foram cedidos à Itália. Um estado armênio independente, com acesso ao Mar Negro, incluiria a maior parte dos *vilayets* disputados, juntos com províncias russas de população armênia. Woodrow Wilson – ou os americanos que atuavam em nome do presidente doente – aceitaram uma proposta de arbitragem para determinar as fronteiras desse estado e espantaram até o turcófono Lloyd George ao atribuir a fortaleza de Erzerum e do porto de Trebizonda aos armênios. O tratado também propôs um Curdistão autônomo a leste do Eufrates, dando aos curdos o direito de reivindicar sua independência um ano mais tarde. Os Estreitos seriam desmilitarizados e controlados por uma comissão internacional. O exército otomano ficaria limitado a 50 mil homens, e a marinha se restringiria a navios para defesa costeira. As Capitulações foram revalidadas, a fim de beneficiar os comerciantes. Inglaterra, França e Itália controlariam em conjunto o orçamento do estado e os empréstimos públicos otomanos. (PALMER, 1992, p.253-254).

O acordo não foi bem recebido pelos turcos e até mesmo por um dos membros do exército francês, o Marechal Ferdinand Foch, que considerou o tratado como “uma ameaça à paz”. À medida em que a notícia sobre o acordo de paz se espalhava pelo império, os soldados e tropas leais ao Sultão desertavam e se colocavam à disposição de Kemal e os nacionalistas turcos que, semanas depois, começaram a resistir contra os termos abusivos. Um mês após os termos propostos, os representantes do Sultão viajaram até Sèvres e assinaram o tratado de paz. Mas, protestavam contra os termos impostos pelos vencedores, pois consideravam que a punição era severa demais.

Para os nacionalistas de Ankara, os termos também eram vistos como abusivos e afrontava o “Pacto Nacional”. Kemal não pareceu ser a favor da criação de um estado armênio, limitou-se a protestar e avançou em direção as terras armênias, após a assinatura do Tratado de Sèvres. Quando chegou às terras estipuladas pelo tratado entrou em conflito com armênios que, abalados pelo genocídio, se sentiram pressionados a assinar juntamente com as autoridades turcas o Tratado de Alexandropol, que garantiu a criação do estado da Armênia com uma área menor do que estipulada pelo Tratado de Sèvres e que garantiu uma fronteira russo turca que manteve-se até os anos da União Soviética. A partir deste acordo com armênios e russos, Kemal havia protegido seu lado leste e “passou a contar com armas e

equipamentos russos em sua luta contra o 'imperialismo ocidental'." (PALMER, 1992, p.255).

Os gregos aguardavam ansiosamente pela dissolução do Império Otomano após o Tratado de Sèvres e, diante da permissão para ocupar Esmirna, decidiram lutar contra as tropas kemalistas a fim de conter o avanço nacionalista turco e, com isso, negociar os termos juntamente com os representantes do Sultão. Com a obtenção de armas e equipamentos russos, Kemal pôde dar início a uma batalha contra os gregos na Anatólia, que se estendeu entre os anos de 1919 a 1922. Os turcos foram apoiados pelos italianos e franceses, que negociavam diretamente com representantes do Sultão, já os gregos tinham o apoio e fornecimento de mantimentos por parte dos ingleses. O apoio inglês aos gregos foi de curta duração. Após as eleições na Grécia, o rei Constantino I foi novamente elevado ao trono. Constantino havia sido exilado da Grécia por ingleses e franceses, em 1917, por ser considerado pró-germânico. Com o seu retorno ao trono, a Inglaterra cessou imediatamente seu apoio aos gregos.

O fim do apoio inglês resultou em um enfraquecimento do exército grego e permitiu que os revolucionários turcos conseguissem vitórias significativas em vários pontos da região. E assim que avançavam, rapidamente expulsavam os gregos para fora da Anatólia. Estas vitórias inflamavam ainda mais o povo turco na busca pelo nacionalismo. Em Constantinopla, até os membros do governo que apoiavam o Sultão, se tornaram pró-kemalistas.

O desfecho da guerra se deu em Esmirna, uma das mais sangrentas batalhas entre cristãos e muçulmanos. Esmirna era uma cidade portuária de grande importância comercial na região e nela viviam muçulmanos, gregos e armênios que não sofreram com as deportações durante a Primeira Guerra Mundial. Quando Kemal e seus soldados chegaram à grande cidade de Esmirna, os navios gregos já haviam retirado todo seu exército da cidade portuária. Assim, os habitantes da região também decidiram embarcar pois temiam os turcos, mas acabaram sendo impedidos de fazê-lo. Então houve um caos generalizado, onde gregos e armênios lutavam para se manterem vivos. De início, a chegada das tropas turcas parecia ser pacífica a fim de manter o controle na região já que não havia tropas gregas para que tivesse de fato um enfrentamento.

O cenário rapidamente se alterou, bairros gregos e armênios foram saqueados, casas foram invadidas pelos soldados turcos, mulheres foram sequestradas e abusadas, homens eram decapitados, fuzilados e, muitas vezes, eram espancados até à morte nas ruas. Aqueles que tentavam fugir da cidade eram barrados por um cordão de soldados turcos nas principais saídas da cidade que os forçavam a retornar. Muitos, em estado de desespero, se lançavam ao mar e morriam afogados; outros, nadavam até navios e embarcações estrangeiras que estavam atracados nas proximidades do porto, mas eram impedidos de subir a bordo. O terror se manteve por vários dias, soldados turcos espalhavam combustível por todos os bairros gregos e armênios e atearam fogo, o incêndio provocado levou uma das maiores cidades portuárias da região às cinzas.

**Imagem 21:** Fumaça provocada pelo grande incêndio na cidade de Esmirna em 1922



Fonte: Autor Desconhecido. Disponível em: <<https://www.diarioarmenia.org.ar/95-aniversario-del-genocidio-kemalista-de-griegos-y-armenios-masacrados-en-el-incendio-de-esmirna/>> Acesso em 25/10/2019.

Após duas semanas presenciando suas casas e bairros sucumbirem ao fogo e seus parentes e vizinhos serem mortos pelas formas mais cruéis possíveis, os sobreviventes dos massacres lutavam por um auxílio que os retirassem da situação. Para os sobreviventes, era expressamente necessária uma ajuda, pois Kemal havia expedido um decreto que previa deportar todos os cristãos que estivessem em solo turco até o dia 30 de setembro de 1922 para o interior da Anatólia, com destino e condição incertos.

Com a vitória sobre os gregos, Kemal visava recuperar outras áreas do Império, como a capital Constantinopla e rever o Tratado de Sèvres. Kemal agora tinha certo prestígio e amedrontava grande parte de seus inimigos. Portanto, não estava decidido a parar de lutar pelos seus objetivos e, com isso, continuou avançando. Por muito pouco não se deu o início de uma guerra entre turcos e ingleses quando as tropas turcas chegaram a Galípoli. Os ingleses prontamente iniciaram negociações para conter o avanço das tropas kemalistas. Ficou estabelecido que os turcos deveriam conter o avanço fazendo com que a área permanecesse neutra e, em contrapartida, a capital otomana seria devolvida, mas somente após o acordo de paz.

Em 15 de outubro de 1922 foi assinado o armistício que colocava o fim do confronto. Este armistício previa a retirada de toda a população grega da região que havia sido retomada durante a guerra greco-turca. A ordem de retirada das populações foi, posteriormente, incorporada pelo Tratado de Lausanne<sup>48</sup>, que substituiu o Tratado de Sèvres. Neste novo tratado houve inúmeras modificações, entre elas uma troca populacional foi negociada, na qual gregos e armênios que viviam em solo otomano foram transportados pacificamente até a Grécia e os muçulmanos que viviam em solo grego foram transportados para as terras do Império Otomano.

Na capital o Sultão Mehmed VI estava cada vez mais incerto de sua permanência como Sultão Califa, pois perdera a maior parte dos seus apoiadores e o avanço e conquista de Kemal o tornara ainda mais frágil e impopular. Após a vitória turca e a assinatura do Tratado de Lausanne, Mustafa Kemal sugeriu abolir o sultanato. Embora fosse difícil para os turcos se desprenderem de suas raízes, que se fixaram ao longo de sua história durante mais de quinhentos anos, com a presença de um sultão-califa, a decisão tinha que ser tomada. Assim que colocada e votada, essa sugestão de Kemal na Suprema Assembleia Nacional, aboliu o sultanato. Mehmed VI ainda permanecia como Califa, mas não possuía mais o status de soberano. Vendo sua derrota e muito de seus ajudantes pessoais desertarem, o último sultão otomano percebeu que sua vida corria risco na capital. Rapidamente, solicitou ajuda ao governo inglês que prontamente elaborou um plano de fuga secreto para sua

---

<sup>48</sup> É um tratado de paz assinado em 24 de julho de 1923 na cidade suíça de Lausanne. Neste acordo estavam presentes Reino Unido, França, Itália, Japão, Grécia, Romênia, Reino dos Sérvios, Croatas e Eslovenos, e Turquia. O acordo marcou o reconhecimento da nova República da Turquia como sucessora do Império Otomano e anulou o tratado de Sèvres, de 1920, que havia sido assinado com relutância pelo governo otomano de Istambul.

retirada de Constantinopla. Mehmed VI partiu secretamente de Constantinopla e se exilou na Itália, onde faleceu em 1926. O Tratado de Lausanne, a abolição do sultanato e a fuga do sultão marcaram o fim do Império Otomano e possibilitaram a formação de uma nova república turca, que se mantém até os dias de hoje.



## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso estudo teve, como objetivo principal analisar os fatores políticos, culturais e econômicos em vista da compreensão do genocídio promovido pelo Império Otomano contra o povo armênio durante a Primeira Guerra Mundial. Para tanto discorreremos sobre a história dos armênios e dos turcos otomanos a fim de investigar o confronto inicial entre os dois povos.

Verificou-se que a perseguição ao povo armênio se deu por diversos fatores, destacando que os armênios eram um povo cristão que vivia em um território muçulmano, possuíam uma maior concentração de renda e facilidade comercial tanto interna quanto externa em relação aos otomanos, passaram a se organizar politicamente a fim de buscar direitos iguais e condições de vida melhor em relação aos muçulmanos. Essa condição se deu após a divisão da Armênia entre russos e otomanos. Após essa divisão foi possível notar uma grande mudança do governo otomano com relação aos armênios que viviam em solo otomano, o que é a chamada *Questão Armênia*.

No fim século XIX encontramos relatos dos primeiros ataques às comunidades armênias, sob ordem do Sultão Abdul-Hamid, após a aparição dos grupos políticos armênios que, percebendo a falta de apoio e proteção do governo otomano, passaram a se organizar a fim de defender suas comunidades dos saqueadores nômades. As obras acadêmicas e os depoimentos analisados nos apresentaram descrições claras sobre o tratamento dado às comunidades armênias pelos soldados do Sultão, tais como saques, torturas e assassinatos, pois aos olhos do Sultão otomano, o movimento dos partidos políticos armênios apresentava uma característica revolucionária contra a soberania otomana. Os primeiros ataques causaram grande impacto no cenário mundial, as potências europeias prontamente se colocaram contra os atos do Sultão otomano que teve de recuar e cessar os ataques àquelas comunidades.

No campo político, pudemos constatar a mudança da postura otomana após as sucessivas perdas territoriais, sob o comando do Sultão Abdul-Hamid. Durante os

primeiros anos do século XX verificamos os ataques nos Bálcãs e nas demais extensões do império. Provocados por grupos revolucionários supremacistas, estes grupos alertaram as potências europeias envolvidas que, junto ao governo otomano, realizaram reformas e tratados, os quais resultaram em grandes perdas territoriais para os otomanos. Estas perdas territoriais foram o suficiente para que grupos políticos otomanos pressionassem o Sultão, em especial, o Comitê de União e Progresso otomano, que conseguiu dar fim à soberania de Abdul-Hamid. Este processo político foi apoiado por diversos grupos, inclusive armênios, pois os líderes do Comitê de União e Progresso prometiam a volta de uma Constituição que havia sido revogada em 1878, que traria inúmeros benefícios aos povos não muçulmanos que viviam em solo otomano, como a igualdade de raça e religião e a reorganização dos governos já existentes, além da convocação de um Parlamento.

Embora a volta da Constituição e a formação do Parlamento fosse vista com bons olhos pelos armênios e pelos povos não muçulmanos, constatamos que no ano seguinte, após a restauração da Constituição, a população armênia sofreu um massacre, em Adana, no qual foram mortos entre 10 a 30 mil armênios. Esse massacre se deu por conta da volta dos poderes momentâneos do Sultão Abdul-Hamid apoiados pelos puristas otomanos que não conseguiam legitimar o novo governo do Comitê de União e Progresso.

O aumento da perseguição aos armênios é notável após a divisão da Armênia. Os confrontos eram, em sua maioria, provocados pelos próprios otomanos ou, mais precisamente, pela negligência apresentada com relação aos pedidos das comunidades armênias, pois qualquer pedido de ajuda ao governo era visto como uma forma de revolta, seja para garantir proteção às cidades, ou ainda, direitos iguais, já que conviviam por séculos em harmonia com os otomanos e eram súditos pacíficos.

Ressaltamos a importância do movimento iniciado pelo Comitê de União e Progresso em parceria com o governo alemão entre os anos de 1909 até a entrada da Turquia na Primeira Guerra Mundial. Esta parceria contribuiu em muito para a realização e o estudo sobre o planejamento do genocídio armênio, primeiramente por causa da entrada da Turquia na guerra em apoio à Alemanha e ao Império Austro-Húngaro, temendo que seu território fosse dividido em caso de vitória dos alemães. Em segundo lugar pelo fato de que a guerra serviu como um desvio de atenção para se colocar em prática a realização do genocídio armênio por parte das autoridades otomanas e, por

fim, mais não menos importante, pela incorporação de táticas de deportação que já haviam sido utilizadas pelos alemães contra outros povos.

Tendo a guerra mundial como centro das atenções do mundo, os governantes otomanos realizaram diversas mudanças políticas a fim de perseguir os armênios, a razão do início das perseguições deu-se durante uma batalha em Sarikamish, na qual as tropas otomanas foram derrotadas. Ao fim da batalha, os soldados armênios foram acusados de desertar e integrar as tropas russas, além de praticarem atos de guerrilhas contra os otomanos. Após esta acusação de traição, os governantes otomanos passaram a sancionar leis com o intuito de prender e expulsar os armênios sem seu território. A assinatura da Lei das Deportações desencadeou os crimes que estavam por vir. Posterior à assinatura da lei, aproximadamente 600 intelectuais armênios foram presos e assassinados pelo governo turco, pois foram considerados revolucionários. Com a morte dos homens mais influentes do povo da população armênia eles foram obrigados a partir em uma marcha para a morte, caminhando para deserto de Deir-Zor, onde sucumbiam devido às doenças, fome e pelos abusos nas mãos dos soldados turcos.

Salientamos o posicionamento dos líderes do governo otomano e do governo alemão em relação aos atos cometidos contra a população armênia, através de uma análise dos depoimentos do embaixador americano Henry Morgenthau em conversa com os principais líderes do governo otomano, Talaat Pasha, Enver Pasha, concluímos, a partir daí, que a intenção dos governantes otomanos era, de fato, retirar todos os armênios do seu território, e que a *Questão Armênia* seria resolvida de uma vez por todas. Já o diplomata alemão Hans Humman, corroborou com a política turca em relação aos armênios e que seus aliados só estariam realizando esses atos para salvar a nação otomana.

Diante disso, destacamos que, mesmo após o fim da guerra e dos crimes cometidos entre os anos de 1915-1917, estes não foram suficientes para conter a rivalidade entre otomanos e armênios. Durante o processo da queda do Império Otomano, constatamos as tensões políticas ocasionadas pelos tratados de paz, os quais geraram a ocupação da capital Constantinopla pelos ingleses e a chegada de tropas gregas em Esmirna. Essas ocupações serviram como combustível para o processo da independência otomana, que não aceitaram os primeiros termos do acordo. A recusa dos termos pós guerra culminou em um outro acordo forçado entre

turcos e armênios, estabelecendo uma fronteira menor do que a estabelecida pelo Tratado de Sèvres para a criação de um Estado armênio, o que também gerou o início de uma guerra interna entre gregos e turcos, que só terminou com a tomada da cidade de Esmirna onde milhares de armênios que viviam na cidade foram mortos.

A relevância deste trabalho está em abordar a memória de uma nação que busca, até hoje, o reconhecimento total dos crimes, principalmente pela autora do genocídio. Uma nação que, mesmo perdendo cerca de 1,5 milhões de pessoas, ainda se mantém fielmente disposta a conseguir o reconhecimento como forma de justiça, para que estes crimes nunca caiam em esquecimento e para manter viva a memória de todos aqueles que morreram sem cometer crime algum contra o povo otomano. Não consideramos todavia, esta pesquisa conclusiva, pois, recentemente no dia 29 de outubro de 2019 houve o reconhecimento do genocídio por parte do governo americano, o que poderá gerar consequências futuras na história da Armênia e da Turquia. Assim, esperamos que, no futuro, outros pesquisadores se interessem em continuar as investigações em relação a este tema, inclusive eu mesmo.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, Lígia Cristina Sanchez de. **Armênios e Gregos Otomanos: a polêmica de um genocídio**. 2013. 157 f. Dissertação (Mestrado em História Social) – USP, São Paulo, 2013. Disponível em: <[https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13112013-124311/publico/2013\\_LigiaCristinaSanchezDeAlmeida\\_VCorr.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-13112013-124311/publico/2013_LigiaCristinaSanchezDeAlmeida_VCorr.pdf)>.

Acesso em: 15/03/2019.

ARLEN, Michael J. **Passagem para Ararat**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

BRYCE, Lorde James; TOYNBEE, Arnold. **Atrocidades turcas na Armênia**. São Paulo: Paz e Terra, 2003.

HOBBSAWN, Eric. **Era dos Extremos: O Breve Século XX 1914-1991** 2 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

KERIMIAN, Nubar. **Massacre de armênios**. São Paulo: Comunidade da Igreja Apostólica do Brasil, 1998.

KIRK, George Edward. **História do Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

LEWIS, Bernard. **O que deu errado no Oriente Médio**. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

MORGENTHAU, Henry. **A história do embaixador Morgenthau**. São Paulo: Paz e Terra, 2010.

OHANIAN, Pascual Carlos. **La Cuestión Armenia y las Relaciones Internacionales**. Tomo I (1839-1896). Buenos Aires: Institución Armenia de Cultura Arshak Chobanian, 1975.

PALMER, Alan. **Declínio e queda do Império Otomano**. São Paulo: Editora Globo S.A, 2013.